

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR**

Patrícia Cristine Pereira

**EDUCAÇÃO SEXUAL FAMILIAR E RELIGIOSIDADE
NAS CONCEPÇÕES SOBRE MASTURBAÇÃO DE
JOVENS EVANGÉLICOS**

Araraquara
2014

Patrícia Cristine Pereira

**EDUCAÇÃO SEXUAL FAMILIAR E RELIGIOSIDADE NAS
CONCEPÇÕES SOBRE MASTURBAÇÃO DE JOVENS
EVANGÉLICOS**

Dissertação de Mestrado como requisito
para obtenção do título de Mestre à
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Programa de Pós-
graduação em Educação Escolar – sob
orientação da Prof.^a Dra. Ana Cláudia
Bortolozzi Maia. Projeto de Pesquisa
financiado pela FAPESP (Processo n.
2013/11888-0)

Araraquara
2014

PEREIRA, Patrícia Cristine.

Educação Sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos/
Patrícia Cristine Pereira, 2014.

151 f.

Orientadora: Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014.

1. Masturbação. 2. Religiosidade. 3. Educação para a sexualidade. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE PATRICIA CRISTINE PEREIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA.

Aos 14 dias do mês de agosto do ano de 2014, às 14:00 horas, no(a) sala 107, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANA CLAUDIA BORTOLOZZI MAIA do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. PATRICIA PORCHAT PEREIRA DA SILVA KNUDSEN do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof. Dr. PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO do(a) Departamento de Psicologia Da Educação / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de PATRICIA CRISTINE PEREIRA, intitulada "Educação Sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. ANA CLAUDIA BORTOLOZZI MAIA


Profa. Dra. PATRICIA PORCHAT PEREIRA DA SILVA KNUDSEN


Prof. Dr. PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. Masturbação: conceitos e revisão teórica	23
1.1. Antiguidade: Bases da cultura ocidental	28
1.2. Idade Média: consolidação do cristianismo e surgimento do protestantismo	31
1.3. Emergência da sociedade moderna	38
1.4. Vivência da sexualidade e religiosidade na contemporaneidade	47
1.5. Educação Sexual	66
MÉTODO	75
Participantes	75
Materiais	78
Procedimentos	80
Procedimentos éticos	81
Procedimento de Coleta de Dados	81
Procedimento de Análise dos dados	83
RESULTADOS	86
1. Concepções sobre masturbação	86
2. Percepção de educação sexual sobre masturbação	90
3. Constituição de ethos privado e religioso	104
4. Análise dos relatos dos participantes sobre masturbação, família e religião, quando expostos às situações projetivas.	113
DISCUSSÃO	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos participantes.....	p. 78
Quadro 2 – Roteiro de entrevista.....	p. 80
Quadro 3 – Categorias de análise.....	p. 85
Quadro 4 – Questões norteadoras das situações.....	p. 85

Ao Cauê e ao Gabriel

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, cujo auxílio financeiro tornou viável a realização e a divulgação desta pesquisa.

Aos meus pais, pelo suporte material, psicológico e emocional que me mantiveram firme por todos esses anos. À minha mãe, por me ensinar que a mulher pode fazer tudo que acha que deve e muito mais do que supõe. Ao meu pai, meu maior incentivador e maior crítico.

Ao meu irmão, pelo contínuo encorajamento, por acreditar em mim, sempre me vendo, com seus óculos cor-de-rosa, como uma pessoa muito melhor do que realmente sou.

À minha “irmã”, Vanessa, por sempre ser uma referência, a minha caminhada começou seguindo os seus passos. Por toda a ajuda, atenção e carinho que sempre me ofereceu e pelos recomeços.

À minha família como um todo: padrinho, tios/as, primos/as que são todos/as, felizmente, um pouco de pai e de mãe, irmão e irmã que me cercaram de amor e força toda a minha vida.

À minha orientadora, que me mostrou o caminho da pesquisa e soube soltar aos poucos da minha mão. Por abrir sua casa e me dar a chance de conviver com suas filhas Bruna e Beá.

Às minhas “roomies¹” pelo amor e partilha. Por serem mulheres que me inspiram e ótimas jornalistas que revisaram e corrigiram este trabalho.

À Ana, Natália, Raquel, por serem amigas preciosas, por toda a ajuda e também por saberem como diminuir o peso.

Aos/Às meus/minhas amigos/amigas viajantes, Márcio, Marcela e Larissa, pelas conversas edificantes, pelo ouvido cúmplice das lamentações e pelas caronas BRU-ARA.

¹ Colegas de casa

Ao Vinícius, à Laranja, à Simone, à Cristiane, à Mariana e ao Hamilton, pelos “galhos quebrados”, pelas caronas, por me hospedarem e pelos documentos escaneados que salvaram minha vida.

Ao GEPESSEC, por me acolher e proporcionar meu amadurecimento enquanto pesquisadora, além de contribuir com o enriquecimento crítico deste trabalho.

À Cristiane, à Patrícia e ao Paulo pelas excelentes pontuações que contribuíram imensamente na construção desta dissertação.

À Amanda, Tati, Deise e Nicole pela amizade e ajuda no recrutamento dos/as participantes.

Aos/Às amigos/as da Letras, por entenderem e me darem força, especialmente à Thais e ao Dahlin, pela ajuda nos trabalhos e na dissertação.

Aos/Às participantes, por confiarem em mim, dividirem comigo suas histórias e tornarem possível esta pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Minha orientadora costuma dizer que sempre há alguma motivação pessoal em nossas escolhas acadêmicas. Penso que minhas motivações para estudar sexualidade contam um pouco da história da minha educação sexual. Sexualidade sempre foi tema recorrente em casa, e, apesar, de certos valores velados, posso dizer que tive uma educação sexual aberta. Afinal, concordando ou não com minhas opiniões e atitudes, meus pais sempre me deram liberdade de viver como achava que devia. O mais importante é que eles me deram condições de pensar diferente. Sempre fui incentivada a estudar, ler e conhecer o mundo de forma mais crítica.

Na adolescência, uma das coisas que mais me intrigavam era o porquê as mulheres não falavam sobre masturbação. A gente falava de tudo, mas esse era um assunto intocável. Ao mesmo tempo que me sentia uma estranha no ninho, achava que era necessário alertar o mundo que não era verdade que “as meninas não faziam isso”. Lembro-me das “polêmicas” que me envolvia com os garotos e garotas da minha turma afirmando que as meninas também se masturbavam e também tinham desejo.

Nunca consegui decidir entre prestar Letras ou Psicologia. Prestei os dois e acabei passando em Psicologia. Mas, minha paixão pela literatura, me fazia ficar “caçando” algum/a professor/a que trabalhasse em uma intersecção dessas áreas. Durante uma “investigação” ao currículo Lattes dos/as professores/as do departamento de Psicologia da UNESP/Bauru, encontrei uma professora que analisava livros de educação sexual infantil.

Lembro-me que fui procurá-la no departamento e ela me disse que fosse ao grupo de estudos no dia seguinte para me inteirar melhor do que se tratava sua linha de pesquisa. Aquela foi a primeira vez que fui ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura – GEPESEC, grupo que acompanharia toda a minha trajetória acadêmica.

No fim, a análise de literatura infantil era apenas mais um projeto dentre tantos que ela realizava, mas, isso não teve a menor importância! Foi amor à primeira vista tanto pelo tema, quanto pela orientadora, a Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Bortolozzi Maia, ou simplesmente a Cau. Desde o momento em que cheguei à sua sala, perguntando se podia participar do seu projeto, ela me acolheu e me proporcionou mergulhar no

universo da pesquisa e da sexualidade. Finalmente, havia achado meu lugar na Psicologia.

No início de 2008, adiantei as disciplinas que a Cau oferecia ao quarto ano do curso (Desenvolvimento e Educação Sexual e Questões Especiais da Sexualidade Humana), além de participar do grupo e me aprofundar nas leituras, buscando iniciar um projeto de Iniciação Científica. No terceiro ano ainda, participei de um curso de formação para professores e uma palestra para pais sobre sexualidade infantil.

Em 2009, começamos a desenvolver um projeto de extensão na creche mantida pela Universidade, o Centro de Convivência Infantil – CCI. O projeto “Sexualidade Infantil: orientação para pais e professores” era realizado por mim e mais duas alunas: a Marcela e a Raquel, sob a orientação da Cau.

O dia-a-dia da creche, as manifestações sexuais infantis e a reação das professoras fizeram com que muitas das minhas inquietações voltassem. Em especial, me intrigava o quanto a masturbação infantil desconcertava as professoras, especialmente quando realizada por meninas. O cotidiano escolar serviu de base para o desenvolvimento de um projeto sobre as concepções sobre masturbação. Em 2009, demos início a uma pesquisa de iniciação científica, sobre o tema com jovens universitários, que contou com o auxílio financeiro da FAPESP.

O projeto teve como objetivo investigar as concepções sobre masturbação de jovens universitários em relação à faixa etária, relacionamento amoroso e gênero relacionando-os aos valores religiosos e a educação sexual familiar e escolar recebida. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário com questões abertas e fechadas. Ao todo, participaram da pesquisa 232 estudantes da UNESP/Bauru. A pesquisa começou a ser realizada em março de 2009 e durou até agosto de 2010.

Em 2010, além da iniciação científica, comecei a realizar um estágio em Psicologia Escolar, sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Marisa Eugênia Melilo Meira e em parceria com a Marcela. A nossa linha de trabalho era “Orientação Sexual” e os participantes eram alunos do 9º ano de uma escola municipal de Bauru. O estágio foi uma experiência muito importante na minha formação. Os temas trabalhados fizeram com que eu me aprofundasse ainda mais na literatura. As dificuldades e problemas enfrentados no dia-a-dia da escola me ensinaram a ter jogo de cintura e didática. Eu me senti a vontade na sala de aula e percebi que a escola era o lugar onde eu gostaria de atuar e a Educação, o campo onde eu gostaria prosseguir meus estudos.

Os resultados da minha iniciação científica indicaram que havia alguma correlação entre pessoas que se declaravam como muito religiosas e concepções sobre sexualidade relacionadas a amor e relacionamento e de desconforto relacionado à masturbação. A educação sexual familiar também foi referida como muito importante na infância e na vida atual dos participantes. A pergunta sobre a educação sexual familiar e valores religiosos avaliava como o participante a percebia e não quais eram seus conteúdos. Diante disso, decidi desenvolver um projeto que investigasse o que é dito sobre masturbação pela família e pela religião, tema desta pesquisa.

Por fim, acho importante frisar que, no começo deste trabalho não sabia exatamente a dimensão do campo “religião”. Entendo que muitas análises e caminhos poderiam ser tomados do ponto de vista social e antropológico. Mas, meu local de fala é o da Psicologia da Educação e minha intenção é entender a construção da subjetividade desses/as jovens, materializada em suas crenças e concepções.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva que teve por objetivo investigar as concepções sobre masturbação de jovens evangélicxs e a educação sexual recebida pela família, religião e escola sobre o tema na percepção dxs mesmxs. A coleta de dados se baseou na confecção de um diário de campo e um roteiro de entrevista, contendo questões abertas distribuídas em blocos temáticos: *Família; Princípios religiosos; Sexualidade, práticas sexuais, opinião da família e religião; Escola e Situações projetivas* e contou com a participação de oito jovens. Os resultados mostraram que os/as jovens conceberam que a masturbação seria *uma forma de obter prazer sem o (a) parceiro (a) do sexo oposto; alívio de tensão e autoconhecimento*. Percebeu-se que, especialmente a família não abordou o tema de forma direta, ensinando-o de forma indireta por meio da educação do que seria a expressão sexual correta. O assunto só foi abordado pela escola de dois participantes. Nesses casos, a prática foi referida como normal e positiva para o desenvolvimento. De modo indireto o assunto era tema de conversas masculinas, com propagação de dúvidas e mitos. Na opinião de alguns/mas participantes, segundo a igreja, a masturbação seria pecado por tratar-se de um respeito aos planos de Deus, que criou a sexualidade para ser desfrutada de forma conjugal. Outras opiniões sugeriram que a masturbação não seria pecado, mas uma impureza que poderia levar ao pecado. Com base no relato dos/as participantes, tanto a religião quanto a família ensinaram que a sexualidade para ser correta aos olhos de Deus deveria ser genital, conjugal, heterossexual e adulta. Por meio do relato dxs jovens percebeu-se que às mulheres são destinadas as precauções e orientações de não provocar o homem; não fazê-lo pecar. Ao mesmo tempo, aos homens existe um discurso mais condescendente às “falhas”. As divergências entre as opiniões pessoais e valores familiares e religiosos advieram do conhecimento científico e a influência de amigos e mídia, motivo pelo qual se defende que a escola é o espaço ideal para trabalhar temas relacionados à sexualidade. Nesse sentido, elucidar as concepções que as pessoas carregam e quais os discursos estão na base dessa construção tem o intuito de pensar possibilidades de trabalho que façam xs alunxs refletirem de forma crítica a respeito dos valores e concepções por eles/elas assimilados.

PALAVRAS-CHAVE: Masturbação. Educação sexual. Religiosidade. Sexualidade. Gênero.

ABSTRACT

The present dissertation is a descriptive qualitative study which aimed to investigate the conceptions of religious young people concerning to masturbation and the perceptions of them about how their sex education received by family, religion and school was. The data collection was based on a diary making and on an interview guide in which discursive questions were divided into thematic blocks: Family; Religious principles; Sexuality; Sexual practices; Family and religious opinion; School and projective situations. The study had eight participants. The results showed that they conceived masturbation as a way to get pleasure without an opposite sex partner, stress relief and self-knowledge. It was noticed that family, specially, did not approach the issue straightly. In this case, masturbation was taught indirectly through the education of what should be the right expression of sexuality. Only two participants had the issue addressed by school. In these particular cases, the practice was referred as common and positive for development. Indirectly, the subject was approached on men's conversations accompanied by a wide spread of doubts and myths. In some participants' view, according to the church, masturbation would be a sin because it is a disrespect of God's plan, which created sexuality to be enjoyed by married people. Other opinions suggest that masturbation was not a sin, but a dirty which could lead to sin. Based on the reports of the participants, both, religion and family, affirm that sexuality, based on God's will, should be genital, marital, heterosexual and adult. By reporting was noticed that young women have received the precautions and guidelines not to provoke men; not leading them to sin. Simultaneously, men have received a more patronizing speech about their "failures". Divergences between personal opinions and family and religious values were derived from scientific knowledge and the influence of friends and media, which is why, it is discussed that the school is the ideal place to work on sexuality topics. The authors believe elucidating the concepts that people carry with them and which discourses are behind this construction intends to think about effective projects that could help students to reflect in a further critical manner about their sexual education.

KEY WORDS: Masturbation. Sexual education. Religiosity. Sexuality. Gender.

INTRODUÇÃO

Foucault (1988) argumenta que o desenvolvimento das sociedades modernas e a emergência do Estado fez nascer uma nova forma de regulação social: a “sociedade disciplinar”, por meio do refinamento da vigilância e controle. O autor analisa a passagem do poder soberano exercido em nome da lei, como uma força negativa (“Não faça”), apoiado na ameaça de morte, ao poder enquanto força positiva, ancorado na possibilidade do prolongamento da vida.

A possibilidade de prolongamento da vida advinha das ciências que começaram a produzir conhecimento sobre a espécie e o funcionamento do organismo. O poder foi transformado em controle disciplinar por meio da instalação de medidas higiênicas e profiláticas que deixariam o corpo menos sujeito ao acaso biológico (FOUCAULT, 1988; WEEKS, 1999).

A inscrição das pessoas na nova forma de poder denominou-se bio-poder e implicou novos procedimentos de controle. A sexualidade que foi entendida como acesso “à vida do ser e à vida da espécie” ao mesmo tempo, passou a ser o foco da regulação. O corpo e as taxas populacionais passaram a ser controladas por meio de intervenções subjetivas e sociais (FOUCAULT, 1988).

O processo será apresentado no capítulo teórico do trabalho. Por ora, é importante destacar que para tornar este controle possível a estrutura social sofreu diversas transformações. A organização doméstica tornou-se menor e centrada na figura da criança, vista como o futuro da sociedade e da espécie, portanto, foco de investimento ideológico (ARIÈS, 1973; COSTA, 1999). Para tanto, a educação dos infantes foi reforçada com a criação da escola e a organização da família nuclear (pai, mãe/casal, filhos) (ARIÈS, 1973; FOUCAULT, 1988).

A todos os membros da família foram produzidos discursos em relação à sexualidade para seu controle e normatização. Os discursos direcionados à criança chamam a atenção por tratar-se de uma verdadeira guerra contra a masturbação. O fato do termo masturbação só ter surgido neste contexto sugere que só a partir da Idade Moderna é que a prática tornou-se motivo de preocupação. A estimulação das zonas erógenas para obtenção de prazer existiu em todas as épocas, porém só neste período é que se tornou foco de preocupação.

A masturbação foi tida com um desvio a sexualidade sadia. Era promulgado que a sexualidade desviada, por menor que fosse a irregularidade, levaria ao aniquilamento não apenas do indivíduo, mas da geração e da espécie. Para garantir que as pessoas se submetessem à nova lógica, em diversos pontos de constituição de saber se propagava o medo em relação às consequências que o desvio poderia trazer. Os desdobramentos desse processo de luta contra a masturbação são observados até os dias atuais, motivo pelo qual a prática é tema central desta pesquisa.

A religião, até o início da Idade Moderna, era a instância responsável por organizar a vida social e servir de base para a explicação dos fenômenos naturais. A estrutura religiosa era coerente com o poder soberano, apoiado na ameaça de morte. Com a passagem ao poder disciplinar, a garantia do prolongamento da vida advinha dos postulados e pressupostos científicos. O processo resultou em uma perda de status da religião na sociedade ocidental, de modo que a instituição passou a ser manifestação do mundo privado, e seus postulados e ritos passaram a fazer sentido somente àqueles indivíduos que partilhavam daquela crença.

Durkheim (2000) explica que a religião nasceu com o objetivo humano de dar sentido ao mundo, a partir da criação de uma simbologia capaz de explicar aquilo que não fazia sentido e trazia medo. A religião é, portanto, uma manifestação cultural, seus símbolos e rituais são representações arbitrárias de uma realidade que escapa aos homens. Os símbolos e rituais de cada religião são inteligíveis àqueles que partilham daquela representação (ALVES, 1981). A cultura é tanto a construção coletiva das representações e símbolos quanto à interpretação que se tem acerca deles (DURKHEIM, 2000).

Nesse sentido, a religião é essencialmente social, resultado do pensamento coletivo. Os símbolos religiosos refletem representações de todos os indivíduos que fazem parte do grupo (DURKHEIM, 2000). Nas palavras do autor

(...) debaixo do símbolo, é preciso saber atingir a realidade que ele figura e sua significação verdadeira. Os ritos mais bárbaros ou os mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual ou social (DURKHEIM, 2000, pág. VII).

O movimento de transição entre religião e ciência, na ordenação do mundo, como foi dito, fez com que a crença religiosa se tornasse uma concepção pessoal.

Concepção ou crença define-se como uma vivência psicológica no sentido de assumir a existência de dado objeto (DUARTE, 2005). Esta visão implica em alternativa de escolha à adoção de uma crença. Implica ainda, uma vivência particular do conteúdo religioso baseado na experiência e interpretação de cada um (DUARTE, 2005; 2006; MACHADO, 2006; SETTON, 2005; 2008).

Neste sentido, Duarte (2005, p. 141) entende que a vivência da religião na verdade se compõe de “três dimensões estruturantes”: religião; religiosidade e ethos religioso. A religião diz respeito ao aspecto material da instituição: os preceitos, a doutrina e os costumes. A religiosidade relaciona-se a “adesão”, a experiência do sujeito com o “aspecto material” e sua interpretação pessoal em relação àquela realidade. Ethos religioso configura-se como o modo pelo qual o sujeito vivencia a religião, ou seja, quais atitudes e crenças ele vai, de fato, adotar.

Este trabalho centra-se na vivência da religiosidade dos participantes, por entender que em razão da proeminência da experiência pessoal perante o fenômeno religioso, a forma como os indivíduos se relacionam com a religião seja mais relevante do que seus aspectos materiais. O foco na religiosidade, portanto, dá acesso a forma pela qual a religião é vivida pelo sujeito em sua vida cotidiana; como aquela crença é significada por ele.

A ênfase na interpretação pessoal da religião proporcionou que a experiência positiva fosse um fator importante na escolha de uma crença. A busca por convergência entre concepções pessoais e as regras morais impostas por uma instituição impulsionou divergências e rupturas que levaram a criação de novas instituições.

O crescimento da oferta religiosa se deu especialmente entre os grupos decorrentes da reforma protestante por razões que serão abordadas no decorrer do trabalho. Um panorama do cenário religioso brasileiro pode ser vislumbrado por meio dos levantamentos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. A entidade em conjunto com Instituto de Estudos da Religião - ISER desenvolveu uma classificação geral das religiões, primeiramente para o Censo Demográfico 2000. A cada censo as instituições se reúnem para fazer as atualizações necessárias.

Camurça (2011) e Camurça e Tavares (2006) apresentam uma análise detalhada e em números dos dados do Censo 2000 realizado pelo IBGE. O catolicismo continuava

sendo a religião mais professada no país com representatividade de 73,8% embora seus adeptos tivessem caído 11,7% em relação ao Censo de 1991. Os evangélicos representavam o segundo grupo mais numeroso, com 15,45% da população de adeptos.

A análise se torna importante quando se pensa que esse número representou um aumento de 70,7% de adeptos em relação a 1991. O grupo que se denomina sem religião passou de 4,8% a 7,3% entre 1991 e 2000. O IBGE considerou como evangélica todas as denominações advindas da reforma protestante. Porém, no Censo 2000, o órgão fez uma distinção entre evangélicos protestantes e pentecostais. É importante destacar, portanto, que o aumento do número dos evangélicos foi acentuado entre o grupo denominado pentecostal (CAMURÇA, 2011).

Pierucci (2011, p. 49) comenta que, ao contrário do que se prega, o cenário religioso atual brasileiro não é diversificado. Nas palavras do autor, o “pluralismo religioso aparece bem desmilinguido: quase binário”. O autor analisa o Censo de 2000 no qual os três maiores grupos se concentram entre os católicos, os evangélicos e os sem religião em contraste à realidade da década de 70, em que os contingentes se dividiam em: católicos, protestantes e espíritas. O autor comenta ainda que desconsiderando aqueles que não possuem religião o campo religioso brasileiro se restringe aos cristãos, “em sentido estrito”.

Em 2010, o IBGE realizou um novo Censo. Os números mostram que os católicos representaram 64,6% da população. Apesar de ainda representar a maioria, a religião diminuiu 12,5% em número de adeptos em relação ao período anterior. Os adeptos às religiões evangélicas representaram 22,2 % da amostra. O crescimento apesar de inferior ao período de 1991 a 2000, ainda foi grande, 43,7%.

Os evangélicos foram divididos entre pentecostais (13,3%), evangélicos de missão (4%) e não determinado (4,8%). As denominações serão explicadas ao longo do trabalho. No momento, é importante destacar que mais uma vez percebeu-se que os evangélicos continuam crescendo e o grupo pentecostal é que o mais cresce e agrega fiéis entre os evangélicos (IBGE, 2012; MAFRA, 2013).

Em 2000, a análise do IBGE indica uma ligeira mudança no cenário analisado por Pierucci (2011), na direção da pluralidade, marcada pelo discreto aumento do número de espíritas, a manutenção do número de praticantes das religiões afro-

brasileiras e um ligeiro aumento dos pertencentes a outras religiosidades (MAFRA, 2013).

Mafra (2013) argumenta sobre os problemas metodológicos do levantamento do Censo Demográfico, relativizando seu alcance e limites em descrever o cenário religioso. A averiguação da religião se pauta por uma única pergunta aberta e da forma como é feito hoje, é difícil determinar qual o efetivo vínculo que o respondente tem com aquela religião, bem como, delimitar precisamente a qual religião se refere.

De todo modo, é bastante expressivo o aumento dxs participantes de religiões evangélicas nos últimos anos e a participação deles nas esferas sociais e políticas. Como exemplo do processo têm-se a presença dxs evangélicxs na política, na universidade e nas mídias exercendo seu poder de influência e decisão, como pôde ser observado no processo de votação do Kit Anti-homofobia e das políticas de saúde do SUS (CARRARA, 2010; DANILIAUSKUS, 2011; MELO; FREITAS; PEDROSA; BRITO 2012; ROSSI, 2010). As razões para o fato serão abordadas ao longo do trabalho.

Diante da presença evangélica em esferas de domínio do Estado muito se questiona quanto à laicidade do Estado brasileiro e se essas manifestações de religiosidade são legítimas ou não. A laicidade é um dispositivo político de separação das instituições públicas e decisões políticas das instituições religiosas. Em outras palavras, diz respeito ao Estado prescindir da religião para organização e coesão social (CARRIÃO-TORRES, 2009 DINIZ; LIONÇO; CARRIÃO, 2010; ORO 2011).

A noção de laicidade, de modo sucinto, recobre especificamente à regulação política, jurídica e institucional das relações entre religião e política, igreja e Estado em contextos pluralistas. Refere-se, histórica e normativamente, à emancipação do Estado e do ensino público dos poderes eclesiásticos e de toda referência e legitimação religiosa, à neutralidade confessional das instituições políticas e estatais, à autonomia dos poderes político e religioso, à neutralidade do Estado em matéria religiosa (ou a concessão de tratamento estatal isonômico às diferentes agremiações religiosas), à tolerância religiosa e às liberdades de consciência, de religião (incluindo a de escolher não ter religião) e de culto (MARIANO, 2011, p. 244).

De acordo com Oro (2011) existem três modelos de estado laico: a laicidade intransigente, aberta e aberta com priorização de uma crença. O modelo intransigente se caracteriza pela expulsão das crenças religiosas da esfera pública. Nos modelos abertos, adota-se uma postura de aceitação ao livre pensamento e pluriconfessionalidade. Por

motivos históricos, algumas crenças se tornaram mais hegemônicas que outras, motivo pelo qual apenas uma crença é priorizada dentro de um ambiente que deveria ser plural.

Entende-se que este é o caso do Brasil, em que a confessionalidade católica em território brasileiro remonta todo o período colonial e imperial. Durante esse período as expressões religiosas eram reguladas pelo Estado. Mesmo após a proclamação da república e o reconhecimento da laicidade brasileira, as crenças não católicas sofreram sanções, especialmente o espiritismo e as religiões afro-brasileiras (CARRIÃO-TORRES, 2009; MARIANO, 2011, ORO 2011).

O privilégio católico só foi parcialmente perturbado com a ascensão do pentecostalismo no Brasil a partir da década de 70. Algumas concessões e benesses também se estenderam ao grupo evangélico, que em última instância também deriva do Cristianismo (MARIANO, 2011).

Por conta do privilégio histórico gozado pelos cristãos, hoje é difícil pensar em um estado laico pluriconfessional capaz de abarcar todas as crenças. A escola assiste ao reflexo disso, por meio da instituição do ensino religioso que é pouco regulamentado pelas Leis de Diretrizes e Bases – LDB fazendo com que a disciplina acabe ministrada de acordo com os preceitos e valores do próprio professor ou órgão responsável (JUNQUEIRA; FRACARO, 2012).

Posto isso, percebe-se que escola é permeada tanto por aspectos do controle sexual característico do contexto social em que ela foi criada quanto pela falha laicidade do Estado. Para tanto, torna-se necessário refletir sobre os valores e concepções pessoais e a percepção dos/as alunos/as sobre o ensino oferecido pela escola que extrapolam seus muros e seu conteúdo programático.

A observação do cotidiano escolar revela que há muitas conversas, brincadeiras, piadas e comentários que vão além do conteúdo curricular proposto - também permeado por ideologias e intenções. O “currículo oculto” perpassa as disciplinas que cada professor se propõe a ministrar e evidencia o quanto a escola educa sexualmente o tempo (FURLANI, 2007; JUNQUEIRA, 2012; 2010).

A escola e os profissionais que a formam estão permeados por valores, ideologias e concepções advindas de relações e informações recebidas das mais variadas instâncias culturais. As crianças, os/as adolescentes e os/as jovens, por outro lado, também congregam as informações recebidas e percebidas na escola aos diversos discursos que recebem dos/as amigos/as, família, religião etc.

Pensar em construir projetos educativos na área da sexualidade, obrigatoriamente, perpassa a investigação das concepções sobre o tema advindos da educação familiar e religiosa, tanto dos/as alunos/as quanto dos/as professores/as (BRITZMAN, 1999). A experiência das autoras desta pesquisa com a realidade escolar sempre perpassou inquietações em relação à masturbação: o mal estar dos/as professores/as, as brincadeiras pejorativas entre os/as adolescentes, as dúvidas e os tabus que se mantinham.

Fruto disso, o presente trabalho se dedicou a explorar melhor as concepções sobre masturbação, voltando-se justamente para o conhecimento extra sala: as concepções e valores advindos de casa, da família e da religião e também como os/as participantes percebiam este movimento por parte dos/as professores/as.

Para tanto, a presente pesquisa qualitativa descritiva teve como **objetivo geral investigar as concepções sobre masturbação de jovens evangélicos**. Entendeu-se concepção como: “ato de apreender uma ideia ou questão; compreensão, percepção; modo de ver ou sentir; ponto de vista, noção” (Houaiss, 2009). Os objetivos específicos foram:

- a) Averiguar como os/as jovens conhecem e se envolvem com a religiosidade pessoal e familiar e sua relação com a sexualidade e masturbação;
- b) Investigar sobre a educação sexual e a religiosidade na família e na escola e sua relação com a sexualidade.
- c) Compreender como os/as jovens avaliam situações cotidianas familiares, escolares e religiosas que envolvem valores sobre masturbação.

Para contemplar os objetivos realizou-se uma revisão teórica sobre o tema que será apresentada no capítulo I. Masturbação: conceitos e revisão teórica, no qual serão apresentados os conceitos que fundamentam a análise e as principais pesquisas e discussões teóricas sobre o tema. A organização dos pressupostos será dividida em cinco seções, a saber: 1. Antiguidade: Bases da cultura ocidental; 2. Idade Média: consolidação do cristianismo e surgimento do protestantismo; 3. Emergência da sociedade moderna; 4. Vivência da sexualidade e religiosidade na contemporaneidade e 5. Educação sexual.

No método serão descritos os participantes, procedimentos para coleta e análise dos dados. Nos resultados será apresentada a análise dos dados coletados estruturada em

quatro pontos: 1. Concepções sobre masturbação; 2. Percepção de educação sexual sobre masturbação; 3. Constituição de ethos privado; 4. Análise dos relatos dos participantes diante das situações projetivas. Por fim apresentar-se-á a discussão dos dados e as considerações finais.

CAPÍTULO TEÓRICO

1. Masturbação: conceitos e revisão teórica

De acordo com Brenot (1998), Romualdo (2003) e Van Ussel (1980) a primeira referência ao termo masturbação, especificamente, foi feita por Montaigne em 1576, no décimo segundo capítulo de seu segundo livro de “Ensaaios”, na seguinte passagem: “Pois Diógenes, praticando em público a masturbação, deseja provar, na presença de todos os assistentes que ele podia saciar seu ventre esfregando-o” (MONTAIGNE II, 12 apud BRENOT, 1998, p.18).

Segundo Brenot (1998, p. 19), “a palavra masturbação (provavelmente derivada da expressão *masturbatio* em latim que posteriormente sofreu influência do termo grego *mastropoeuin*. Em ambos os casos o significado era prostituir) coexistiu juntamente ao termo *manustrupação* (de *manus*, mão e *stupratio*, ação de sujar, macular, manchar)” por décadas, até o início da Idade Moderna, quando o termo masturbação tornou-se efetivo.

A masturbação - enquanto prática sexual - relaciona-se com a construção simbólica que cada cultura possui acerca da sexualidade. Nas práticas culturais de cada sociedade estrutura-se a codificação e organização da capacidade reprodutiva e a domesticação do desejo. “Esta codificação, ao mesmo tempo em que fundamenta é resultado da cultura” (GUILLEBAUD, 1999, p.254). Bozon (2004, p.13) aponta o caráter central da construção social na elaboração da sexualidade humana em razão do próprio processo de “desnaturalização” do ser humano (LOURO, 1999; WEEKS, 1999).

Este trabalho compreende a sexualidade como um fenômeno social amplo, “completamente submetida aos efeitos da vida social”. Ainda nas palavras do autor, “a sexualidade implica, de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal aprendidas ambas através da cultura” (BOZON, 2004a, p. 13).

Desse modo, a sexualidade humana é um fenômeno que envolve práticas sexuais, genitalidade e outros comportamentos libidinais com significados que dependem da representação social e cultural sobre o sexo/sexualidade vigente. Ao mesmo tempo, também os comportamentos sexuais envolvem as ações, sentimentos, elaborações que as pessoas têm acerca da vivência sexual, afetiva e interpessoal. A

sexualidade envolve toda a vivência em relação ao sexo e às relações afetivas e este fenômeno é multideterminado (MAIA, 2001; 2005; RIBEIRO, 1990, 2005).

Weeks (1999, p. 32) explica que “as culturas fornecem categorias, esquemas e rótulos muito diferentes para enquadrar experiências sexuais e afetivas”. Circunscrever a sexualidade ao social não significa negar o substrato biológico humano. A definição apenas reconhece que o conhecimento corporal é histórico. O corpo e suas representações, sensações e experiências são entendidos com base na significação cultural vigente.

Os corpos ganham sentido historicamente. Por meio de processos culturais, produz-se e se transforma a natureza e a biologia, fazendo do humano, assim, um ser histórico. Butler (2003) e Louro (1999) - apoiadas na discussão da primeira autora - explicam que o corpo não é naturalmente dado, mas conhecido e pensado por meio de todo o conhecimento que se produziu sobre ele.

Assim, a binarização do corpo entre sexo masculino e feminino foi um ato de discurso, uma vez que outras diferenciações poderiam ser feitas em função de outros aspectos. O reconhecimento do corpo feminino e masculino não se dá apenas pelo corte biológico, mas por toda construção social acerca de como deve ser o corpo feminino e masculino de modo a caracterizá-los como tal. A autora resgata a ideia de Foucault sobre sexo como ideal regulatório e produtor de sentido.

A noção de sexo permitiu agrupar de acordo com unidade artificial elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pode então funcionar como significante único e significado universal (...) A ideia de sexo permite esquivar o que constituiu o “poder” do poder: permite pensa-lo como lei e interdição e não como condição de constituição. (...) O sexo nada mais é que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo da sexualidade e para seu funcionamento (FOUCAULT, 1988, p. 145).

Segundo o autor, a sexualidade adulta, genital, monogâmica e heterossexual enquanto sinônimo de sexualidade sadia é construída a partir da emergência do conceito de sexo, por meio de intervenções individuais e sociais. Segundo Foucault (1988) as quatro “linhas de ataques”, a saber: a criança masturbadora, a mulher nervosa, o controle demográfico e o adulto perverso.

Os dois primeiros focos de discurso pautar-se-iam em “exigências de regulação para obter efeitos ao nível da disciplina”, nos quais qualquer desvio representaria um perigo não apenas ao indivíduo que os praticasse, mas a toda a geração futura. Afinal, a criança era considerada o adulto de amanhã e as mulheres estavam no encargo de transformar as crianças em adultos, ou seja, do futuro da geração (FOUCAULT, 1988, p. 137).

O adulto perverso e o controle demográfico seriam “exigências de disciplina e adestramento individuais” (FOUCAULT, 1988, p. 138). Os discursos sobre a sexualidade perversa, esmiuçando-a e pormenorizando-a não tinham o objetivo de suprimir sua manifestação, mas delimitar os contornos da sexualidade sadia, promovê-la e naturalizar a condição patológica dos desvios.

A exaustiva negação da naturalidade da sexualidade infantil, corporificada na intensa condenação à masturbação, teve por objetivo circunscrever a manifestação sexual aos adultos, e à genitalidade, tal como a intensa catalogação da sexualidade *desviante* serviu para delimitar a sexualidade sadia, genital e restrita à heterossexualidade.

A regulação das populações por meio de seus discursos e controle de natalidade evidenciou na economia dos prazeres, o caráter reprodutivo do sexo. “Entrelaçou-se função e instinto; finalidade e significação”. Os discursos voltados ao corpo feminino serviram para apontar o sexo que falta à mulher, por meio da estratégia da mulher histórica. O processo elucidou uma visão falocêntrica e machista da sexualidade (FOUCAULT, 1988, p.144).

Para Butler (2003), “as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 1999, p.110). Não há como negar a materialidade do corpo, mas deve-se questionar como esta foi definida, organizada.

O ‘sexo’ é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 1999, p. 110).

A autora rejeita a ideia de identidade ou mesmo uma essência individual, embora não descarte a concepção de sujeito. O sujeito é fruto do fato de ter assumido um sexo, que o leva a determinadas identificações e lhe nega outras. O problema é que essas identificações, devido a incessante reposição por meio da reiteração performática, são vistas como anacrônicas e fixas. Deste modo a sexualidade parece estável e imutável; uma nova identidade assumida é vista como uma “alteração que atinge sua essência” (Louro, 1999, p.7).

O corpo é construído por meio da reiteração performática do que é tido como masculino e feminino. Todavia, em função de ser uma classificação arbitrária há sempre corpos que escapam à binaridade. Os abjetos, aqueles que escapam a reiteração performática, ocupam o que Butler chama de “zona inóspita”, e são fundamentais para constituição do sujeito. É preciso que a pessoa rompa com a parte abjeta de si para que tenha inteligibilidade enquanto sujeito.

Mais do que isso, é preciso que a pessoa continue permanentemente rompendo com as partes abjetas de si para que continue fazendo sentido (BUTLER, 1999, p. 111; LOURO, 1999; 2001; 2008; MISKOLCI, 2009; WEEKS, 1999). As partes abjetas de si e do outro precisam, por outro lado, ser continuamente naturalizadas como tal para que a existência da normalidade se perpetue.

“A existência de um nós normais não depende apenas da existência de uma alteridade não normal: é indispensável naturalizar a condição de marginalizado vivida pelo outro para afirmar, confirmar e aprofundar o fosso entre os normais e os diferentes” (JUNQUEIRA, 2010, p. 214).

A respeito deste processo, Louro (2008), sinaliza que a construção da sexualidade e do gênero acontece continuamente e infindavelmente ao longo da vida. O aprendizado em relação ao gênero perpassa a ideia de que exista uma sequência sexo-gênero-sexualidade na qual o sexo biológico (masculino/feminino) determina atitudes e construções de ‘homem’ e ‘mulher’ e por quem o desejo será investido.

A heterossexualidade solidifica-se como a única maneira “correta” de expressão sexual. Afinal, de acordo com essa lógica, se a pessoa nasceu com pênis, identifica-se naturalmente com certas atitudes tidas como masculinas e naturalmente sente-se atraído por mulher. Da mesma forma, por ter nascido com vagina, a pessoa naturalmente se identificaria como mulher e atitudes tidas como femininas e naturalmente expressaria

seu desejo por homens. Esse processo é denominado heteronormatividade (BUTLER, 1999; JUNQUEIRA, 2011; LOURO, 2001; 2008).

A heteronormatividade supõe uma hierarquização de identidades e atitudes que abrange a história de submissão das mulheres, tidas como inferiores aos homens e do tipo de ‘homem’ que se constituiu como hegemônico. Tal construção social leva a desvalorização de tudo o que é socialmente atribuído ao feminino, bem como tudo que fuja a regra do branco, saudável e bem-sucedido (LOURO 2001; JUNQUEIRA, 2009; MISKOLCI, 2009).

Louro (1999) e Grossi (1998) discutem que a sequência sexo-gênero-sexualidade perpassa o imaginário social, constituindo o que as autoras chamam de identidade de gênero. A identidade de gênero é continuamente repostada pelas relações sociais, por meio das quais os sujeitos aprendem quais devem ser os sentimentos, ações e emoções de homens e mulheres. Estas identidades norteiam a forma pela qual o sujeito constitui sua subjetividade.

Os parâmetros que norteiam a constituição da subjetiva da pessoa dependem do contexto sócio cultural em que ela está inserida. Promove-se, assim, diferentes formas de subjetivação em função do gênero, posição social e etnia (BOZON, 2004a; CONNELL, 2013, HEILBORN, 1999; 2004; PARKER, 1991).

Em função do espaço central ocupado pela sexualidade na cultura moderna, ela se torna fundamental para a inteligibilidade da pessoa e de sua construção pessoal (BOZON, 2004; FOUCAULT, 1988; GUILLEBAUD, 1999). A constituição do eu emerge como uma tentativa de fazer sentido dentro das possibilidades das expressões, permissões, normas, ideais e interditos, tanto do comportamento, como da fantasia e do discurso (LOURO, 1999).

Sendo assim, as práticas sexuais, valorizadas ou não, e as atitudes e comportamentos esperados em função da posição social variam de acordo com o momento histórico. A masturbação, tal como se entende hoje, é uma definição e preocupação moderna, fruto de todo o conhecimento e prescrições produzida sobre o assunto.

Contudo, a estimulação dos genitais com o objetivo de obter prazer em si ou no outro sofreu interditos, prescrições e regras em todas as culturas e momentos históricos,

que se tratará de resgatar adiante (BOZON, 2004a; 2004b; CATONNÉ, 2001; CHAUI, 1981; FOUCAULT, 1988; GARTON, 2009; GUILLEBAUD, 1999).

1.1. Antiguidade: Bases da cultura ocidental

Rodrigues Jr. (1994) aponta que a masturbação para os povos primitivos era vista como uma prática natural. Guillebaud (1999), por outro lado, discorre sobre o equívoco de se hipotetizar uma Antiguidade permissiva e livre de repressões, clarificando que apesar de condutas entendidas como libertinas aos olhos atuais, toda sociedade partilha de permissividades e proibições que dependem de sua estrutura e organização.

Os povos que viviam na região do vale do Nilo (Egito) e dos rios Tigre e Eufrates (Mesopotâmia) tinham uma estrutura agrária. A fertilidade da terra era muito importante e a codificação social estava bastante atrelada às manifestações da natureza. Os babilônios tinham em sua mitologia referências ao poder criativo e fértil da masturbação e seus rituais a envolviam. Eles acreditavam que “o sêmen fertilizava a terra e criava tudo o que nela existia” (CATONNÉ, 2001; FURLANI, 2003; GUILLEBAUD, 1999; ROMUALDO, 2003, p.13).

(...) As sacerdotisas dos templos de Karnak eram conhecidas como ‘mãos de deus’, pois facilitavam o espasmo anual divino. Na literatura mesopotâmica, ‘Enki ergueu-se cheio de desejo como um touro que ataca’, levantou o pênis, ejaculou e encheu o Tigre com água corrente (FURLANI, 2003, p. 135).

Guillebaud (1999) indica que entre os escritos deixados por estes povos encontram-se diversos poemas em que o amor e a sexualidade eram exaltados de forma bastante intensa. Ao mesmo tempo prescrevia regras, interditos e todo um sistema de obrigações severo. A liberdade sexual tal como entendida hoje fazia parte e era circunscrita aos rituais e ritos de plantio e colheita (CATONNÉ, 2001).

Os hebreus eram monoteístas e acreditavam que o poder e a força de um povo estavam em sua numerosidade e produtividade, ou seja, no ato de gerar filhos. Qualquer ato sexual que não tivesse a reprodução como fim era punido. Diversas leis foram criadas para assegurar o aumento da natalidade. Uma delas obrigava o irmão imediatamente mais novo de um homem morto sem descendente a contrair a viúva em

matrimônio e lhe gerar filhos/as. As crianças, porém, eram consideradas descendentes de seu irmão morto (ROMUALDO, 2003).

Segundo o relato bíblico contido no livro Gênesis, Onan, irmão mais novo de Er, é obrigado a casar-se com Tamar, viúva de seu irmão. Mas, ao se deitar com ela, nega-se a gerar uma criança que não será sua, ejaculando fora de sua companheira, ato atualmente interpretado como “coito interrompido”. De acordo com Guillebaud (1999), com base na cultura hebraica, o grande delito de Onan foi recusar-se a procriar, lei maior deste povo. A masturbação, vista como um desperdício de sêmen era brutalmente condenada em situações que colocasse em cheque a reprodução, podendo, inclusive, ser tolerada em situações em que não houvesse possibilidade de procriação (BRENOT, 1998; CARNEIRO, 2000; DOLE, 2010; HUNT, 2008; MOTTIER, 2008; ROMUALDO, 2003; STEARNS, 2010).

Ainda no período antigo desenvolveu-se a sociedade grega. Guillebaud (1999) explica que o principal fator na codificação da sexualidade desta cultura era o status social e a maior preocupação moral, a passividade. A passividade era rechaçada por entenderem-na como um comportamento feminino. Em uma sociedade extremamente misógina (tal como concebemos hoje), identificar-se com uma mulher ou se efeminizar-se era indigno e humilhante, passível de máxima condenação. Por ser uma sociedade escravagista, apenas os cidadãos tinham alguma honra a zelar. Sendo assim, existia uma moral sexual para cada posição ocupada: cidadão, liberto e escravo. Nas palavras de Sêneca (IV, 10) citado por Guillebaud (1999, p. 176): “A passividade é um crime no homem que nasce livre; um dever absoluto no caso do escravo; em um liberto, é um serviço que se deve prestar a seu amo” (CATONNÉ, 2001).

Dentro desta perspectiva, deve-se entender que para o homem livre e adulto a principal forma de obtenção de prazer era a penetração, a atividade. As relações lícitas entre homens do mesmo sexo eram restritas à amizade (*philia*) ou pederastia². Em função da desvalorização feminina na sociedade grega, havia pouco interesse masculino em manter relações sexuais com as esposas, exceto para fins procriativos. A masturbação, então, embora permitida aos homens, era muito mais comum entre as

² Relação entre um jovem e um homem adulto que o ensina as artes do amor, diálogo, cidadania em uma relação de aprendizado social. Mais uma vez deve ser percebida a relação de hierarquia presente, condição necessária para a legitimação de qualquer relação entre duas pessoas do sexo masculino naquela sociedade.

mulheres (CATONNÉ, 2001; CHAÚÍ, 1985; LEWINSOHN, s/d; STEARNS, 2010). Carvalho (1996, p. 104) afirma que “gregos e romanos desestimulavam a masturbação masculina até a idade de 21 anos, pois consideravam que seria prejudicial o desperdício do sêmen, tido como energia vital para a reprodução humana”.

Os/As estudiosos/as chamam a atenção para outro equívoco bastante recorrente no discurso moderno: condenar a ascensão do Cristianismo na Idade Média como causa de toda a repressão sexual vivida pelo Ocidente na modernidade. A semente da teologia cristã começou a ser plantada na Antiguidade, por Platão, Aristóteles, Sócrates, etc., filósofos que mais tarde seriam resgatados pelo Renascimento Cultural (BOZON, 2005; CABRAL, 1995, GUILLEBAUD, 1999).

De forma geral, os estudiosos daquela sociedade acreditavam que o excesso de atividade sexual representava um gasto excessivo de energia que levaria à desordem e a violência. Outros dois aspectos relevantes na filosofia clássica acabaram prestando grande contribuição ao Cristianismo, a saber: as concepções sobre mulher e a ideia de natureza (BOZON, 2004; CABRAL, 1995; GREGERSEN, 1985 GUILLEBAUD, 1999).

Cabral (1995) explica que a sociedade grega já estava impregnada pela diminuição da mulher presente no Judaísmo. De acordo com a autora, o patriarcado começou a ser gestado a partir do momento que os mitos e lendas da criação do mundo passaram a substituir a figura da deusa pelo do deus.

A tradição popular judaica insinuava que a mulher é uma figura de espírito leviano nato, cheias de artimanhas para seduzir e iludir o homem. A doutrina judaica valorizava sobremaneira a família, a maternidade e o cuidado devido à educação das crianças. Como mostra a história de Onã, por exemplo, a procriação era uma prerrogativa nesta cultura, e algumas transgressões poderiam ou não ser admitidas para se garantir isso (CABRAL, 1995; GUILLEBAUD, 1999).

Em função da influência de seitas radicais, que hipotetizavam que Eva teria derramado o sangue de Adão e introduzido à morte no mundo, sendo este o pecado que os expulsou do Éden, os judeus desconfiavam da natureza inconstante das mulheres e sua fidelidade, o que tornaria o casamento desfavorável. Pregavam a abstinência como virtude e solução (GUILLEBAUD, 1999; CABRAL, 1995; RANKE-HEINEMANN, 1996; ZILLES, 2009).

O cenário de desvalorização da mulher era comum no imaginário popular daquele período. De modo que os filósofos e estudiosos antigos tinham muitas concepções nas quais os homens seriam melhores que as mulheres, inclusive do ponto de vista do que eles entendem como “natural” (CABRAL, 1995; GUILLEBAUD, 1999). Aristóteles (1999), por exemplo, afirma que o macho por natureza é superior e a fêmea inferior, em função de força, tamanho e intelecto. Portanto, o homem naturalmente dominaria e a mulher naturalmente seria dominada.

A ideia de natureza implica que exista “um fim visado em cada ação e propósito, pois é por causa dele que os homens fazem tudo mais. Se há, portanto um fim visado em tudo que fazemos, este fim é o bem atingível pela atividade (...)” (ARISTÓTELES, 1999, p. 23). O conceito de natureza e a desvalorização feminina são retomados e resignificados pela teologia cristã ao longo da Idade Média.

Sendo assim, a chamada “tradição judaico cristã”, que teria rompido com a Antiguidade e fundado o pensamento ocidental, na verdade, era um caldeirão de crenças e influências. Ademais, a consolidação da Igreja foi um processo longo, marcado por sincretismos entre novas e antigas influências, acordos e negociações (CABRAL, 1995; GARTON, 2005; GUILLEBAUD, 1999).

Catonné (2001) e Ranke-Heinemann (1996), por outro lado, atribuem à ascensão do Cristianismo como um grande ponto de ruptura com o pensamento antigo. Para xs autorxs, a Igreja, por meio do poder ideológico e bélico, construiu e confinou o sexo à heteronormatividade, monogamia e reprodução.

1.2. Idade Média: consolidação do cristianismo e surgimento do protestantismo

A influência e hegemonia da Igreja Católica na Idade Média não são negadas pelas autoras, no entanto, compartilha-se da opinião dos autores que indicam que a Idade Média não é um período homogêneo em que a servidão religiosa imperou. Assim como em qualquer período houve dissidências, contraculturas e subculturas. Dessa forma, existem formas diferentes de se pensar a masturbação no período, bem como, as outras práticas sexuais.

A Europa, em razão das invasões bárbaras, era uma mistura de povos e culturas, com crenças tanto pagãs, quanto bárbaras. A fé cristã era em muitos momentos, apenas superficial. A vida cotidiana estava muito mais ligada aos rituais pagãos. Existiam, inclusive, tantas discordâncias que havia diferentes vertentes do próprio catolicismo. Como exemplo, pode-se citar a seitas encratista que influenciadas pelo estoicismo³, eram radicais e pregavam uma ruptura com o mundo dos prazeres, recusando até mesmo a procriação.

Diante de tantas invasões e guerras, o império necessitava de todas as forças com as quais pudesse contar e isso implicava nascimentos, ideia contrária aos pressupostos das seitas citadas, motivo pelo qual o Cristianismo voltou a ser duramente combatido no século III. A perseguição somada ao cenário geral de caos pré-dissolução do império fez com que os/as cristãos/ãs preferissem concentrar forças em ganhar poder a criar uma doutrina.

A primeira tentativa de estruturação de normas de comportamento e costumes foi o Concílio de Elvira (Granada) no sul da Espanha, em 303. Boa parte das resoluções foi dedicada aos costumes sexuais. De forma geral, exigiu-se controle mais efetivo sobre as mulheres e estipulou aos clérigos a não procriação.

Ao longo dos séculos, concílios foram realizados de modo que as doutrinas, uniões e alianças estruturaram-se, garantindo à igreja aumento de poder e influência. O principal teólogo da igreja nesse período inicial foi Agostinho, um dos pilares da doutrina da Igreja até hoje.

Segundo Guillebaud (1999), Agostinho se colocou entre duas correntes de pensamentos: os maniqueístas⁴ (influência encratista e estoica) e a posição moderada do alto clero católico. Existe discordância entre os/as autores/as, mas, a princípio, antes de sua conversão ele costumava frequentar as reuniões de Manu, embora não fosse membro efetivo da seita (RANKE-HEINEMANN, 1996; ZILLES, 2009).

³ Movimento liderado pelo filósofo Sêneca que pregava o desapego às coisas materiais para concentrar-se na razão, uma vez que os males do mundo seriam reflexos das ações humanas insensatas.

⁴ Seita fundada pelo persa Manu (216 d.C.). Eles acreditavam que o mundo material inteiro, inclusive os corpos humanos era criado pelos demônios. De modo que, para alcançar à Deus, o homem deveria renunciar a qualquer contato com a materialidade.

Durante sua obra, que é bastante extensa, ele concordou e discordou de ambas as correntes de pensamento. Neste sentido, Guillebaud (1999) argumenta que, dependendo da obra escolhida, o autor pode ser lido desta ou daquela maneira. É possível, porém, perceber a influência de ambas em seus escritos. Para Ranke-Heinemann (1999), a visão que o teólogo construiu acerca do sexo e seu rigor posterior na defesa do celibato e da renúncia ao matrimônio tem muito do pensamento de Manu.

De acordo com a autora, o conceito de pecado original teve grande impacto sobre a doutrina cristã, e não estava presente no Judaísmo ou no Islamismo. A explicação de Agostinho quanto ao fato de Eva e Adão terem tampado o sexo após “comerem do fruto” sugeriria de onde o pecado adviria, ou seja, do sexo. O pecado original estaria presente em todos os seres humanos por todos terem nascido do ato de copulação. Este teria sido motivo pelo qual se postula que Jesus nasceu de uma virgem, sendo o único a não carregar o pecado original. Sua morte na cruz seria a redenção ao pecado nato (RANKE-HEINEMANN, 1996).

Contrariando o pensamento da autora, Le Boff (apud GUILLEBAUD, 1999) aponta que o pecado original para Agostinho o pecado original seria a culpa da desobediência a Deus, que os fez serem expulsos do Éden (CATONNÉ, 2001). Independentemente se era ou não a causa do pecado original, para Agostinho, o sexo se recobre de uma essencialidade má (RANKE-HEINEMANN, 1996; ZILLES, 2009).

Segundo o teólogo, o desejo se imporia de forma incontrolável, mas a vontade derivaria da intenção humana, desse modo, a vontade deveria se impor ao desejo para que o sexo só fosse praticado com um intuito funcional para procriação ou para evitar o adultério. Sendo assim, o pecado para o monge residiria na falta de controle do desejo; a servidão à carne (GUILLEBAUD, 1999).

Além de servir de base para a construção da teologia cristã, os escritos de Agostinho foram ensinados e repassados aos religiosos e fiéis posteriores. No entanto, as obras não provocaram mudanças significativas dos costumes da época. Afinal, os padres ainda dominavam ainda a teologia cristã, e os fiéis não estavam tão em sintonia com a doutrina.

“Em termos de sexualidade, a Idade Média está ainda a maior parte dominada por uma liberdade espontânea e sem complexos”. O essencial das proibições sexuais

naquele momento estava relacionado à organização do tempo. A regulação das práticas sexuais estava ligada aos ciclos – litúrgicos e femininos (GUILLEBAUD, 1999, p.242).

Esta codificação da sexualidade e da vida quotidiana em geral adquire maior significação quando se realiza o lance cultural e simbólico que representou desde a cristianização do Império Romano, a *apropriação do tempo social*, por meio de um calendário. (...) não se pode esquecer que a força mesma do cristianismo (tal como de outras religiões) residiu durante muito tempo nesta capacidade de perpetuar a natureza (GUILLEBAUD, 1999, pp. 222-223).

Pequenas mudanças foram incorporadas ao longo dos séculos, em função dos inúmeros concílios realizados e do ensinamento sistemático da doutrina cristã aos padres leigos, principalmente do baixo clero⁵, por parte da Igreja. O cenário começou a mudar significativamente a partir do século 12, momento da instituição do celibato, embora ainda se visse com muita indulgência certas fraquezas dos religiosos. A prostituição era também bastante tolerada, havia, inclusive, um código para regulação de seu funcionamento que garantia a exclusão de crianças, religiosas e mulheres casadas.

No Concílio de Nablouse, em 1120, foi organizado um detalhado guia dos pecados da carne, com diversas gradações. A masturbação era o mais leve deles e sua punição eram 10 dias de penitência a pão e água. O pior pecado era beber o esperma do marido (7 anos de penitência a pão e água). A preocupação da época era de que a atitude estivesse ligada às “maquinações femininas” para seduzir o homem. A mulher estava sempre na mira da Igreja quanto as possíveis bruxarias feitas para deixar o homem impotente ou estéril.

Este período também é marcado pelo surgimento de Tomás de Aquino, visto por muitos como outro pilar da teologia cristã. O teólogo foi muito influenciado pela filosofia greco-romana, em especial pela obra de Aristóteles. O autor retomou o conceito de natureza, postulando a visão da sexualidade de Agostinho, sem seu excessivo rigor. Distanciando-se da ideia que a sexualidade seria maligna por si só, o teólogo retomou a ideia de natureza para justificar que a sexualidade foi criada por

⁵ Padres de cidades e vilarejos, que recebiam pouca ou nenhuma instrução da igreja, em contraste com os bispos e cardeais, pertencentes ao alto clero que recebiam instrução, bem como ajudavam a gerir os bens da igreja.

Deus, logo, teria algum propósito. Para ele, o fim da sexualidade era a procriação e o bom exercício do matrimônio (ZILLES, 2009).

As proibições legítimas seriam todas as que ferissem a ordem natural. Os ditos ‘vícios contra a natureza’ se referiam à bestialidade, sexo anal entre homens, masturbação e transgressões de natureza (para sociedade atual seriam as identidades trans) (ZILLES, 2009). O posicionamento de Tomás de Aquino encontrou muito respaldo na Igreja, especialmente porque nesse momento foi instaurada a Primeira Inquisição que tinha como objetivo combater os cátaros⁶.

Em função a instituição do casamento como sacramento indissolúvel em 1150 o grupo foi considerado herege por ser contra a união e a reprodução. O mesmo foi aplicado aos/as adeptos/as das práticas não naturais - exceto em situações nas quais estas favorecessem a procriação. Alguns estudiosos da época, por exemplo, apoiados nas formulações de Galeno, acreditavam que para efetividade da fecundação era necessário o ‘esperma’ do casal. A masturbação feminina e masculina, portanto, poderia ser aceita se favorecesse a procriação (GUILLEBAUD, 1999).

O endurecimento do controle religioso se deu principalmente após a Reforma Protestante, no século 18. O contexto da Reforma Protestante começou a ser delineado no século 16. Neste período, a expansão marítima estava em marcha na Europa, possibilitando a emergência dos comerciantes e o renascimento cultural. A Igreja Católica, entretanto, não permitia a usura⁷, dificultando a atividade bancária e aumento dos lucros, situação que prejudicava o enriquecimento da burguesia e gerava insatisfação do grupo (GUILLEBAUD, 1999; VICENTINO, 2001).

Além disso, apesar do grupo comercial possuir dinheiro, não tinham legitimidade e poder de influência na tomada de decisões pela falta de ascendência nobre. Ao mesmo tempo, a igreja rivalizava com a nobreza quanto ao exercício de poder, motivo pelo qual os reinos desejavam diminuir sua influência e confiscar suas riquezas (GUILLEBAUD, 1999; VICENTINO, 2001).

Como forma de lutar contra a nobreza e o clero a burguesia iniciou uma “denúncia” à devassidão e baixeza dos costumes dos grupos citados. As queixas

⁶ Movimento de sacerdotes que ressignificaram o pensamento dos encratistas, maniqueístas e outras influências gnosiológicas. Pregavam, tal como estas outras seitas, o rompimento com o mundo carnal.

⁷ Cobrança de juros por empréstimo de dinheiro.

envolviam comportamentos sodomitas, infidelidade, sadomasoquismo entre outras práticas vistas como antinaturais, em uma tentativa de desautorizar tais instâncias de poder (GUILLEBAUD, 1999; VICENTINO, 2001). A exaltação da sexualidade contida e correta deste setor emergente era uma tentativa de colocarem-se como moralmente superior aos grupos dominantes (FOUCAULT, 1988; GUILLEBAUD, 1999).

Por outro lado, havia também grupos dentro da própria igreja que viam com maus olhos a situação de devassidão e abuso de poder por parte do clero. O primeiro grupo a se destacar foram os hussitas de Praga. Suas críticas ao sistema eclesiástico, à opulência do clero e a venda de indulgências levaram seu líder João Huss à prisão. Huss foi condenado e queimado por decisão com Concílio de Constança, em 1415. As críticas de Huss, entretanto, ecoaram pela Europa, especialmente no Sacro Império Romano-Germânico (VICENTINO, 2001).

Martinho Lutero, por exemplo, era um monge agostiniano que concordava com as críticas feitas pelos hussitas entre outros desacordos morais e teológicos. O frade pregava a teoria agostiniana da predestinação, negando os jejuns e outras práticas comuns para absolvição, como garantia de salvação. Em 1517, o monge lançou um documento contrário à venda de indulgências em uma igreja de Wittenberg. O documento era composto por 95 teses que explicavam todas as suas discordâncias e críticas à igreja (VICENTINO 2001).

O documento detinha os princípios básicos que mais tarde iriam fundamentar a estrutura do protestantismo, definido como o “conjunto de instituições religiosas surgidas como consequência da Reforma religiosa do século XVI” (MENDONÇA, 2008, p. 79). Como reflexo, a Igreja instaurou a Contra Reforma, que buscou combater de forma dura a frouxidão e outras imoralidades, em uma tentativa de atender as expectativas dos/as rebelados/as e conter a dissidência, fato que não logrou sucesso.

A ação de Lutero repercutiu de maneira diferente em cada reino da Europa, em função dos/as reformadores/as de cada lugar e os grupos que os/as apoiavam (nobreza ou burguesia). No próprio Sacro Império Romano Germânico houve dissidências no movimento reformista. Martinho Lutero estava alinhado com os ideais da nobreza, combatendo os camponeses e a inserção da burguesia no movimento. Na Suíça, a reforma foi conduzida inicialmente por Ulrich Zwinglio desencadeando uma guerra civil na qual o próprio foi morto. João Calvino finalizou o processo reformista fundando uma vertente do protestantismo no país, o calvinismo (VICENTINO 2001).

Os princípios protestantes da liberdade constituem-se em “justificação pela fé, a sola scriptura⁸, o livre exame e o sacerdócio universal dos crentes” (MENDONÇA, 2008, p. 79). As principais vertentes que procuraram manter os princípios básicos do movimento foram a luterana e a calvinista. Sendo que calvinismo se espalhou pela Europa de forma mais intensa que o luteranismo porque atendia as expectativas da burguesia (VICENTINO 2001).

Mafra (2001) aponta o quanto o caráter questionador e crítico do movimento protestante, bem como seu enfoque na interpretação da Bíblia, deu margem para dissidências e rupturas. O campo das nomenclaturas e divisões, além de vasto, é um terreno instável e fonte de inúmeras discordâncias (MAFRA, 2001; MENDONÇA, 2008).

Grosso modo, e de forma bem geral, o protestantismo se distinguiu em três ondas: puritana, metodista e pentecostal (MARIANO, 2012). A onda puritana compreendeu o primeiro momento da reforma, com a criação das primeiras instituições bastante coerentes com as doutrinas calvinistas, luteranas e suas ramificações e que se desdobraram em inúmeras outras denominações, passando por reavivamentos e renovações.

A onda metodista compreende o momento da fundação das igrejas ditas históricas de missão, que, apesar de baseadas na doutrina protestante adquiriram caráter bastante missionário e evangelizador, especialmente em função do momento histórico, com a colonização da América.

A ida das igrejas históricas para os Estados Unidos e outros países americanos, durante as Grandes Navegações, marcou-se pelo sincretismo e acomodações com a cultura local. No caso dos Estados Unidos, processou-se um intenso movimento “que incorporava reavivalismo, infalibilidade das Escrituras e realização eminente das profecias”. A denominação da terceira onda como pentecostal advém do avivamento proposto pela vinda do Espírito Santo aos apóstolos no Pentecostes, descrita no livro bíblico “Atos dos apóstolos”, capítulo 2 (MENDONÇA, 2008, p. 133).

Segundo Mendonça (2008, p. 133), o movimento pentecostal era tido como fundamentalista e se consolidou por volta de 1910 e 1915. O pentecostalismo enfatizava

⁸ Princípio de que o texto bíblico tem primazia em relação às interpretações e doutrinárias quando estas são conflitantes.

“cinco doutrinas principais: a divina inspiração da bíblia; o nascimento virginal de Cristo; o sacrifício exploratório de Cristo pelos nossos pecados; a ressurreição de Cristo e a imanência da morte”. O pentecostalismo também se desdobrou em novas vertentes e denominações em todo mundo.

1.3. Emergência da sociedade moderna

Guillebaud (1999, p. 241) afirma que os valores pudicos e o puritanismo - que marcaram o século 18, 19 e início do século 20 - emergiram durante a Idade Moderna sob a forma de lei e pressupostos científicos coerentes com a lógica burguesa e iluminista. O processo que suplantou esta mudança está alicerçado em três pontos fundamentais. Nas palavras do autor, “o cientificismo médico, a influência dos puritanos anglo-saxões, o nascimento da sociedade industrial e do espírito burguês”.

O nascimento da sociedade industrial e do espírito burguês relacionou-se à ideia de economia, obsessão da ideologia crescente Evitar o desperdício tornou-se uma prerrogativa, uma vez que foi graças à acumulação que a burguesia foi capaz de se consolidar. No âmbito da masturbação, representou a necessidade de poupar, fosse energia ou sêmen. Não se queria perder nada, especialmente esperma, afinal, segundo os médicos da época, sêmen era vida em estado líquido, o que havia de mais puro no sangue. No fim das contas, o discurso médico refletia a “fantasia” burguesa, em sua visão “economicista, gestonária e aritmética da sexualidade” (GUILLEBAUD, 1999, p. 244; CANTONNÉ, 2001).

Com a ascensão do capitalismo como modelo de produção, a “coisificação aritmética da sexualidade” se tornou ainda mais evidente, os desdobramentos desta metrificacão da sexualidade podem ser observados nos estudos de Kinsey e seus contemporâneos, por exemplo. O discurso burguês também foi fundamental na emergência da sociedade industrial, tal como denunciado por Reich (1995), sobre a necessidade de se guardar energias para o pesado trabalho nas fábricas (GUILLEBAUD, 1999; p. 244; CANTONNÉ, 2001).

Neste sentido, o excesso de pudor e sua conseqüente diminuição da atividade sexual deslocaria a energia sexual para a força de trabalho. Justamente neste aspecto reside a principal contribuição do puritanismo anglo saxão, segundo Guillebaud (1999).

Como sinalizou Max Weber (2003), o puritanismo devido ao seu intenso caráter ascético⁹ e à visão do sacrifício como reflexo da vida cristã, engrandecia o trabalho e a moderação (expressa na forma de muita dedicação ao trabalho e pouca vivência dos prazeres).

Até o início da Idade Moderna, a religião era responsável por organizar a vida social e oferecer explicações sobre a concepção de mundo. Mas os/as teóricos/as iluministas acreditavam que, com o desenvolvimento intelectual, a ciência deveria fornecer as explicações sobre o mundo e ditar sua organização por basear-se em pressupostos e preceitos lógicos (DUARTE, 2006; PIERUCCI, 2000).

As transformações expostas acima conduziram a um cenário de insatisfação e incongruência com a situação social vigente. Os movimentos e revoluções do século 18 mudaram o paradigma social, transferindo a religião do campo público ao privado. Deus foi substituído pela ciência na organização da vida. A religião, a partir daquele momento, tornou-se uma concepção ou crença pessoal, mantendo-se assim até os dias atuais, tal como exposto na Introdução deste trabalho.

A substituição da religião pela ciência na organização da vida social é denominada pelos/as cientistas sociais como secularização. A questão é extremamente discutida entre os/as sociólogos/as da religião, de forma que há discordâncias a respeito da definição. Aqueles que discordam que a sociedade moderna é secularizada afirmam que ainda existem crenças em mitos e explicações não lógicas para assuntos cotidianos.

Pierucci (2000) alega que há um equívoco por parte dos/as autores/as divergentes quanto ao conceito, afinal, secularização não seria sinônimo de desencantamento do mundo. O processo de secularização significaria a diminuição do status da religião como responsável pela organização social. Tal processo pode ser observado de forma radical com a passagem a Idade Moderna e se mantém até hoje. A ciência, em especial a Medicina, passou a se ocupar das explicações relativas ao mundo e seu funcionamento (BITUN, 2011; MARIANO; 1999; PIERUCCI, 2000).

No que tange a masturbação, voltando aos três pontos expostos por Guillebaud (1999), a partir do século 18 observou-se que “um discurso pretensamente científico,

⁹ Ascetismo pode ser definido como fuga da realidade. No puritanismo esta fuga se configura na crença de que os prazeres terrenos não devem ser desfrutados, porque lhes é destinado o Reino de Deus. As pessoas tem portanto que almejar as coisas dos céus.

como uma artimanha da razão moral, invade o campo dos costumes e da sexualidade” (GUILLEBAUD, 1999, p. 241).

Travestido sob um discurso de inegável “verdade”, o poder se estrutura como entidade incumbida de ditar regras, na tentativa de “fazer triunfar uma *scientia sexualis* contra a *ars erótica* dos antigos” (FOUCAULT, 1988). A masturbação passou a ser utilizada como uma das estratégias de poder, por meio do disciplinamento dos corpos. Da masturbação, postulada como um grave problema de saúde pública, exigiu-se efusivo combate e alerta.

O início da condenação específica à masturbação tem como registro a pregação do reverendo Richard Capel, em *Magdalen College*, sobre seu livro “As Tentações: Sua Natureza, Perigo e Cura”, publicado em 1640. O autor afirmou que a “masturbação era o mais grave pecado contra a natureza e causava debilidade física, impotência”, abreviando a vida, por levar ao suicídio (GUILLEBAUD, 1999; RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 331;). Ainda no século 15, Jean de Gerson publicou o livro intitulado “*De Confessione Mollicei*” em que, entre outras coisas, se declarava hostil à masturbação entre adolescentes (VAN USSEL, 1980).

Em 1677, a descoberta do espermatozoide por Leeuwenhoeck revolucionou tudo o que se conhecia sobre a origem da vida. Passou-se a acreditar que o espermatozoide era um feto não desenvolvido, ou seja, que era uma vida apenas esperando entrar no útero da mãe para se desenvolver. A concepção, embora errônea, passou a legitimar a condenação ao desperdício de sêmen que visto sob a luz das novas descobertas, poderia ser considerado homicídio (ALLEN, 2000; BRENOT, 1998; ROMUALDO, 2003).

O uso da palavra onanismo como sinônimo de masturbação foi aplicado pela primeira vez em 1710 por um médico inglês que se autodenominou Bekker, embora se acredite que seja um pseudônimo para manter seu verdadeiro nome em sigilo. O tratado ‘*Onania, or the heinous sin of self-pollution*’ (Onania ou o pecado repugnante da poluição autoinduzida) completou a décima quinta edição em 1730 (ALLEN, 2000; BRENOT, 1998; ROMUALDO, 2003). De acordo com Guillebaud (1999), em 1765, a octogésima edição foi feita e a obra teve reedições até o século 20.

Esta obra foi responsável por estabelecer a relação entre o ‘crime’ praticado por Onan e a masturbação, revestindo de moral e valores cristãos os discursos médico-científicos. O autor afirma que

o vício estava generalizado entre ambos os sexos, e que portanto como médico sentia-se obrigado a chamar a atenção para as consequências. Estas eram: “distúrbios do estômago, e da digestão, perda do apetite ou fome voraz, vômito, náusea, debilitação dos órgãos respiratórios, tosse, rouquidão, paralisias, enfraquecimento dos órgãos da procriação ao ponto de impotência, falta de libido, ejaculações diurnas e noturnas, dor lombar, distúrbio dos olhos e dos ouvidos, total diminuição das forças do corpo, palidez, magreza, espinhas no rosto, declínio das forças intelectuais, perda de memória, crises de raiva, loucura, idiotia, epilepsia, rigidez muscular, febre e por fim o suicídio (apud RANKE-HEINEMANN, 1996, pp. 331-332).

Em pouco tempo, a condenação à masturbação tornou-se tema quase exclusivo de periódicos e tratados médicos. Nas décadas seguintes, muitos escreveram sobre o tema na Europa, ratificando a opinião expressada por Bekker. De acordo com Van Ussel (1980) vinte e cinco anos depois houve a publicação de obras sobre o tema na Alemanha e em 1760, na língua francesa. Na época apenas uma obra foi publicada contestando tais opiniões – obra do alemão J. H. Zedler – o livro, entretanto obteve pouco alcance (ALLEN, 2000; MOTTIER, 2008; ROMUALDO, 2003).

Neste cenário, Simon André Tissot (1728-1797), médico de Lausanne, cidade suíça, desenvolveu uma teoria propondo que a perda de sêmen causaria degeneração física e mental do indivíduo. O médico considerava ser de primeira importância o entendimento da masturbação como doença, não como desvio à moral. Criticava a obra de Bekker por tratar-se de besteiras teológicas e moralistas, embora, ele próprio se referisse à prática como ‘delito abominável de Onan (BRENOT, 2003).

Há divergências na literatura quanto ao ano específico, bem como ao título de sua obra. De forma geral, acredita-se que a obra foi lançada em torno de 1760 (1758-1760) em francês e traduzido para o inglês em 1766. Há diversos títulos diferentes: “Ensaio sobre as doenças decorrentes do Onanismo” (BRENOT, 2003) “Onania” (RANKE-HEINEMANN, 1996), ou ainda “Uma dissertação sobre as doenças produzidas pela masturbação” (GUILLEBAUD, 1999). Diferenças de tradução a parte, em todas é possível deduzir seu conteúdo da obra e contundência.

No livro, o autor afirmava que a masturbação “ataca os jovens ou libidinosos; eles não têm febre, e embora comam bem, emagrecem e se consomem. Os prazeres prejudicam sempre as pessoas fracas, e seu uso freqüente (*sic*) enfraquece as mais fortes” (TISSOT, 1978, apud BRENOT, 1998, p.21). Ainda neste livro ele descreveu a história de L.D. um relojoeiro de 17 anos, que “entregou-se ao vício da masturbação” e

acabou renunciando à profissão devido ao adoecimento severo que o impedia de alimentar-se, falar e que tirava todas as suas forças. Segundo ao autor,

defecava na cama, perdia sangue pelo nariz e uma baba saía constantemente por sua boca, magro como um cadáver não tinha forças para realizar nenhum movimento, não tinha memória, nem lógica de pensamento, segundo o médico, o jovem morreu lamentando o vício. (idem, p. 23).

O médico afirmava que o cérebro de um onanista era tão ressecado que se podia ouvir seu roçar no crânio. Tissot foi considerado uma referência para outros autores da época que seguiram seus passos¹⁰.

Em 1784, Hufnagel sugeriu em sua obra que a catequese educasse sexualmente no tocante à masturbação, com intuito de alertar aos perigos e reprimir o ato. O autor afirmava que o mandamento de não pecar contra a castidade não deixava claro às crianças os comportamentos que elas deveriam evitar. Para tanto, o teórico defendia que a catequese fosse adaptada à moral da criança e seus costumes.

A Igreja, ao mesmo tempo em que foi acusada pelos cientistas da época de publicar bobagens morais e de não ter tido grande interesse em combater, especificamente, a masturbação anteriormente, se aliou aos discursos científicos, promovendo uma verdadeira “caça aos masturbadores/as” no período. O principal motivo da Igreja era contrapor-se à visão difundida pelo discurso burguês de devassidão e libertinagem presente no clero na tentativa de evitar a emergência de dissidências e ruptura com a religião hegemônica (GUILLEBAUD, 1999)

A obra Hufnagel serviu para resolver o impasse da Igreja entre falar sobre o assunto (e acabar por despertar o interesse e curiosidade da criança) ou se omitir (sob o risco de perder o controle das ações dos indivíduos). A estratégia posta em prática, então, foi de interiorização da regra, por meio da instalação da e medo oriundos da divulgação destes ensinamentos inverossímeis e exagerados.

Com o passar dos anos, os tratamentos para curar “o mal” tornaram-se mais intensos e alguns duravam até dois ou três anos (ALLEN, 2000; LEWINSOHN, s/d;

¹⁰ As obras apresentadas centram-se na Europa, especialmente na Inglaterra e França por conta dos principais estudos sobre o tema terem sido feitos por historiadores desta naturalidade. Entretanto, como aponta Carneiro (2000) existem registros de obras publicadas nos Estados Unidos, Brasil, demais países europeus e suas colônias.

MOTTIER, 2008; STEARNS, 2010; VAN USSEL, 1980). Um exemplo pode ser encontrado em Ranke-Heinemann (1996, p. 334) citando um carro ocorrido em 1842, no qual se recomendou aos “que contraíram o onanismo”: “dormir de lado, nunca de costas, beber e comer coisas frias, chupar cubos de gelo, lavar-se com água de neve salgada”.

O tratamento era comumente feito com dietas rigorosas, proibindo ingestão de peixe, álcool, café, carne, entre outras coisas. A proibição de roupas apertadas também fazia parte das recomendações de outros *experts*. O casamento era uma forte solução apresentada para evitar o prazer solitário (BRENOT, 1998). Com a persistência da prática, a partir de 1850, métodos externos e dolorosos foram adotados: armaduras preventivas, sistemas protetores com sinos – que alertavam aos pais quando ocorria uma ereção – ou garras – que machucavam o pênis se este se enchesse de sangue - bem como preservativos e grades (ALLEN, 2000; MOTTIER, 2008; ROMUALDO, 2003).

Para as mulheres, a ‘melhor’ invenção foi a clitoridectomia, incentivada, inicialmente pelo médico vienense Gustav Braun. Em 1858, um cirurgião londrino importou a técnica de seu colega. Ele recomendava amplamente a cirurgia, visto que a masturbação poderia causar histeria, epilepsia e varizes. O médico realizou muitas vezes o procedimento – em adultos e crianças – criando, até, uma instituição especial para as mulheres, a *London Surgical Home*. Em 1866, já havia realizado 48 destas operações (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 335).

O combate à masturbação feminina por meio da extirpação do clitóris tornou-se comum (ALLEN, 2000; MOTTIER, 2008; RODRIGUES JR, 2000; ROMUALDO, 2003). Em 1882, um médico de Istambul publicou um detalhado artigo sobre o onanismo em um periódico francês sobre doenças nervosas e mentais. O título do texto, “Onanismo e distúrbio mentais em duas meninas”, já evidencia o caráter de suas afirmações.

É sensato admitir que a cauterização com um ferro incandescente elimina a sensibilidade do clitóris, na realidade é lógico que a cauterização repetida permite removê-lo completamente. (...) É fácil perceber que as crianças depois que perderam a sensibilidade através da cauterização, são menos propensas à excitação e menos inclinadas a se tocarem (RANKE-HEINEMANN, 1996, pp.336-337).

Segundo o autor, outras técnicas foram empregadas com rigor: surras, chicotadas, amarras, queimaduras, e nada conseguia interpelar seus desejos. Somente a cauterização com ferro quente deu resultados satisfatórios (BRENOT, 1998, p.52).

No fim do século 19, James Hutchinson e Spratling publicaram artigos recomendando a circuncisão para o tratamento da masturbação. Em casos não tão graves, a recomendação para os meninos era de costurar com fio de prata a pele do prepúcio, impedindo sua fricção. No caso feminino, a técnica sugerida era queimadura do clitóris com fenol (ALLEN, 2000; MOTTIER, 2008; RODRIGUES JR, 2000; ROMUALDO, 2003).

Guillebaud (1999), citando Flandrin, autor que fez um levantamento sobre as produções de tratados sobre a masturbação no período moderno, afirmou que o número de obras publicadas atingem um pico impressionante nos anos de 1760 e 1785 e de 1805 à 1850. “Esse terrorismo absoluto” disserta o autor “que não tem nada de origem religiosa, será introjetado por gerações inteiras de europeus até meados do século 20”.

Ainda que se entenda o sentido da afirmação do autor, que a suposta repressão à masturbação foi uma estratégia para submeter os corpos ao bio-poder, não se pode concordar em absoluto com ela. Afinal, segundo Foucault (1988), foi a Igreja quem primeiro inseriu a necessidade confessional à sexualidade. A análise pormenorizada e esmiuçada das práticas sexuais para determinação das condutas legítimas e ilegítimas foi instituída pelo sacramento da confissão (CABRAL, 1995; RANKE-HEINEMANN, 1996; VAN USSEL, 1980).

Todavia, é inegável a reflexão que Guillebaud (1999) faz à exagerada e equivocada condenação unilateral ao catolicismo e à tradição judaico-cristã. O autor também afirma de modo sábio que o combate e a demonização da masturbação foi tão eficiente que os medos, mitos e tabus são percebidos até hoje (MARTINS, 2001; PEREIRA; MAIA, 2010; ROMUALDO, 2003).

A chegada à modernidade significou a emergência de uma nova ordem social, na qual o surgimento do capitalismo e a necessidade de produção criaram uma demanda de mão de obra especializada. Ao mesmo tempo, a consolidação dos Estados modernos, em marcha também nesse período, requeriam a transferência para e a centralização do poder na instituição do Estado (COSTA, 1999). Para tanto, necessitava-se de um

espaço de formação ideológica condizente com a nova organização social, que garantisse o fortalecimento da disciplina (FOUCAULT, 1988).

Neste contexto, a criança passou a ser foco de investimento ideológico. A preocupação com a formação do indivíduo fez emergir o conceito de infância, de modo que os pequenos/as foram trazidos para o centro da família e do Estado (ARIÈS, 1973). Mudou-se tanto a configuração doméstica quanto o processo de educação das novas gerações por meio da construção do modelo de família nuclear e o surgimento da escola.

De acordo com o Foucault (1988) a escola foi pensada estruturalmente e arquitetonicamente para a vigilância e controle. Em função da importância tomada pelo controle sexual no contexto da emergência da escola, a sexualidade foi alvo da escola e dos/as pedagogos/as.

Os/as pedagogos/as se tornaram mais uma figura responsável pelo combate à masturbação. As escolas eram aconselhadas e investigadas a manterem-se vigilantes e adotarem todas as prescrições oferecidas pelos médicos como forma de impedir a proliferação deste mal. A vigilância constante, o controle das atividades e impedimento de contato íntimo eram recorrentes (FOUCAULT, 1988; VAN USSEL, 1980).

Foucault (1988) analisando as proporções do combate à masturbação conclui que

os pedagogos e os médicos combateram, realmente, o onanismo das crianças como uma epidemia a ser extinta. De fato, ao longo dessa campanha secular, que mobilizou o mundo adulto em torno do sexo das crianças, tratou-se de apoiá-la nesses prazeres tênues, de constituí-los em segredos (...); em todo o canto onde houvesse o risco de se manifestarem, foram instalados dispositivos de vigilância, estabelecidas armadilhas para forçar confissões, impostos discursivos inesgotáveis e corretivos; foram alertados os pais e os educadores, sendo entre eles semeada a suspeita de que todas as crianças eram culpadas e o medo de que eles próprios viriam a ser considerados culpados caso não desconfiassem suficientemente: tiveram de permanecer vigilantes diante desse perigo recorrente, foi prescrita a sua conduta e recodificada a pedagogia; implantadas sobre o espaço familiar as bases de todo um regime médico-sexual (p.42).

Enquanto os pedagogos combatiam a masturbação na escola, a figura do médico adentrou o cenário doméstico por meio da aliança com a mãe higiênica. A configuração doméstica antes da modernidade constituía-se de um agrupamento de pessoas chefiadas

pelo dono da terra. A organização feudal na Europa e a estrutura patriarcal no Brasil garantiam a convivência mútua do patriarca (senhor feudal), sua esposa, filhos/as, os/as cônjuges dos/as filhos/as e os netos/as, bem como os servos/as (escravos/as), seus filhos/as e os/as filhos/as bastardos/as dos senhores com suas servas ou escravas (SZYMANSKI, 2002).

A ascensão da medicina e das ciências no século XVIII levou ao questionamento do conhecimento absoluto da Igreja e do ‘homem da casa’. Para tanto, utilizou-se da disseminação dos conhecimentos sobre o prolongamento da vida, traduzidos em atitudes higiênicas e sanitárias. À mãe incumbiu-se a tarefa de zelar pela família e observar as medidas saudáveis de modo a prover o bom desenvolvimento da prole, garantindo o bom desenvolvimento da sociedade.

A disseminação dos ideais de saúde e bem-estar disfarçou a diluição do poder patriarcal. A emergência de um poder disciplinar transformou o controle dos corpos, por meio da aliança entre a mãe e o médico da família, em responsabilidade e cuidado que pudesse lapidar crianças e jovens em adultos ajustados, promovendo a docilidade dos corpos (COSTA, 1999; DUARTE, 2006; FOUCAULT, 1988; PARKER, 1991).

A família nuclear burguesa foi concebida como célula da sociedade que, por definição, era considerada a esfera privada de propagação da ideologia presente no espaço exterior. Duarte (2006, p. 62 apoiado em Foucault, 1976), afirma que a família surgiu com a função prática e ideológica de “servir como lugar de formação original dos ‘indivíduos’ livres, iguais e autônomos, dos quais se deseja que venham a constituir os cidadãos das nações modernas”.

Refletindo-se sobre as quatro estratégias do dispositivo da sexualidade percebe-se que o controle dos corpos se encerrava justamente no eixo familiar: a criança masturbadora (filhos/as), adulto perverso (pai/marido), mulher histérica (mãe/esposa) e controle de natalidade (regulação da vida sexual do casal).

A masturbação foi o primeiro grande mal que a família higiênica foi incumbida de combater (FOUCAULT, 1988; COSTA, 1999; PARKER, 1991). A história da família não é homogênea e sua padronização em cada período atende a organização social e o sistema econômico vigente (ARIÈS, 1973; BILAC, 2002; SZYMANSKI, 2002).

Para Ariès (1973) a verdade familiar contemplou tanto a vida social moderna que se esqueceu de sua origem. Segundo o autor, aceitou-se como verdade tanto a naturalidade da família quanto a sua consequente estrutura social desigual. Aceitou-se como natural a subordinação da mulher ao poder masculino, além da fixação do homem no mundo externo e a reclusão feminina ao domicílio. Não há, entretanto, nada de natural no conceito de família. A família burguesa moderna foi construída aos poucos, de acordo com as mudanças históricas do período.

1.4. Vivência da sexualidade e religiosidade na contemporaneidade

A passagem da vida moderna à idade contemporânea envolveu a chegada de Vitória ao trono da Inglaterra, em 1837, aos 18 anos, que foi marcada pela necessidade de oposição à denunciada libertinagem aristocrática dos séculos anteriores. Com isso, o puritanismo e a reforma inglesa (consolidação da Igreja Anglicana) ganham especial espaço nos hábitos e costumes. O período, conhecido como Vitorianismo, foi palco de uma intensa pseudorrepressão sexual e retorno à pudicícia.

Foucault (1988) recorre à hipótese repressiva para contestar a pretensa repressão sexual vitoriana para apontar a incoerência de se falar em repressão, como sinônimo de supressão e impedimento, em uma sociedade que produziu tanto conhecimento sobre a sexualidade. O texto evidencia como o sexo foi cuidadosamente colocado em discurso, evocado, transformado em motivo de atenção. Nas palavras do autor tratou-se

da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível, mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade: todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer (pp. 70-71).

Weeks (1999) discorre que o crescente interesse das sociedades modernas na manutenção da vida das pessoas as tornam cada vez mais empenhadas no controle dos corpos e da vida sexual. O período vitoriano assistiu a uma caça às sexualidades periféricas, que contribuiu catalogar, individualizar e tratamento os indivíduos, processo pelo autor como medicalizador.

Olhando para este cenário, entende-se o surgimento da sexologia e da própria psicanálise. A intensa regulação da sexualidade leva, de uma forma ou de outra, ao confronto entre a moral e vivência social, gerando culpa e angústia, especialmente entre as mulheres, de quem o comportamento vitoriano era mais exigido.

Um estudo sobre as perversões sexuais foi publicado, em 1886, por Richard von Krafft-Ebing, intitulado *Psychopathia sexualis*. A obra consistia na classificação médica dos distúrbios sexuais. Krafft-Ebing apresentou a forma pela qual os neurologistas e psiquiatras compreendiam o funcionamento sexual dos indivíduos, revelando a dimensão psicológica e emocional da sexualidade. O livro também inaugurou a noção de sexualidade normal e patológica. Entre os perversos estavam “hermafroditas psíquicos”; “onanistas patológicos” ou “dementes epiléticos” (LEITE JR., 2006; ROMUALDO, 2006).

Em 1891, Havelock Ellis publicou a obra *Estudos de Psicologia Sexual*, na qual cunha o termo autoerotismo. O termo na verdade designava umas das quatro ações erotizadas autocentradas

(1) fantasias eróticas; (2) sonhos eróticos; (3) narcisismo, no qual a emoção erótica é gerada pela contemplação do próprio Eu; e (4) masturbação, inclusive não apenas a autoexcitação com a mão, mas por intermédio de uma grande variedade de meios que exercem uma influência direta sobre os órgãos sexuais e outros centros erógenos e até mesmo se iniciam de maneira central (ELLIS, 1971, p.74).

O autor também desmistificou os malefícios físicos anteriormente relacionados à masturbação e influenciou, em certa medida, o pensamento da época. As obras de Ellis evidenciou um contexto no qual a sexualidade ganhava cada vez mais espaço enquanto campo de conhecimento. As obras de Freud e Reich foram fundamentais para situar a sexualidade como centro organizador do sujeito. Ao mesmo tempo em que suas postulações combateram a visão da masturbação como causadora de patologias físicas, as obras destes autores ajudaram na manutenção da visão da sexualidade enquanto forma de gratificação imatura.

A ênfase dada à sexualidade pelos autores do início do século 20 configura-se também no que Foucault (1988) pontuou como verborragia sexual. Ainda que se veja de forma positiva o efeito “naturalizador” do processo para a sexualidade, a temática não foi posta em discurso de maneira isenta. O excesso de estudos e veiculações acerca do

assunto visava a estruturação e manutenção de uma sexualidade higiênica e sadia (FOUCAULT, 1988; GUILLEBAUD, 1999).

O início do século 20 também foi palco das primeiras lutas pelos direitos femininos. O movimento sufragista e a busca pelos direitos trabalhistas construíram um cenário de mudanças e transformação da intimidade. Catalisados por este contexto de transformação surgem os estudos do final da década de 50 e início da década de 60 realizados pelo médico Willian Master e a psicóloga Virginia Johnson, bem como, os trabalhos de Kinsey (GUILLEBAUD, 1999; ROMUALDO, 2003).

Com o objetivo de investigar a intimidade sexual das pessoas, os autores perguntaram a homens e mulheres sobre hábitos e costumes sexuais. Os resultados mostraram que a masturbação, o sexo oral, anal e genital eram comuns e frequentes para homens e mulheres (MOTTIER, 2008; ROMUALDO, 2003). Estes achados fizeram coro e incentivaram os movimentos sociais e culturais que lutavam por maior liberação sexual e por direitos sexuais e reprodutivos.

Como coloca Guillebaud (1999), o movimento da época foi muito eficaz ao propor reflexão sobre crenças, comportamentos e atitudes. Ao mesmo tempo, ele foi pouco crítico ao pensar que estava instituindo a liberdade absoluta. Afinal, a criação do campo de estudos da sexualidade fez com que a sexualidade, e conseqüentemente a masturbação, fosse metrificada, analisada e escalonada de forma que pudesse adentrar o campo das expressões sexuais ditas normais. Com isso levou-se inevitavelmente ao estabelecimento de novos padrões e estereótipos de como deveria ser a expressão sexual saudável e normal.

Analisando a situação com o olhar atual, percebe-se que houve uma flexibilização do que era considerado patológico/perversão e não uma reflexão sobre a normatização. A descoberta do funcionamento do orgasmo, do estabelecimento das zonas erógenas, da duração da relação, do tamanho médio do pênis, entre outras coisas, fizeram com que a sexualidade se tornasse biométrica, submetida a quantificações e qualificações para obtenção máxima do gozo. Esta lógica de *performance* é estimulada e, de certa forma, forjada tanto pelos estudos em sexologia quanto pela produção pornográfica atual, da qual trataremos adiante (ALBERONI, 1993; BRANCO, 1983; CANTONNÉ, 2001; GUILLEBAUD, 1999; LEITE JR., 1993).

A intensa demanda pela liberdade sexual fez com que o sexo se tornasse atrativo ao capitalismo. A sexualidade tornou-se mercadoria, tanto em seu aspecto material quanto em seu aspecto fetichizado. Assim, o mercado passou a produzir bens sexuais (artefatos eróticos, livros, revistas, cosméticos, etc.), bem como, passou a vender ideais de sexualidade pela publicidade e indústria cultural de forma geral. Este mercado é continuamente refinado e a cada dia surgem novos nichos especializados para cada orientação sexual, identidade sexual, gostos pessoais etc. (GUILLEBAUD, 1999).

Na verdade, a grande incongruência da revolução sexual foi ser transformada em propriedade do capital: todas as permissões tornaram-se válidas desde que dessem lucro. Este cenário foi crucial para o desenvolvimento da indústria pornô, o que antes era uma incipiente produção artística tornou milionários seus pioneiros (GUILLEBAUD, 1999).

A diferenciação e a definição de pornografia e erotismo encontram diversas discordâncias na literatura. Alberoni (1993) define como erotismo tudo aquilo que desperta desejo, do qual a pornografia faria parte. Leite Jr. (1993) aponta o caráter moralista da distinção entre pornografia e erotismo, como uma tentativa de distinguir a expressão legítima e ilegítima de sexualidade. O autor e Branco (1983) discorrem sobre as diferentes conceituações de erotismo e pornografia na história, ilustrando o quanto a variação de suas definições estão determinadas pelas regras e interditos de cada período.

Branco (1983), por exemplo, sugere que a principal distinção entre erotismo e pornografia seria a finalidade de sua produção. A produção sexual destinada exclusivamente à troca por gozo, ou seja, tudo que tivesse um viés comercial e industrial seria pornográfico. Erótica seria toda expressão sexual não adquirida para este fim ainda que seja geradora de excitação e gozo.

Alberoni (1993) argumenta ainda que a pornografia se distingue do erotismo por seu caráter machista e de submissão da mulher. Postula, inclusive, que erotismo masculino é sinônimo de pornografia. O erotismo feminino estaria presente na literatura cor-de-rosa ou romances água com açúcar, como coloca o autor, justamente porque a pornografia não contemplaria as fantasias femininas.

Por motivos diferentes daqueles apresentados pelo autor acima citado, as feministas da década de 70 também entendem que a pornografia se diferencie de qualquer outro conteúdo sexual por seu caráter machista. Russel (1999) afirma que a pornografia é responsável pela atual cultura de estupro, em que o homem idealiza e

fantasia com a infinita disponibilidade sexual e a submissão da mulher, tais como presente nestes materiais (apud MARTINEZ, 2009).

Antigamente, a pornografia era uma forma de transgressão e denúncia à hipocrisia e repressão da sociedade. Hoje, a pornografia é consumida, em si, com o objetivo de gerar prazer. A liberdade sexual deixou de ser transgressora para tornar-se uma obrigação. Logo, consome-se pornografia para submeter-se a lógica atual e não para questioná-la (BRANCO, 1983; GUILLEBAUD, 1999; LEITE JR., 1993).

Apesar da pseudopermissividade, a divisão entre o sadio e patológico se mantém de modo que tudo que está dentro do limite arbitrário do que é saudável, é visto como normal, mas o que tangencia fora é um horror abominável, como a pedofilia ou a coprofilia. O flerte com a morte¹¹ na fetichização do sadomasoquismo é um exemplo do limite tolerável ao prazer dentro da sexualidade dita sadia (GUILLEBAUD, 1999; LEITE JR., 1993).

O argumento das feministas é bastante criticado especial por se alinhar com o discurso da extrema direita religiosa americana (SILVA, 2013). Um exemplo disso pode ser visto pela divulgação da empresa internacional “Sex in Christ”¹² do início de produção de um filme pornográfico “gospel”. O objetivo seria combater a “perversidade” da pornografia por meio da veiculação do sexo tal como Deus o deseja. A notícia foi veiculada no Brasil pelo blog “Preliminares” de autoria de Carol Patrocínio.

Segundo o site da instituição e a blogueira, o filme contaria com atuações de casais, retratando o contexto do casamento, no qual ambos deveriam ter prazer equitativo (sem predomínio masculino), não deveria haver traição, nem profanação,. O filme deveria ser instrutivo e permeado por mensagens positivas de fé. Até onde pôde ser averiguado, não há indícios de que o filme tenha sido lançado e há poucas informações sobre a origem e a filiação da “Sex in Christ”. Entretanto, existem vídeos produzidos por eles disponíveis no site *Youtube*, no qual eles falam sobre sexo anal, oral e masturbação sob a perspectiva cristã.

¹¹ Uma interessante reflexão sobre o tema pode ser acessado pelo endereço: <http://maioridigressao.blogspot.com.br/2013/04/givenchy-o-cheiro-da-morte.html>. A autora analisa o filme publicitário do perfume Dahlia Noir, da marca francesa Givenchy.

¹² Mais informações podem ser obtidas no site: <http://www.sexinchrist.com/pornography.html>, acesso em 24/04/2014, às 15h18.

De acordo com o vídeo, a masturbação não seria pecado. Ao contrário, trataria-se de um presente de Deus para a humanidade. Ainda de acordo com o vídeo, a masturbação não é citada na bíblia, de modo que haveria uma restrição explícita clara. Assim a repressão à prática por parte de líderes e religiosos seria equivocada.

Contudo, os autores do vídeo alertam que o excesso de masturbação ou sua ligação à fantasias sexuais que envolvam atos condenados por Deus como a traição, bestialidade etc., configura-se pecado. Segundo o vídeo, a masturbação pode ser uma alternativa positiva para prevenir doenças, gravidez indesejada, traição e também uma opção para que ambos parceiros cheguem ao orgasmo e tenham prazer equitativo na relação, além de ser uma forma de manterem-se virgens antes do casamento.

Ainda que o material pornográfico gospel não tenha sido divulgado, existe dentro deste contexto outros materiais de conteúdo sexual como sex shops e aula de pole dance “para Jesus”. Carol Patrocínio, autora da matéria “Evangélicos também gostam de sexo!”, citada anteriormente, inclusive, entrevistou uma professora da dança sensual e apresentou lojas de artigos eróticos para cristãos/ãs, como a “Book 22”, a “My Beloved Garden” e a “Intimacy of Eden”.

Não causa estranhamento que todas as referências sejam americanas. Afinal, trata-se de um país de intensa presença protestante, no qual inclusive o movimento religioso sofreu diversos avivamentos e transformações. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos são o símbolo do capitalismo e da capacidade de transformar tudo em mercado e consumo. Sob este ponto de vista, podemos refletir o atual estágio de vivência e oferta religiosa. Com base na ênfase no indivíduo e sua liberdade de escolha de modo que a manutenção da adesão é transferida da instituição ou organização religiosa à experiência mística do sujeito com a mesma (MARIZ, 2003).

Tal processo também se reflete na oferta de múltiplas possibilidades de escolha religiosa, que possibilitam ambiente pluriconfessional e fluxo de pessoas e ideias entre as confessionalidades (DUARTE et. al., 2005; 2006; DUARTE, 2006; MACHADO, 2007; MARIZ, 2003; NATIVIDADE, 2005; 2006; TAVARES; 2011; TAVARES; CAMURÇA, 2006). Duarte (2006, p. 25) assinala que as escolhas religiosas

parecem funcionar para os sujeitos sociais mais como ‘justificações’ (...) de sua adesão pessoal, seja sob a forma de substituição, alternância de adesão religiosa na direção de uma melhor adequação ao estilo de vida abraçado, seja a forma de um questionamento ou desobediência pontual aos preceitos de uma religião já assumida.

Tal como aponta Mendonça (2008), o cenário religioso atual se caracteriza por intensa oferta religiosa, sincretismo e acomodações, o que torna a nomenclatura tão complexa. As diversas denominações foram influenciadas pelos movimentos sequentes de modo que dificilmente exista hoje uma denominação pura e com características estanques (ALMEIDA, 2011; MARIANO, 2012; MENDONÇA, 2008).

Talvez por isso, Almeida (2011, p. 112) discorra sobre um movimento importante de “circulação de ideias e práticas religiosas para além das fronteiras institucionais e flexibilidade no vínculo institucional”. O autor discorre sobre o processo de assimilação e acomodação às novas ideias e práticas religiosas por parte de outras tradições religiosas cristãs, bem como o multipertencimento e os fiéis itinerantes.

Para Almeida (2011) não há, no cenário religioso atual, algo tão impactante quanto à emergência dos ditos neopentecostais nas décadas de 70 e 80. Mendonça (2008, p. 150) chama a atenção para o fato de que “a cultura sofreu transformações, a sociedade criou novas necessidades e a visão sofreu ou está sofrendo reajustes” e que as igrejas neopentecostais souberam se adaptar a elas.

O neopentecostalismo é o terceiro momento do movimento pentecostal, como já dito, um dos desdobramentos da reforma luterana. O pentecostalismo chegou ao Brasil por volta de 1910, com a fundação da Congregação Cristã do Brasil, em São Paulo, e da Assembleia de Deus, em Belém (MAFRA, 2001; MARIANO, 2012). Mariano (2012) apresenta um cuidadoso levantamento das principais divisões e classificações, e apoiado em Freston (1993) propõe que o pentecostalismo se divide em três ondas (ALMEIDA, 2011), a saber, o pentecostalismo clássico, o deuterpentecostalismo e neopentecostalismo.

O pentecostalismo clássico foi característico do período de 1910 a 1950, desde a fundação das primeiras igrejas até sua difusão para o território nacional. “No início, compostas majoritariamente por pessoas pobres e de pouca escolaridade, discriminadas por protestantes históricos e perseguidas pela igreja católica”, as igrejas pentecostais brasileiras “caracterizam-se por um ferrenho anticatolicismo, por enfatizar o dom de línguas, a crença na volta iminente de Cristo e na salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição ao mundo exterior” (MARIANO, 2012, p. 30).

A segunda onda começou por meio do trabalho missionário de dois americanos vinculados à *International Church of Foursquare Gospel*, que inspirou a criação da Igreja do Evangelho Quadrangular. Eles trouxeram ao Brasil “o evangelismo de massa centrado na mensagem da cura divina”. Utilizaram-se do rádio para propagar sua mensagem, o que foi visto com reticências pelas igrejas do primeiro período, uma vez que estas rechaçavam as coisas mundanas, vistas como diabólicas. Fizeram uso também do “evangelismo itinerante em tendas de lona, de concentrações em praças públicas, ginásios de esporte, estádios de futebol e cinemas” (MARIANO, 2012, p. 30). Apesar de terem sido acusados de charlatanismo e curandeirismo, seus métodos chamavam a atenção e eram sedutores, uma vez que ofereciam a experiência mística e o êxtase (MARIANO, 2012; MENDONÇA, 2008).

Convencionou-se separar estes dois movimentos porque, embora ambos estejam baseados na ênfase ao Espírito Santo, o primeiro o faz por meio do dom de línguas e o segundo pelo foco na cura divina. Além disso, o tempo transcorrido entre o início de cada uma e o uso de inovações evangelísticas, como mídia e concentrações populares pelo segundo grupo justificam a separação (MARIANO, 2012).

A terceira onda teve início em meados da década de 70, com a fundação da Igreja de Nova Vida, pelo missionário canadense Robert McAlister. “O prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter tanto a sua formação recente quanto ao caráter inovador do neopentecostalismo” (MARIANO, 2012, p. 30). O neopentecostalismo é foco de inúmeras discordâncias entre autores em função de quais tradições pertenceriam ao agrupamento, quais fogem do que seria conceituado como pentecostalismo ou evangélico, entre outras polêmicas (MARIANO, 2012; MENDONÇA, 2008; 2011).

Seguindo com a sistematização de Mariano (1999), a terceira onda se caracterizou pela diminuição do ascetismo, organização e estrutura empresarial na gerência dos templos, doutrina pautada pela teologia da prosperidade, crescimento massivo do trabalho de evangelização midiática, além da centralidade na batalha espiritual (SILVA, 2011).

Mendonça (2008, p. 139), apesar de discordar da expressão neopentecostal, analisa que o agrupamento religioso citado fez tanto sucesso porque se adequou à realidade cultural brasileira por meio de sincretismo com o catolicismo popular no qual existe a crença em mundo maniqueísta. Neste cenário, o mundo é passível de ser

alterado por intervenções imediatas e parciais, por meio de elementos e forças “mágicas” que auxiliam o/a fiel na luta contra o mal. O autor chama a atenção para o uso de objetos e soluções mágicas corporificados em amuletos, óleos, flores, chaves, água-benta etc. As soluções mágicas se apresentam nas novenas e exorcismos. “Os atos de exorcismo entram como instrumental de reorganização do universo dos/as clientes, separando o bem do mal”.

Além disso, o neopentecostalismo inaugura a possibilidade de felicidade aqui e agora. Em uma sociedade marcada pela individualidade e o hedonismo as pessoas procuram soluções rápidas para seus problemas e que não exijam uma retirada do mundo e seus benefícios. Compreendendo esta situação, as igrejas neopentecostais pregam que o sofrimento é culpa do pecado e o pecado é causado pela ação de Satanás na vida do/a fiel. Desta forma, a doutrina oferece tanto isenção de culpa por parte da pessoa em seus atos como a possibilidade de acabar com o sofrimento por meio da expulsão dos demônios (MACHADO, 2007; MARIANO, 2012; MENDONÇA, 2008; NATIVIDADE, 2005; 2006).

Dentro do neopentecostalismo temos a Igreja Universal oferece cerca de três a quatro cultos por dia, divididos em função das necessidades dos fiéis: cura e libertação; culto da família; problemas financeiros etc. A ênfase nas soluções mágicas, à batalha espiritual, o apelo a Teoria da Prosperidade e o combate às religiões afrodescendentes, apesar de presente em todas as igrejas neopentecostais, são características muito fortes da Igreja Universal. Juntamente com a Assembleia de Deus, agrega boa parte dos/as evangélicos/as brasileiros/as (ALMEIDA, 2011; MARIANO, 2004; 2012).

A igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em 1977, no Rio de Janeiro. A igreja Universal é fruto de muitos estudos e discordâncias. Apesar de agrupada entre os neopentecostais, a igreja tem peculiaridades que a diferenciam de todo o movimento pentecostal brasileiro. A igreja tem uma abordagem “agressiva” de evangelização e um modelo de gestão bastante empresarial. O enorme crescimento e acumulação de riquezas já renderam à igreja diversas manchetes policiais e processos jurídicos, especialmente após a compra da Rede Record, que não se limitou ao conteúdo gospel (MARIANO, 2004; 2012).

A filiação religiosa dos/as participantes se dividiu entre as três ondas, representando a primeira onda do pentecostalismo temos a Igreja Adventista da

Promessa, que tem seus ramos na Igreja Adventista do Sétimo dia. O surgimento da denominação remonta os reavivamentos pelos quais passaram as igrejas históricas de missão nos Estados Unidos. A igreja foi fundada, em 1932, pelo pastor João Augusto da Silveira, em Pernambuco. Em razão de sua origem a igreja mantém tradições adventistas, como a restrição alimentícia baseada no Antigo Testamento e o sabbatismo¹³. Ao mesmo também partilha das características das igrejas pentecostais como ênfase na ação do Espírito Santo e seus dons¹⁴.

A Igreja Evangélica do Evangelho Quadrangular, representante da segunda onda pentecostal na amostra, foi fundada nos Estados Unidos pela missionária, Aimee Elizabeth Kennedy em 1922. Ele chegou ao Brasil por meio de dois missionários americanos em 1953, em São Paulo. A Igreja do Evangelho Quadrangular não nasceu de um cisma e ainda não sofreu nenhuma ruptura, apesar de funcionar de forma bastante autônoma nos diferentes países em que possui igrejas¹⁵. Na denominação não existem muitas regras quanto a uso e costumes. O foco é sempre na preservação do corpo em razão deste ser templo do Espírito Santo. A doutrina quadrangular é bastante arraigada nas características do deuteropentecostalismo, especialmente no avivamento carismático centrado na cura e libertação e na centralidade de Cristo (MARIANO, 2004; 2012).

A Assembleia de Deus surgiu no contexto da primeira onda pentecostal, entretanto, tem tido diversas rupturas e acomodações assimilando diversas características de outros momentos. A instituição é a maior igreja evangélica do Brasil (LOPES, 2008). A Assembleia de Deus foi fundada por dois missionários suecos, que a princípio pertenciam a Igreja Batista de Belém, em função de suas pregações acerca do batismo no Espírito Santo e o reavivamento, os missionários foram expulsos da denominação de origem juntamente com outras 17 pessoas, dando início a uma nova tradição religiosa.

Sob a liderança de Gunnar Vingren, a Missão da Fé Apostólica, mesmo nome da igreja pentecostal fundada por W. J. Seymour. Este movimento cresceu significativamente, não apenas em Belém do Pará, mas também

¹³ Guardar o sábado como dia sagrado. O dia para os adventista começa e termina com o pôr do sol, portanto, o sábado inicia-se ao pôr do sol de sexta e termina ao pôr do sol do sábado.

¹⁴ Informações adquiridas no site da instituição <http://portaliap.com.br/>, acessado em 12/11/2012.

¹⁵ Informações adquiridas no site da instituição <http://www.quadrangular.com.br/index.php>, acessado em 10/11/2012.

em outras regiões do Brasil. Após sete anos de intenso crescimento, foi oficializado em 1918 o nome Assembleia de Deus (LOPES, 2008, p. 23).

A Assembleia de Deus cresceu muito e com rapidez impressionante em função de abranger um grupo grande com pouco letramento que os impedia das celebrações das igrejas católicas e protestantes históricas (LOPES, 2008; MAFRA, 2001; MARIANO, 2012). Além disso, com o fim do ciclo da borracha no Pará, o fluxo migratório dos membros de volta as suas origens espalhou a religião pelas diferentes regiões do Brasil (LOPES, 2008).

A Assembleia de Deus, em função de seu anticatolicismo tinha regras de vestimenta e conduta bastante rígidas, além de ascetismo radical do mundo secular. TV e música “mundana”, bem como, festas, por exemplo, eram terminantemente proibidas. O cenário ascético começou a mudar em meados da década de 70, por influência movimento neopentecostal e seu impacto no cenário religioso brasileiro (PANTOJA; COSTA, 2013).

A assimilação do neopentecostalismo pela Assembleia de Deus não é homogênea. A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB abriga diversos ministérios e até mesmo novas denominações ainda chamadas Assembleia de Deus por agregarem semelhanças em suas organizações e doutrinas. Dentro da CGADB começaram a surgir igrejas que rompiam bastante com a organização e premissas assembleianas (LOPES, 2008; PANTOJA; COSTA, 2013).

O principal grupo dissidente foi o grupo formado pelas Assembleias de Deus que mais tarde formariam à Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil - Ministério de Madureira (CONAMAD). O grupo assumidamente adota as premissas neopentecostais em suas igrejas (LOPES, 2008; PANTOJA; COSTA, 2013).

Todos/as os/as participantes assembleianos/as pertencem a denominações da Assembleia de Deus vinculadas a CGADB. Entretanto, os participantes pertencem a ministérios e denominações diferentes. Tal como aponta os relatos é bastante comum o trânsito religioso entre os ministérios e congregações entre as diversas Assembleias de Deus.

O surgimento da igreja Batista remonta os primeiros grupos reformistas europeus do século 18. De acordo com o Esperandio (2005), os batistas surgiram pela influência de grupos ingleses e holandeses, materializados nos movimentos anabatistas, calvinista e no arminianismo. Os anabatistas eram contrários ao batismo infantil e a predestinação presente no calvinismo, por outro lado, concordavam com a necessidade educacional da Igreja. O arminianismo pregava a ênfase na salvação individual por meio da crença da salvação pela fé. As três influências transmitiram a doutrina batista uma forte tendência ao estudo bíblico.

No Brasil, a Igreja Batista chegou entre 1871-1881, por meio de missionários norte-americanos. Nos Estados Unidos, a doutrina batista já havia passado por mudanças devido a características e acomodações locais, tornando-se mais sectários¹⁶. A Igreja Batista no Brasil, tal como nos Estados Unidos sofreu diversos cismas e segmentações. Os reavivamentos e a onda neopentecostal também influenciaram o surgimento de Batistas Renovadas ou atitudes renovadas nos cultos e organizações tradicionais. As Igrejas Batistas reúnem-se na Convenção Batista Brasileira e apesar de possíveis diferenças se assemelham por seguir os princípios pré-determinados, abaixo assinalados:

- 1) aceitação das escrituras sagradas como única regra de fé e conduta,
- 2) O conceito de igreja como uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e bíblicamente batizadas,
- 3) separação entre igreja e Estado,
- 4) absoluta liberdade de consciência,
- 5) responsabilidade individual diante de Deus, e
- 6) autenticidade e apostolicidade das igrejas (ESPERANDIO, 2005, p. 24).

Todo esse cenário de maior negociação devido a possibilidade do exercício das próprias experiências (subjetivismo) e multiplicidade confessional disponível constituem ponto crucial na construção e manutenção do ethos privado, bem como do pertencimento religioso (NATIVIDADE, 2005; DUARTE, 2005; 2006). Tanto o ethos religioso quanto o ethos privado congregam aspectos que nem sempre condizem com as premissas da religião.

O ethos privado privilegiado pela congregação de adesão provavelmente não é o da experiência direta do fiel, mas sim da sua projeção de um ideal de comportamento individual ou familiar construído com base em sua experiência de família original e das

¹⁶ Intransigente, intolerante, menos aberto ao diálogo. Conservador.

vicissitudes sempre mutantes de constituição das neofamílias (DUARTE, 2006, p. 72).

Duarte (2006) critica a visão clássica de que a religião seria necessariamente pudica e a sexualidade libertária. O autor aponta que tanto a representação da sexualidade quanto da religião são construções culturais. Na observação científica não se verifica essa suposta antinomia entre as duas esferas.

Cada discurso religioso elabora uma codificação muito visível de atitudes morais consideradas razoáveis para seu rebanho e a torna disponível publicamente. Cabe aos fiéis, tipicamente, comparar essas codificações modelares e se aproximarem da congregação ou igreja que consideram mais consentânea com sua própria disposição moral – inevitavelmente mas não de modo linear relacionada com sua experiência familiar de origem (DUARTE, 2006, p.72)

Uma pesquisa, realizada por Duarte (2006) sobre reprodução assistida, evidencia de forma clara o caráter subjetivista da crença religiosa no contexto atual. Diante da posição contrária das igrejas em relação ao uso de tecnologias reprodutivas, as participantes que desejavam ter filho relataram que não consideravam seu comportamento errado. As justificativas mostraram uma composição valores pessoais condensadas entre os valores religiosos e a importância das motivações e desejos pessoais. As participantes não concordavam com a postura da igreja em proibir a reprodução sob a justificativa de que se Deus não a aprovasse não teria permitido que a mesma se desenvolvesse. Por outro lado, consideraram pecado o descarte ou a doação de embriões e um abuso à permissão de Deus.

O exemplo evidencia a complexidade da formação do ethos privado. A concepção de mundo é composta por diversos discursos, inclusive os religiosos que oferece substrato para justificação de atitudes e contenção de comportamento. Mas também é fruto de transgressão e reflexão em função de valores e informações advindos de outros discursos e pela necessidade e desejos da própria pessoa. Neste caso, ter um filho.

A experiência empírica tem fornecido dados que mostram uma assimilação por parte da igreja de certas exigências da sociedade no campo da sexualidade. Machado (1995) chamou atenção para a visão cristã construída sobre mulher como inferior ao homem e na condenação do desejo sexual com base na concepção de pecado agostiniana. A autora reconhece no Pentecostalismo uma tentativa de assimilar os

direitos sexuais ao legitimar o prazer sexual dentro do casamento e o planejamento familiar. Machado (1996) também sinaliza que a exigência da fidelidade tanto para mulheres como para homens por parte deste setor religioso busca uma tentativa de assimilar as discussões acerca do duplo padrão de moralidade no campo da sexualidade.

No estudo, realizado em 2006, a autora discorre sobre a socialização diferenciada de gênero, por conta do papel histórico feminino de cuidado e domesticidade, para explicar o maior pertencimento e adesão femininos à religião. O maior engajamento feminino na religião talvez seja a razão pela qual a mãe é referida como dotada de mais influência do que o pai sobre os membros das gerações mais jovens na escolha da religião (MACHADO, 2006; TAVARES; CAMURÇA, 2006). Machado (2006), todavia aponta que a influência da mãe não foi significativa entre os protestantes históricos.

Natividade (2005; 2006) relata que a homossexualidade e o aborto continuam sendo ponto impermeável à mudança. Na tradição neopentecostal, objeto de estudo do autor, os comportamentos homossexuais são vistos como pecado, fruto da ação de Satanás na vida da pessoa. Sendo assim, o sofrimento advindo do pecado deve ser neutralizado por meio de curas e libertação. Nas referidas sessões, a pessoa deve citar o nome de cada parceiro/a do mesmo sexo que já teve para que o/a pastor/a possa quebrar a maldição e libertá-la.

Silva et. al. (2009), em uma pesquisa com jovens católicos/as, pentecostais e pertencentes a religiões afro-brasileiras, sinalizam maior abertura das entidades católicas e afro-brasileiras quanto ao sexo antes do casamento. Entre os jovens pentecostais esta tendência não se verificou. Ao contrário, entre os/as jovens pentecostais o caráter pecaminoso do sexo antes do casamento foi bastante enfatizado. A compreensão dos/as jovens envolvia a noção de que o sexo é bom quando é lícito e ruim quando feito ilicitamente. Os direitos sexuais e a homossexualidade foram mais enfaticamente desaprovados pelos/as jovens pentecostais, embora apenas aqueles pertencentes a tradições afro-brasileiras tenham se mostrado mais abertos/as ao tema.

Gomes (2010a, p. 66; 2006) destaca que a igreja tem conhecimento da quantidade de instâncias responsáveis pela socialização do jovem. Com o objetivo de obter uma influência maior na construção subjetiva do/a jovem, a igreja cria redes múltiplas de sociabilidade, oferecendo alternativas de lazer “do Senhor”, como festas,

shows e até baladas gospels. Entretanto, o tipo de sociabilidade é cerceado, como coloca o autor “nem tudo pode ser festa, nem tudo é licenciado”.

Ao mesmo tempo em que cerceia e limita o namoro, vê-se o espaço para as transgressões e rupturas. Ainda de acordo com o autor, a maior dificuldade enfrentada pelos/as jovens que ele entrevistou na vida religiosa seria não se relacionar sexualmente. Neste sentido, o discurso religioso se utiliza da ocupação do tempo dos/as jovens por meio de cargos episcopais, evangelização e lazer “cristão” para que o sexo não ocupe suas cabeças. Os/As jovens são inseridos em um discurso de potencial risco sexual, bem como, são vistos/as como futuros/as geradores de opinião, motivo pelo qual o público se torna foco tão intenso de investimento evangelizador.

Gomes (2010a) e Dantas (2010) discorrem sobre o agendamento da sexualidade juvenil para o sexo pós-nupcial e a atração pelo sexo oposto presentes no discurso religioso. O discurso é realizado com base na crença que a pessoa deve se guardar para alguém que está sendo preparado por Deus e que virá no tempo certo. A idealização do/a parceiro/a e a vivência plena da sexualidade após o casamento são postulados como a grande recompensa por cumprir os planos de Deus.

No trabalho da Dantas (2010, o objeto de estudo é a Igreja evangélica Bola de Neve. A igreja tem um grande apelo aos/as jovens por conta de seu caráter aparentemente descontraído. Uma prancha de surf toma o lugar do púlpito e a valorização da saúde, bem como o culto ao corpo belo se somam a uma linguagem coloquial.

A congregação busca uma identidade liberal e flexível, em termos de vestimenta e apresentação, ao mesmo em que resgata mecanismos de censura e controle da sexualidade, por meio da restrição ao namoro e agendamento da sexualidade pós-nupcial. “A dupla linguagem do desejo”, como coloca a autora, busca se alinhar aos avanços e demandas culturais, mas, mantendo a sexualidade confinada à noção normativa de sexo.

Observa-se a partir dos estudos citados acima, que boa parte da carga ideológica presente nas instâncias socializadoras direciona-se à juventude atualmente. Isso se deve a ideia de que o período compreende a formulação das concepções e valores próprios. Autores como Bee (1997) e Papalia, Olds e Feldman (2000) discorrem sobre os aspectos psicológicos, físicos e cognitivos do desenvolvimento humano apontando que

a adolescência/juventude compreende crises quanto aos papéis, responsabilidades e mudanças relacionadas à transição da infância à vida adulta.

Na resolução das Nações Unidas (FUNABEM, 1988 apud SILVA, 2004), jovem é quem possui de 15 a 24 anos. No Brasil, a referência é a PEC da juventude aprovada em 2010 (BRASIL, 2012)¹⁷, pelo Congresso eu institui que a juventude compreende as idades de 15 a 29 anos. É claro que juventude não se trata estritamente de um período cronológico. Mas “parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um” (DAYRELL, 2007, p. 158).

As experiências pessoais, diferenças sociais, econômicas e geográficas determinam maneiras diferente de ser jovem. Falar em juventude é, portanto, falar em juventudes, ou os diferentes modos de viver o “momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida” (DAYRELL, 2007, p. 158).

Os jovens participantes desta pesquisa, por exemplo, tem idades entre 20 anos e 28 anos, idade máxima que extrapolaria as nomenclaturas oficiais de definição de jovem. O adiamento da saída da casa dos pais e o prolongamento dos estudos têm contribuído para este alongamento da juventude. Debert (2010) aprofunda-se neste argumento, explicando que na sociedade atual existe uma descronologização da vida, justamente em função dessa valorização excessiva da juventude como forma de homogeneizar grupos de consumo. Desta forma, a maturidade ocorreria por meio da assunção de determinadas responsabilidades como maternidade, relacionamento estável, emprego etc. que não acontecem mais em função de um tempo cronológico datado, e sim de acordo com as possibilidades e acessos de cada família, pessoa.

Percebe-se então que as transformações sociais também levaram à mudanças na organização da intimidade e da vida familiar e doméstica. Vê-se uma maior tolerância parental à expressão sexual dos filhos, ainda que a legitimação da autonomia sexual na juventude dependa da origem da família. Observa-se também o reconhecimento, por

¹⁷ Emenda constitucional 065/2010 do artigo 227 da Constituição Brasileira de 1988. O texto completo encontra-se disponível no site do Planalto: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc65.htm, acessado dia 14/06/2014.

parte dos/as jovens, do exercício de sexualidade do pai e da mãe (BOZON, 2004a; BRANDÃO, 2004).

As novas regras morais tem diminuído a diferença etária entre a primeira relação sexual de homens e mulheres, que ocorre por volta dos 17 anos para ambos. No entanto, ainda se percebe na América Latina uma precocidade maior na iniciação sexual masculina e de muitas vezes a relação sexual ocorre subordinada a um vínculo afetivo (BOZON, 2004a; BRANDÃO, 2004).

O sexo não restrito ao casamento, entretanto, não forneceu um panorama de liberdade sexual. O legado patriarcal influencia a compreensão de gênero no país até os dias atuais. Como explica Parker (1991), a visão da mulher como inferior ao homem permeia o imaginário social. O desejo e a expressão sexual masculina continuam legitimados e incentivados, enquanto as mulheres ainda são julgadas e desestimuladas a expressarem seu desejo e sexualidade. A intensidade e forma de inibição são variadas em função das peculiaridades de cada estrato social (BOZON, 2004a; 2004b; FURLANI, 2003; HEILBORN, 1999; 2005; LOURO, 2000; 2008; SALEM, 2004).

Parker (1991) explicita o complexo processo de socialização na família. A feminilidade vista como natural tem seu corpo continuamente silenciado. A masculinidade, ameaçada pela figura do gay/efeminado, é apelativamente forjada por meio dos incentivos ao exercício da sexualidade e agressividade, símbolos da macheza. Um exemplo da imposição masculina como sujeito de desejo pode ser visto na pesquisa de Brandão (2004) sobre gravidez na adolescência. A autora sinalizou que o início da vida sexual por parte das meninas muitas vezes envolve o desejo feminino da manutenção do vínculo diante da pressão do namorado para fazer sexo.

A antiga interdição ao sexo feminino também passou por acomodações e resistências, transformando-se em discursos e educação para a proteção, saúde e cuidado (BOZON, 2004a; HEILBORN, 1999). A sexualidade da mulher continua sendo foco de controle por meio do cuidado médico. A contracepção e o bom parto incumbiram à mulher a responsabilidade e consequências advindas do sexo. A responsabilização da mulher pelo ato sexual advém da perpetuação da ideia de natureza feminina desprovida de desejo, portanto apta a conter o desejo masculino irrefreável (BOZON, 2004a; BRANDÃO, 2004; HEILBORN, 1999; 2004; LOURO, 2008; MONTARDO, 2008; SALEM, 2004).

Bozon (2004a) reforça que, apesar das mudanças na estrutura social que permitiram à mulher ingressar no mercado e adquirir autonomia material, a assimetria dos papéis masculinos e femininos persiste quanto a oportunidades, organização da parentalidade e divisão do trabalho doméstico. A mulher continua sendo a principal responsável pelo cuidado dos/as filhos/as e organização do lar, além de receber menos para exercer as mesmas tarefas que o homem (BOZON, 2004b; GUILLEBAUD, 1999).

Além disso, por conta de historicamente o homem ter a obrigação de ‘por comida na mesa’, e a mulher, o cuidado com os/as filhos/as, processou-se certa distância afetiva dos pais para com os/as filhos/as (GUILLEBAUD, 1999). Em uma pesquisa feita com jovens em diferentes cidades e classes sociais, Setton (2006) afirma que especialmente entre os/as jovens da classe média e alta, a relação familiar é marcada pelo maior relacionamento afetivo com a mãe. A idealizada proximidade afetiva materna a tem qualificado para a função de educar os filhos também no tocante à sexualidade (KAWATA; NAKAYA; FIGUEIRÓ, 2010).

Na década de 90 e início do século XXI, com o decréscimo nas taxas de fecundidade e do número de casamentos, bem como o aumento da expectativa de vida e a aceitação social do divórcio propiciaram um cenário novas transformações na organização familiar. A chamada ‘crise na família’ sinaliza, na verdade, o surgimento de novos modelos familiares coerentes com as exigências da vida contemporânea (BOZON, 2004a; DUARTE, 2006; GUILLEBAUD, 1999; HEILBORN, 1999; 2004). De acordo com Setton (2002, p. 111) “a família é uma instituição que evolui conforme as conjunturas socioculturais (...). Sua história recente revela um poder de adaptação e uma constante resistência em face das mudanças de cada período”.

Uziel (2004) e Carvalho (2002) afirmam que, apesar de a família nuclear ainda povoar as concepções e os ideais de felicidade, especialmente entre a classe média, cada dia mais se torna uma experiência minoritária. A primeira autora apresenta um estudo que envolveu as concepções de profissionais da área de adoção sobre família. A autora mostra que o surgimento de noções como família monoparental¹⁸, homoparental¹⁹, entre outras, acabam servindo para a catalogação do que foge à regra da dita ‘família tradicional’.

¹⁸ Família em que a parentalidade é exercida por uma pessoa.

¹⁹ Família em que a parentalidade é exercida por um casal de duas mulheres ou dois homens.

A aceitação universal do modelo nuclear leva à compreensão de que esta seja a única forma estruturada de família. Outros modelos e formas de ser família são entendidos como desestruturadas e desequilibradas, podendo trazer “toda a sorte de desvios de comportamento” (SZYMANSKI, 2002, p. 23). Mesmo diante de evidências cada vez mais presentes das mais variadas organizações familiares, a família nuclear continua sendo, no imaginário popular, o modelo de família legítima. Szymanski (2002) afirma que o modelo nuclear é continuamente repostado e legitimado por outras instâncias culturais. Nas palavras de Uziel (2004, p. 90), “se a família aparece como a mais natural das categorias (...) é porque o sentimento familiar é continuamente repostado para que a ficção possa se perpetuar”.

As noções de família, bem como os ensinamentos passados por ela vão sendo aprendidos e assimilados ao longo da vida, por meio da internalização do mundo social. O processo de socialização configura-se como a internalização das regras, modelos e concepções presentes na vida social. No que tange à sexualidade, ao conjunto de permissões e interditos de uma sociedade modelados por meio de regras, modelos, normas e valores relativos às proibições e permissões nos discursos explícitos ou implícitos da religião, leis, moral, ciência, entre outros, dá-se o nome de repressão sexual (CHAUÍ, 1984).

O processo de socialização é tenso, uma vez que agrega valores, crenças e informações provenientes das diferentes instâncias com as quais a pessoa se relaciona ao longo da vida (LOURO, 2000; HALL, 2005; SETTON, 2002; 2005; 2006)²⁰. No presente contexto cultural, o sujeito é constantemente interpelado por uma ampla e variada gama de experiências sociais, em função do precoce engajamento nas diferentes instâncias culturais.

Apesar de conteúdos e estratégias variadas, as instâncias culturais coexistem de forma interdependente modelando a estruturação do pensamento individual, por meio da transmissão de formas simbólicas coerentes com a concepção moderna de mundo (SETTON, 2002). A força e a influência de cada uma delas na construção da

²⁰ Embora SETTON (2002; 2005; 2006) conceba o sujeito de forma diferente de Hall (2005) e Louro (2010) e se remeta às instâncias socializadoras e não instâncias culturais, a autora tem muitos trabalhos sobre o papel da socialização na formação dos valores e crenças individuais. Neste sentido, apesar de entender as diferenças conceituais epistemológicas dos termos, eles serão utilizados conjuntamente ao longo do trabalho.

subjetividade individual dependem da experiência pessoal de cada um dos espaços de socialização (SETTON, 2002; HALL, 2005).

1.5. Educação Sexual

As aprendizagens em relação à sexualidade acontecem em distintas situações. Os padrões normativos permeiam o imaginário social e são construídos e redistribuídos através das relações com os bens e conhecimentos culturais provenientes da família, escola, religião, mídia, entre outros, de modo explícito ou dissimulado. Aprende-se por meio de experiências cotidianas como conversas, músicas, mitos, piadas ou mesmo pelos silêncios e expressões faciais, em um processo amplo, que acontece por toda a vida (FIGUEIRÓ, 2010; LOURO, 1999; 2008; MAIA; MAIA, 2005; RIBEIRO, 2000; 2005; XAVIER FILHA, 2009; WEREBE, 1998).

A educação sexual intencional trata-se de um projeto sistematizado e com objetivo de promover ensinamentos sobre sexualidade. Quando a educação sexual não é intencional, acontece por meio de aprendizagens e assimilações feitas ao longo da vida pelos valores e informações expressas de forma informal (FIGUEIRÓ, 2010; MAIA; MAIA, 2005; WEREBE, 1998). Na verdade, a transmissão de informações e valores sobre sexualidade dificilmente acontece de forma direta.

Não obstante a sexualidade ser um idioma social muito difundido, as conversas em família sobre sexo revelam-se ainda pouco explícitas. Tomam formas indiretas, pouco palpáveis ou claras, permeadas de reticências, advertências, reprimendas (BRANDÃO, 2004, p. 80).

A autora também afirma que, ainda que o pai e/ou a mãe se ocupe da sexualidade, isso acontece de modo indireto, por meio da análise de experiências de terceiros ou baseadas em conteúdos veiculados pela TV e internet, geralmente na forma de um discurso do/a pai/mãe para os/as filhos/as e não em um diálogo aberto no qual ambos falam sobre o tema (ALTMANN, 2010). Setton (2006) destaca que o diálogo parece ser mais presente em famílias de classe média e alta.

O aprendizado sobre sexualidade pode ocorrer ainda por meio de um intenso silenciamento. O interesse e a curiosidade infantis são, muitas vezes, recebidos pelos adultos com reações de constrangimento e repreensão, tornando o campo da sexualidade

uma área recoberta pelo segredo e restringindo a possibilidade de compreensão. Tais ensinamentos levam a uma compreensão do sexo, o corpo e o prazer como algo proibido, errado, sujo, fonte de culpa e vergonha (FURLANI, 2003; GUERRA, 2005; LOURO, 1997; 2010; MAIA; MAIA, 2005; SILVA, 2007).

Em uma pesquisa realizada por mim e por minha orientadora (PEREIRA; MAIA, 2010), por exemplo, pouco mais da metade dos/das jovens da amostra revelaram que a educação sexual recebida pela família foi favorável, contando com informações e diálogos sobre o assunto. O restante dos/das jovens entrevistados/as afirmou que a educação sexual teve aspectos desfavoráveis quanto à limitação aos conteúdos e informações profiláticas, conservadoras e limitadas ou marcadas pelo silêncio absoluto sobre questões envolvendo a sexualidade. Os dados podem sugerir uma mudança por parte da educação sexual na família ou pode ser fruto de uma percepção tendenciosa do/a participante em relação à educação familiar.

Nesse sentido, a educação sexual não intencional pauta-se nos padrões e normas contidos em cada sociedade. Na sociedade atual, os conhecimentos são sempre referendados por algum técnico da saúde, ciência, do estado ou dos valores morais familiares e religiosos (FISCHER, 1998; 2002; LOURO, 2008). Em uma sociedade em que o discurso científico é altamente valorizado, o que é entendido como verdade tende-se a “(re) produzir discursos acerca da sexualidade respaldados em discursos cientificistas, que tomam como referência uma materialidade biologicamente natural” (ALLTMAN, 2010; SILVA; RIBEIRO, 2011, p. 530).

Educar sexualmente, portanto, pode ser um instrumento tanto de emancipação do indivíduo - para que ele/ela possa romper com estereótipos e tabus recorrentes na sociedade - ou servir como poderoso meio pelo qual a repressão sexual se perpetua (CHAUÍ; KEHL; WEREBE, 1981). Por este motivo, os autores/as atuais tem tido a preocupação em analisar e cunhar novos termos e nomenclaturas que melhor explicitem o que se pretende com o tema (FIGUEIRÓ, 2010, NUNES E SILVA, 2000).

Educação sexual tem sido a forma consagrada pela qual os/as autores/as da área se referem a toda aprendizagem que se recebe ao longo da vida em relação à sexualidade. Por ter surgido com o objetivo higienicista e de controle demográfico, projetos e ideologias atrelados ao termo o deixaram com contornos normalizadores (XAVIER FILHA, 2009). O termo “educação da sexualidade” surgiu no contexto da educação sexual portuguesa. Pauta-se na transmissão de valores tidos como positivos à

cultura citada como casamento, postergação das relações sexuais, preocupação com relacionamento e vínculos amorosos adquirindo, portanto, contornos heteronormativos (XAVIER FILHA, 2009).

A autora recorre ao termo “educação para a sexualidade” por considerá-lo capaz de abarcar toda a construção crítica necessária a um projeto de educação sexual combativo (XAVIER FILHA, 2009). Apesar de não discordar da posição ideológica partilhada na concepção da educação para a sexualidade, entende-se que o termo “educação sexual” descreve melhor a situação atual que se encontra os trabalhos em sexualidade realizados pela escola, família, religião, mídia, etc. Entende-se também, tal como Furlani (2009), que o termo educação sexual abarca o processo educativo amplo e complexo que as aprendizagens sobre sexualidade engendram na vida do sujeito.

O termo “orientação sexual”, escolhido pelo MEC – Ministério da Educação para constar nos documentos oficiais, tem gerado muito debate. Afinal “orientação” remete a ideia de aconselhamento. A proposta de orientação se coloca no limite entre a informação e a formação, ou seja, a escolha pela palavra sugere uma tentativa de isentar a escola do papel de questionar e refletir valores e crenças dos alunos no campo da sexualidade. À escola caberia o papel de divulgar informações científicas, especialmente, a transmissão de informações com intuito de reduzir as taxas de adolescentes grávidas e diminuição da disseminação do vírus HIV. É preciso deixar claro que nem a ciência, nem o projeto político escolhido pela escola são neutros ou livres de intenções (ALTMANN, 2001; FELIPE, 2007; XAVIER FILHA, 2009).

Xavier Filha (2009) e Britzman (1999) questionam a nomenclatura dos PCN. Ao se postular que é possível apenas informar sobre sexualidade, infere-se que os corpos e a linguagem são estáveis. Ou seja, que a própria construção de conhecimento corporal e de discursos seja neutra e isenta de padrões normativos. Neste sentido, para educar em termos de sexualidade é preciso questionar o conhecimento e concepções postas, indo além da transmissão do conhecimento, da informação.

Altmann (2001, p. 580) e Xavier Filha (2009) discorrem sobre o conteúdo expresso no documento. A primeira autora afirma que, de acordo com os PCN, “os programas de orientação sexual devem ser organizados em torno de três eixos norteadores: ‘Corpo: matriz da sexualidade’, ‘Relações de gênero’ e ‘Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS’”. Altmann (2001) afirma que a sexualidade expressa aos moldes da prevenção e cuidado engendra sua percepção como risco e

perigo, assunto de constante precaução e cuidado. A assimilação da sexualidade como algo a ser temido proporciona a emergência da autodisciplina e cuidado de si. A inserção da temática pelos PCN, desta forma, delinea intenções de gerenciamento por meio da insurgência do autocuidado (ALTMANN, 2001; FELIPE, 2007; LOURO, 1999; XAVIER FILHA, 2009).

No contexto dos projetos de educação sexual e documentos internacionais, a masturbação tem sido tratada como uma medida profilática, ou seja, uma forma ‘segura’ de obtenção de prazer para evitar AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis (ALTMANN, 2003). A masturbação foi incentivada para autoconhecimento, para que a própria pessoa deveria descobrir seus pontos erógenos, como sentia prazer, para que pudesse sentir mais prazer e proporcionar mais prazer ao outro (CHAUÍ; KEHL; WEREBE; BRUSCHINI, 1981; FOUCAULT, 1988, GUILLEBAUD, 1999).

No discurso dos/as especialistas/as, a masturbação é uma forma de se conhecer. E isso é ótimo. Entretanto, a ideia transmitida é sempre de uma espécie de treino. Como se a masturbação e o processo de autodescoberta servissem de base para um desempenho na vida sexual posterior, saber agradar o/a parceiro/a (especialmente para as meninas) e se agradar (PEREIRA; MAIA, 2012).

Segundo Altmann (2001; 2007b), a proposta de incitação do discurso do/a jovem remonta a dinâmica confessional utilizada pela igreja no controle da sexualidade dos fiéis. Nas palavras da autora,

o exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’, em governar, ou seja, estruturar o campo de ação dos outros. Nos PCNs, há a intenção de estruturar a ação dos alunos e alunas de modo que estes incorporem a mentalidade preventiva e a pratiquem sempre (ALTMANN, 2001, p. 582).

Os PCN são uma referência de estruturação de currículo. Em função da adoção dos PCN ser facultativa, não existe homogeneidade na estruturação de projetos sobre sexualidade na escola. De forma geral, entretanto, a literatura demonstra que a escola tem diferentes estratégias e formas de reprimir e padronizar a expressão sexual dos/as alunos/as (ALTMANN, 2001, 2005, 2007a; 2007b; BRITZMAN, 1999; FELIPE, 2007; FURLANI, 2007; 2008; JUNQUEIRA, 2009; 2010; 2012; LOURO, 1999; 2001 2008; MONTARDO, 2008; XAVIER FILHA, 2009).

Nas palavras de Felipe (2007, p.80),

As instituições escolares podem ser consideradas um dos mais importantes espaços de convivência social, desempenhando assim um papel de destaque no que tange à produção e reprodução das expectativas em torno dos gêneros e das identidades sexuais. As relações de poder entre homens e mulheres, meninos e meninas, nas suas múltiplas possibilidades, atravessam a escola dos mais diferentes modos: seja através de piadas de cunho sexista ou racista; seja através de uma acirrada vigilância em torno da sexualidade infantil, principalmente dos meninos, tentando normatizar os comportamentos que porventura não sejam “condizentes” com as expectativas de gênero instituídas; seja através da distribuição dos espaços e das tarefas a cada grupo; seja, ainda, através do descaso para com situações que envolvam violência doméstica e/ou abuso sexual. Outro problema muito comum nas escolas é a discriminação quanto à orientação sexual, gerando, muitas vezes, comportamentos homofóbicos²¹ e misóginos não só entre os/as alunos/as, mas também entre o corpo docente.

Além da preocupação profilática e necessidade de controle dos corpos que circunscrevem à educação sexual em uma lógica repressiva, há outros fatores que contribuem para a configuração atual da escola. O despreparo dos professores e demais profissionais da educação para lidar com o tema, por exemplo, engessam a compreensão da sexualidade aos moldes do senso comum. Junqueira (2008, p. 53), neste sentido, argumenta que

Antes de tudo, é preciso reter que a escola é um espaço de reprodução social, um espaço de construção e transmissão de saberes, valores e preconceitos, onde fabricamos sujeitos e produzimos identidades, em geral, a partir da perspectiva heteronormativa, masculina, branca, adulta, urbana... Neste sentido, para que a escola possa fazer parte da solução, será necessário reconhecer que, antes, ela faz parte do problema.

As ações no âmbito da educação sexual muitas vezes perpassam as boas intenções dos/as professores/as (JUNQUEIRA, 2009a). Pouquíssimos cursos de licenciatura e pedagogia possuem em suas grades disciplinas sobre sexualidade, seja como disciplina obrigatória ou mesmo como optativa (GARCIA, 2005).

A situação é ainda mais preocupante se pensarmos que apenas uma disciplina não dá conta de promover a reflexão necessária para a formação em sexualidade. O processo de formação do educador social deve perpassar a autocrítica. Afinal, a cultura e a repressão sexual estão na base da constituição de todos os sujeitos, inclusive dos/as

²¹ O termo deriva de homofobia, definida como conjuntos de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas (JUNQUEIRA, 2011).

professores/as. Para que o/a professor/a possa promover um ambiente de reflexão sobre os padrões e valores existentes na sociedade, ele/ela precisa estar cômico dos próprios valores e preconceitos de modo que não os transfira para os/as alunos/as (FELIPE, 1999; KAWATA; NAKAYA; FIGUEIRÓ, 2010; MAIA, 2010).

Britzman (1999) chama a atenção para a forma como a educação para a sexualidade deveria ocorrer. A autora se posiciona contrária ao desenvolvimento de um currículo em educação sexual, com assuntos e cronograma pré-determinados. A sexualidade posta em discurso sempre remete ao seu uso enquanto dispositivo de poder, especialmente quando destinada aos/as jovens (ALTMANN, 2007b). Segundo Britzman (1999), a sexualidade e seus temas devem ser trabalhados quando surgirem dos/as próprios/as alunos/as, por meio de dúvidas, piadas, comentários etc.

Além disso, a educação para a sexualidade não deveria ter a intenção de transmitir conceitos e conteúdos. Projetos na área deveriam visar à desestabilização de valores e conceitos pré-estabelecidos. Britzman (1999) reconhece que a forma proposta para tratar a sexualidade na escola exigiria muito da formação do/a professor/a, motivo pelo qual, reitera-se mais uma vez a importância da formação deste/a profissional no processo de construção da escola enquanto espaço crítico e formativo.

Apesar dos entraves e dificuldades, a escola ainda é vista como espaço ideal para realização de projetos de educação para a sexualidade. Além da convivência diária com os pares e o tempo passado na escola, a mesma pode ser entendida como um microcosmo da sociedade, refletindo tabus, preconceitos e expectativas presentes em cada cultura que precisam ser discutidos e repensados (EGYPTO, 2003; FIGUEIRÓ, 2006; JUNQUEIRA, 2008; MAIA, 2004; MONTARDO, 2008).

Em relação à educação sexual sobre masturbação, percebe-se que a máxima “homens tem mais desejo que mulheres” incentivada por inventários e investigações acerca dos hábitos sexuais de homens e mulheres não deve ser naturalizada. Como aponta Romualdo (2003), os discursos sobre masturbação são diferentes em função do gênero de forma que homens e mulheres são ensinados desde muito cedo a lidar de maneira diferente com sua sexualidade.

Os meninos descobrem primeiro a excitabilidade dos órgãos genitais em função da própria anatomia corporal, pela externalidade do pênis que entra em contato com outras partes do corpo de maneira muito mais constante que os órgãos femininos. Mas,

durante toda a infância os meninos são muito mais incentivados a ficarem sem roupa e a explorar o próprio corpo que as meninas.

Monteiro (1999) aponta que, de maneira geral, a intolerância à masturbação foi mais presente nos relatos de seus/as participantes do que a tolerância. A prática foi tida como solitária e algo a ser feito como recurso à falta de parceiro sexual, especialmente entre as meninas. Entre os rapazes, a masturbação foi determinada como uma etapa na trajetória masculina. A prática e aceitação da masturbação foi mais recorrente entre homens em relação às mulheres.

Furlani (2003), analisando dúvidas de jovens em projetos de educação sexual, e Romualdo (2003), um portal de dúvidas na internet, proporcionaram a constatação da persistência de muitos mitos e medos relacionados à prática²². A pesquisa de Martins (2001) deixa transparecer a visão dos participantes de que a masturbação seja uma fase, solitária e destinada ao “treino” para a relação sexual. A pesquisa também sinaliza uma diferença marcante na compreensão da masturbação em função do gênero. Para os meninos estaria associada a vício, fraqueza e cansaço. Enquanto para as meninas à doenças, pecado e manutenção da virgindade. A culpa e o pecado estão presentes nas de pessoas que se declararam evangélicas.

A virgindade feminina tem aspectos de mito e de tabu. Furlani (2003) discute que a permanência do hímen intacto agrega valor à sexualidade feminina por meio do dogma católico do nascimento de Cristo pela inspiração e a eterna virgindade de Maria. O não rompimento do hímen vinculou-se a esta concepção de virgindade como sinônimo de pureza e virtuosidade, de forma que a “perda” desta marca tornaria a mulher menos valorosa.

Em uma pesquisa realizada em 2004, Heilborn e Cabral constataram que a masturbação masculina começa de bastante intensa na juventude e tende a diminuir na idade adulta, especialmente entre aqueles envolvidos em relacionamentos estáveis. A mulher, ao contrário, muitas vezes inicia a atividade masturbatória com o passar dos anos, principalmente com a ajuda do parceiro como forma de descobrir melhor seus pontos sensíveis e tornar a relação mais prazerosa.

²² Nos projetos de educação para a sexualidade que participei, também foi comum ouvir dúvidas de adolescente a respeito da masturbação. Querem saber se é verdade que desenvolve acne, peito, pelo na mão etc. Também é recorrente encontrar estas dúvidas postas em portais de dúvidas e desabafos na internet.

A pesquisa realizada por mim e minha orientadora indicou concepções sobre masturbação muito mais ligadas ao prazer e autoconhecimento com pouquíssimos relatos de culpa e nojo. Há, inclusive, menos relação com uma prática solitária. É preciso ponderar que a pesquisa foi realizada com universitários, os quais, teoricamente, poderiam ter recebido mais informações sobre assunto. Por outro lado, esta pesquisa também evidencia a importância do gênero e da religião na determinação das concepções sobre masturbação. (PEREIRA; MAIA, 2010).

As diferenças na educação sexual se tornam mais efetivas com a passagem dos anos. As meninas – tidas como delicadas, românticas, recatadas – começam a ser repreendidas por sentar-se de pernas abertas, colocar a mão nas partes íntimas ou qualquer outro comportamento exploratório. A repressão aos comportamentos sexuais femininos é bem maior àquela reservada ao sexo masculino (CÂMARA, 2007; ROMUALDO, 2003; WHITAKER, 1989).

No contexto midiático, as mulheres são ensinadas que a sexualidade está atrelada ao amor e a felicidade conjugal. A conduta sexual feminina é postulada como uma estratégia para atrair, conquistar e manter parceiros. As meninas são ensinadas a ter como ideal um relacionamento afetivo heterossexual, monogâmico e duradouro. Aos homens por outro lado, é veiculado um discurso que os ensina que se deve evitar relacionamentos e com foco do exercício da sexualidade no sexo, com o maior número de parceiras possível, em qualquer situação ou vínculo amoroso (BUITONI, 2007; CÂMARA, 2007; FURLANI, 2007; 2008; PASTANA; MAIA, 2012).

Os inventários e levantamentos feitos refletem esta diferença na educação sexual recebida por homens e mulheres. Bretas et al (2008), em uma pesquisa com adolescentes, indicam que 56% deles/as não se masturbam de forma alguma, 13% não responderam a questão. Entre os/as 31% restantes, 37% se masturbam em torno de uma vez por semana, 34% em torno de duas ou três vezes, 8% em torno de cinco vezes por semana e 14% mais de cinco vezes por semana.

Silva et al (2012), analisando a masturbação em homens na terceira idade, 6,4% dos participantes afirmaram que se masturbavam. O índice crescia entre aqueles com mais de 70 anos e aqueles que não coabitavam com companheira. Paiva et al (2005) em uma pesquisa de âmbito nacional afirmam que a tolerância à masturbação é maior entre homens mais jovens, com alta renda e escolaridade, especialmente nas regiões Sul e Sudeste. A tolerância é menor entre os/as mais velhos/as e aqueles que professam

crença religiosa protestante histórica e pentecostal. Neumann (2011) sinaliza que a masturbação é mais frequente entre os/as participantes solteiros/as em relação aos que estavam envolvidos/as em algum relacionamento amoroso.

Paiva et al (2008) também apontam que a aceitação à prática aumentou desde a primeira realização da pesquisa, em 1998, até 2005 e que a aceitação à prática é maior entre homens em relação às mulheres. Outras pesquisas também evidenciam que, de forma geral, as mulheres se masturbam menos que homens (ABDO et al, 2006; NEUMANN et al, 2011; VELHO et al; 2009). Em relação aos sentimentos relacionados à prática, a culpa, inadequação e nojo vinculados à masturbação eram recorrentes nos relatos, especialmente de mulheres (ALVES; PEREIRA; RODRIGUES JR., 1991; CARVALHO, 1996).

MÉTODO

Participantes

Para a pesquisa foram selecionados/as jovens universitários/as, evangélicos/as, residentes na Grande São Paulo. Os critérios de inclusão foram: a) participar do grupo da Aliança Bíblica Universitária, mesmo que apenas virtualmente e b) pertencer a alguma religião evangélica. Optou-se por jovens universitários/as em função do interesse em pesquisar as implicações da educação superior e do ensino regular como um todo nas crenças e concepções religiosas.

Participaram da pesquisa: quatro homens (com idade variando entre 20 e 28 anos) e quatro mulheres (com idade variando entre 21 e 26 anos), pertencentes aos cursos de Engenharia, Biologia, Ciência e Tecnologia, Mestrado em Ciência da Computação e Doutorado em Nanociências. O Quadro 1. abaixo descreve os participantes.

SUJEITO	CARACTERIZAÇÃO
GÊRANIO (P1)	Homem, 20 anos, estudante de engenharia, pertencente à Igreja do Evangelho Quadrangular. Mora com os pais e um irmão (17) e uma irmã (11). Tem boa relação com todos exceto o irmão, por brigas causadas por divergências de pensamento. O pai é católico. Ele e a irmã pertencem a mesma denominação que a mãe desde que nasceram. Considera que os pais são muito liberais em relação a vivência religiosa, se julga mais conservador que os familiares. É cooperador da igreja que frequenta, como líder de jovens e adolescentes, além de tocar violão no ministério de música. Participação concentra-se nos finais de semana por conta da faculdade. Costuma ter apenas o sábado de manhã sem atividades da igreja. Durante a semana é responsável por diversas atividades na ABU, organizando estudos bíblicos e grupo de oração.
CRAVO (P2)	Homem, 22 anos, técnico de laboratório, estudante de engenharia, pertencente à Assembleia de Deus. Morou com os pais e os irmãos (20, 21) até a semana passada quando os pais mudaram-se para Bahia. De uma forma geral, a família apresenta bastante conflito. Cravo enfatizou os problemas de relacionamento com pai, afirmando que o mesmo é muito chato e com irmão do meio por este ser egoísta e infantil. O pai é formado pastor mas não exerce a função. Os pais se mudaram para um ministério diferente da Assembleia de Deus quando Cravo tinha uns 15 anos devido à discordâncias com as lideranças. O participante e os irmãos decidiram

continuar na mesma igreja em razão de pertencerem à orquestra. Durante as aulas vai à igreja somente aos finais de semana, onde fica o domingo todo na igreja e alguns sábados por mês vai à noite. Nas férias, vai à igreja também de terça e quinta. Na ABU, participa dos encontros quando pode e dos eventos de formação, mas em função do trabalho não faz mais parte da organização

AZÁLEA (P3) Mulher, 21 anos, estudante de engenharia, pertencente à Igreja Adventista da Promessa. Mora com os pais e a irmã (25). Afirma ter um ótimo relacionamento com a mãe e a irmã, ambas pertencentes a mesma religião que Azálea. A conversão aconteceu quando ela tinha uns 12/13 anos por meio de um cliente do pai. O pai é católico e não concorda com a vivência religiosa da família. Segundo a participante, este é o principal foco de conflito na família. A participante guarda o sábado, embora só vá a igreja a tarde e domingo à noite. Na igreja é secretária da sociedade feminina e uma vez por mês frequenta um grupo específico para os jovens. Na ABU frequenta quando pode, não participa da organização.

ORQUÍDEA (P4) Mulher, 22 anos, mestranda em ciência da computação, pertencente à Igreja Batista. Mora em república desde os 17 anos, quando saiu da casa dos pais para cursar faculdade no interior de São Paulo, com a irmã do meio. A família de origem é formada pelos pais e duas irmãs (26, 24). A informante relata boa relação com todos e muita união. Orquídea afirma que mesmo saindo de casa a base familiar se manteve, ela apenas se tornou menos dependente dos pais. A participante é batista desde que nasceu, e os pais frequentam a religião desde antes de se conhecerem. Por não morar na cidade de origem, a mestranda frequenta a igreja quinzenalmente. Revezava com uma amiga o ministério infantil da igreja e sua rotina inclui o sábado à noite (quando tem programação de jovens) e domingo pela manhã e à noite. Na ABUB é responsável pelo louvor e alguns estudos bíblicos. Não participa das formações abeuenses.

DENTE-DE-LEÃO (P5) Homem, 28 anos, vendedor de peças e estudante de ciência e tecnologia, pertencente à Igreja Assembleia de Deus. Mora com os pais e duas irmãs (23, 14). Tem bom relacionamento com as irmãs, mas considera que os pais são muito conservadores, motivo de algumas brigas. Os pais pertencem à essa mesma denominação desde 1980. Considera seu envolvimento com a religião bastante ortodoxo, embora já tenha se afastado da igreja para viver o mundo secular, momento em que teve um filho com uma namorada. Na igreja, é responsável pelos jovens e costuma ir à igreja de 1 à 3 vezes por semana, se dividindo em cultos, escola dominical e grupo de louvor. Na ABU participa quando pode, mas não tem uma função específica.

TULIPA (P6)	Mulher, 23 anos, estudante de biologia, pertencente à Assembleia de Deus. Mora com o pai e a irmã (16). Tem uma irmã que é casada (33) com quem mantém um relacionamento muito próximo, tal como tinha com a mãe antes de seu falecimento ano passado. Segundo a estudante, a família tem um relacionamento muito bom, aberto e são muito unidos, apesar de ponderar que a relação com pai era um pouco mais distante antes da morte da mãe. A família inteira frequenta a mesma igreja desde a época dos avós da informante. Tulipa também se afastou da religião por alguns anos devido à problemas envolvendo a liderança da igreja. A família e ela se mudaram para outro ministério da própria assembleia de Deus. Durante o domingo passa o dia todo na igreja, frequenta um grupo para jovens solteiras, a EBD, ensaio da mocidade e da orquestra e ao final da noite, o culto. Durante a semana não participa por conta da faculdade. Participa de poucas atividades da ABU por conta de incompatibilidade de horário.
GIRASSOL (P7)	Homem, 20 anos, estudante de ciência e tecnologia, pertencente à Igreja universal do Reino de Deus. Mora com pais e duas irmãs (19, 13). De acordo com ele, a família como um todo tem um relacionamento muito bom, aberto e faz questão de ficar junto. Os pais frequentam a mesma igreja desde antes de se conhecerem de forma que Girassol e as irmãs foram criadxs na Igreja. Durante alguns anos na adolescência em função de dúvidas quanto às origens do universo, se afastou da igreja, adotando o agnosticismo, retornando após algum tempo. Costuma ir à igreja às quartas e sextas à noite e o domingo o dia todo, quando tem folga na faculdade costuma ir mais vezes. P7 exerce uma função episcopal na igreja. Na ABU participa quando pode, não sendo responsável por qualquer atividade.
BEGÔNIA (P8)	Mulher, 26 anos, doutoranda em Nanociências, pertencente à Igreja Batista. Mora em república, com 3 amigas. Morou com os pais e a irmã (23) até os 17 anos. A família é católica de modo que frequentava esta religião até entrar na faculdade. Durante a graduação em física, tornou-se atea. Converteu-se a Igreja Batista aos 22 anos por conta de uma amiga e do atual noivo que “a levaram”. A família não gostou muito de sua conversão, mas acabou aceitando por conta da distância. Vai à Igreja todas os domingos pela manhã e à noite. Além disso, participa de algumas viagens missionárias e é bastante ativa na organização e atividades do GEB.

Quadro 1. Descrição dos participantes

Materiais

A coleta de dados se baseou em: 1) diário de campo, caderno em que foram registradas anotações sobre as observações e participações nos grupos da ABU; 2) roteiro de entrevista, elaborado para esta pesquisa, contendo questões abertas distribuídas em blocos temáticos: 1.Família; 2.Princípios religiosos; 3.Sexualidade, práticas sexuais, opinião da família e religião; 4.Escola, 5.Situações projetivas.

Para se chegar à versão final do roteiro, foram realizadas entrevistas em situação piloto para testar e aperfeiçoar o instrumento. Antes, porém, o roteiro inicial foi avaliado por juízes/as independentes, colegas pesquisadores/as da área e os primeiros ajustes foram feitos. Depois, foram realizadas entrevistas com participantes similares à amostra, isto é, jovens universitários/as religiosos/as.

Nesta etapa foram feitas mudanças quanto à ordem das perguntas e blocos e o bloco sobre escola foi adicionado em função da recorrência do tema na fala dos/as participantes, como fonte de informações sobre sexualidade e masturbação. Em função da falta de expressão direta das concepções sobre sexualidade, após estas primeiras entrevistas-pilotos, elaborou-se quatro situações projetivas.

Na segunda etapa, as entrevistas-pilotos foram realizadas com participantes pertencentes a uma denominação religiosa protestante. Nesta etapa, os blocos sobre o relacionamento familiar e o de envolvimento religioso foram condensados em um. Os discursos familiar, religioso e escolar sobre masturbação foram condensados e alocados depois das perguntas sobre as concepções sobre sexualidade e masturbação para facilitar a expressão sincera da opinião do/a participante. Nesta etapa também, a situação projetiva sobre a escola foi retirada do roteiro uma vez que se constatou que pouco acrescentava ao conteúdo já abordado nas perguntas diretas.

A escolha das personagens das histórias: mãe e avó nas situações domésticas e pastor (homem) na situação exterior se deve a relato da literatura da predominância feminina no cuidado da casa e criação dos filhos e dos homens nas situações externas. Nas entrevistas pilotos a referência a mãe como responsável pela educação e ensinamentos foi predominante também, motivando ainda mais a escolha.

A versão final do Roteiro de entrevista continha 3 partes: Dados pessoais, Questões abertas e Situações Projetivas, tal como ilustra o Quadro 2.

Bloco	Objetivos	Questões norteadoras
1. Família	Investigar as relações e envolvimento familiar do indivíduo	<p>Com quem você morava quando era criança? (A estrutura se mantém até hoje? Quais foram as mudanças).</p> <p>Fale como era seu relacionamento com as pessoas da sua família. (Atividades com conjunto; similaridades e diferenças, valores, sentimentos, proximidade. O que tinha de bom no relacionamento e de ruim).</p> <p>E hoje, mudou alguma coisa?</p>
2. Princípios religiosos	Investigar a religião declarada pelo sujeito em seus princípios e regras bem como a adesão do sujeito à ela	<p>A sua família pertence à alguma religião? Qual? (É a mesma religião que você pertence?; Como foi sua inserção nesta religião?)</p> <p>Descreva seu envolvimento na sua religião? (o quanto é importante hoje, e quanto ele aprendeu/aprende sobre religião).</p> <p>(Se não falar nada sobre igreja perguntar diretamente) E na igreja? Quais são as atividades que você realiza neste contexto? Quanto tempo dedica à elas? Quantas vezes por semana frequenta o tempo?</p> <p>Toda religião tem regras e valores. Você concorda com todos aqueles presentes na sua religião? (Quais você concorda ou não, por quê? Qual concepção de pecado defende sua religião?)</p>
3. Sexualidade, práticas sexuais e religião	Investigar as concepções sobre sexualidade e masturbação do sujeito e como ele percebe o discurso e a influência da família e religião sobre o tema	<p>Em sua opinião, o que é sexualidade? (conceito; ao que está relacionado)</p> <p>Em sua opinião o que é masturbação (conceito...)</p> <p>O que você pensa sobre masturbação? (sentimentos dos outros e pessoais; normalidade em qualquer fase da vida?; pecado; faz mal? Por quê?)</p> <p>Como você aprendeu e aprende sobre sexualidade/masturbação na sua vida? (Na família: quem falava sobre o assunto; O que era passado; Como isso ocorria: havia diferenças em função do sexo; idade; etc.; em que momentos acontecia?)</p> <p>E na religião? (Na sua religião existem discussões sobre dos temas ligados à sexualidade? O que é dito pelo líder espiritual durante as pregações, aconselhamentos individuais e cursos e encontros religiosos; documentos oficiais ou passagens da Bíblia indicados pelos líderes religiosos que falam sobre o assunto? Você já os leu? O que você pensa sobre isso?).</p> <p>Em momentos informais, de conversa com colegas e com os líderes religiosos, o que é dito sobre masturbação?</p> <p>O que você acha que uma pessoa que acredita os princípios religiosos deve fazer quando sente desejo sexual?</p> <p>O que é pecado na sua concepção?</p> <p>Há alguma situação que você possa ilustrar como o tema era tratado por sua família/religião? Caso não haja: O que você acha que sua família/religião pensa sobre isso? Por quê? Você concorda?</p> <p>Você acha que essas informações influenciaram sua forma de pensar e lidar sobre o assunto? Como?</p>

4. Escola

Havia comentários sexualidade/masturbação na escola? Quais? Explique.

Como os professores/funcionários/direção lidavam com o tema?

Existia projeto ou aula sobre sexualidade? Quais? Explique. Dê exemplos.

Em relação à religiosidade:

A escola que você estudou mais tempo era pública ou particular? Era religiosa ou não (laica)? Qual religião? (se sim...)

Sendo ou não religiosa, havia ensino religioso?

O que era ensinado nesta disciplina? Quem ministrava? o que achava das aulas?

Os professores/funcionários costumavam falar sobre Deus/religião? Qual religião? Você percebia influência de alguma religião específica? Se sim, qual? O que você pensa sobre isso?

Havia algum momento destinado à oração ou aconselhamento espiritual no período letivo? Tem algum exemplo que possa ilustrar a situação?

5. Situações projetivas

Operacionalizar em atitudes e palavras as concepções que o indivíduo ou as pessoas que o cercam tem sobre masturbação.

SITUAÇÃO 1.

M. não consegue se lembrar exatamente quando encontrou algumas revistas e vídeos pornográficos em casa e começou a ver esse material e assistir, mas costuma quando os vê, friccionar os genitais até atingir o orgasmo. Sexta passada, M. estava no quarto, masturbando-se, quando a mãe entrou no quarto abruptamente e...

Como você acha que continuou a história?

- Quais foram as atitudes da mãe?

- Quais foram as atitudes de M?

- Por que você acha que a situação se desenrolou desta forma?

Você imaginou M sendo alguém do sexo feminino ou masculino? Com quantos anos? Por quê?

SITUAÇÃO 2

S. costuma tocar seus genitais enquanto está no banho ou trocando de roupa em seu quarto. Em uma dessas ocasiões a avó de S. a surpreendeu no quarto e...

Como você acha que continuou a história?

- Quais foram as atitudes da avó?

- Quais foram as atitudes de S?

- Por que você acha que a situação se desenrolou desta forma?

Você imaginou S sendo alguém do sexo feminino ou masculino? Com quantos anos? Por quê?

SITUAÇÃO 3.

F. há muito tempo se masturba, mas nunca entendeu direito o que significava isso. Um dia, aconselhando-se com o pastor, lhe disse que costumava manipular os genitais porque achava gostoso e sentia prazer com isso. O pastor, então, ...

Como você acha que continuou a história?

- Quais foram as atitudes do pastor?

- Quais foram as atitudes de F?

- Por que você acha que a situação se desenrolou desta forma?

Você imaginou F sendo alguém do sexo feminino ou masculino? Com quantos anos? Por quê?

Procedimentos éticos

Esta pesquisa foi submetida, como projeto, a um Comitê de Ética, obtendo parecer favorável (N. CAAE: 03713012.0.0000.5398), em consonância com a Regulamentação do CONEP sobre pesquisas com seres humanos. O termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue e assinado para todos/as os/as participantes, tal como constante no modelo presente no Apêndice 1.

Procedimento de Coleta de Dados

Optou-se por selecionar participantes pertencentes à ABUB – Aliança Bíblica Universitária do Brasil que é uma entidade evangélica que agrega diferentes denominações evangélicas. A entidade surgiu na década de 50. A iniciativa pela criação foi da missionária Ruth Siemens e do missionário Robert Young. Ruth e Robert foram impulsionados por diversos movimentos que estavam emergindo, todos vinculados à *International Fellowship of Evangelical Students*, ao qual a ABUB está filiada.

A entidade no Brasil é dividida em sete regiões: Centro Oeste, Leste, Nordeste, Norte, Minas Gerais, São Paulo/Mato Grosso do Sul e Sul. Cada uma destas regiões é composta por grupos locais. A região paulista é formada por 26 grupos locais espalhados pelo interior, litoral e grande São Paulo, especialmente nas cidades com grande concentração universitária como Campinas, Bauru, São Carlos entre outras. Cada região tem uma diretoria e cada grupo local um representante.

Durante a pesquisa, um antigo assessor e ex-presidente da Região São Paulo e Mato Grosso da ABUB foi entrevistado como forma de pesquisar a estrutura das reuniões e os conteúdos veiculados. Em nível nacional, a ABUB é coordenada e administrada pelo Conselho diretor, formado por três representantes das sete regiões. O grupo se reúne pelo menos uma vez ao ano. As eleições para o Conselho Diretor acontecem durante a realização do Congresso Nacional que acontece a cada dois anos. Neste evento também são feitas outras deliberações gerais e alterações estatutárias da entidade. As diretorias regionais realizam um Conselho semestral, que são reuniões de cunho deliberativo. Existem ainda formações (cursos, palestras, treinamentos e encontros) em nível nacional, regional e local de acordo com a necessidade ou interesse

de cada grupo local ou região.²³ Anualmente acontece o IPL – Instituto de preparação de líderes, um dos eventos nacionais mais cobiçados. Em nível regional, o curso mais significativo é o de férias da região SP/MS.

O dia-a-dia da ABUB nas universidades tem como objetivo a evangelização. Os responsáveis locais organizam grupos de estudo, oração e louvor para divulgar a palavra de Deus no campus. As observações e participações no grupo da ABUB de uma universidade da Grande São Paulo revelaram que nos grupos de evangelização não existe discussão doutrinária, apenas discussões do evangelho e fé.

A participação nos grupos pareceu bastante aleatória, sem muito engajamento. Entre os/as participantes que aceitaram participar da entrevista, apenas um relatou ir efetivamente aos encontros formativos da ABUB. A ABUB tornou-se o meio pelo qual os jovens foram recrutados para pesquisa e o critério para permanecer na pesquisa foi pertencer atualmente a alguma filiação religiosa.

Assim, a busca pelos participantes ocorreu por meio da análise de diversas páginas de grupos filiados a ABUB na região São Paulo de uma rede social em função da receptividade do responsável por cada grupo local. Um contato foi feito com os coordenadores do grupo verificando a disponibilidade da realização da pesquisa com os/as membros do grupo. Após a concordância da coordenadora em participar da pesquisa, a pesquisadora passou a frequentar as reuniões do grupo para conhecer a estrutura dos encontros, estabelecer *rapport*, falar da pesquisa e convidar os/as participantes para participar da coleta. A pesquisadora participou de cinco encontros, divididos em estudo bíblico e louvor.

Os primeiros convites foram feitos após o terceiro encontro e houve pouca adesão, o mesmo aconteceu nos encontros seguintes. Por esta razão também foram feitos convites aos membros do grupo por meio da página do grupo no *Facebook*. As entrevistas foram agendadas pessoalmente e via *e-mail*.

²³ Nos treinamentos de cada região e micro região são oferecidas palestras sobre diversos temas. De acordo com nosso informante, antigo conselheiro da ABUB, em certas ocasiões eles/elas organizam palestras sobre sexualidade, ministradas por médicos/as e psicólogos/as cristãos/ãs. Esses processos formativos acontecem com pouca frequência e são voltados para os responsáveis e organizadores dos grupos locais e diretoria regional.

Antes da realização da entrevista, os/as participantes foram informados/as sobre os objetivos gerais da pesquisa, bem como de que se tratava de uma participação voluntária. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado após a realização da entrevista.

Toda a coleta de dados ocorreu em um campus universitário de uma universidade pública localizada na Grande São Paulo. O dia e horário da entrevista foram previamente combinados e agendados entre pesquisadora e participantes. As entrevistas foram realizadas em salas reservadas da universidade citada garantindo privacidade e condições adequadas para a coleta de dados.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio por um gravador de voz digital Sony ICD-PX312 e a duração média das entrevistas foi de 58 minutos. Após a gravação, as entrevistas foram transcritas integralmente para análise dos dados. Além disso, também para registro de dados de contexto utilizou-se de um Diário de Campo, quando foram registradas observações e comentários fora do contexto da entrevista.

Procedimento de Análise dos dados

Os dados foram analisados qualitativamente, por meio da elaboração de categorias de análise do conteúdo das respostas dos participantes (BARDIN, 1979, SPATA, 2005). Após leitura flutuante e exaustiva das respostas, foram criadas categorias de análise de acordo com o conteúdo das respostas. Os dados foram agrupados em três categorias e subcategorias, tal como se apresentam no Quadro 3, abaixo.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	Descrição
Concepções sobre masturbação	✓ Forma de obtenção de prazer sem relação com parceiro/a	Relatos dos/as participantes sobre conceito e representação da masturbação.
	✓ Alívio de tensão	
	✓ Algo que o cristão não deve praticar	

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comum ✓ Mitos ou equívocos ✓ Desvio da sexualidade normal 	
Percepção de Educação Sexual sobre Masturbação	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Educação Sexual recebida na família ✓ Educação Sexual recebida na escola ✓ Educação sexual recebida pela igreja 	Relatos dos/as participantes sobre a educação sexual recebida pelos familiares, religiosas e em situações escolares, de modo intencional e planejado, ou de modo informal e não intencional.
Constituição de ethos privado e religioso	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Pontos de concordâncias e divergências entre os discursos; ✓ Concepções e atitudes diante das divergências; ✓ Rupturas e acomodações das crenças e concepções; 	Relatos dos/as participantes sobre as crenças religiosas que concordam ou discordam e suas atitudes diante disso.

Quadro 3. Categorias de análise

No caso das questões projetivas, foram elaboradas a priori questões que seriam analisadas diante das respostas dos participantes. Para cada situação, havia objetivos delimitados e as questões norteadoras. Tais questões e objetivos estão descritos no Quadro 4, abaixo.

TEMA FOCO NA SITUAÇÃO	OBJETIVO	Questões analisadas nas respostas dos participantes
FAMILIA	Identificar concepções sobre a postura familiar em relação a	-desejo erótico e o comportamento de se masturbar (normal ou patológico; necessário ou desnecessário, certo ou errado) -idade de quem se masturba (infância, adolescência, adulto, idoso) Gênero de quem se masturba (masculino ou feminino);

	masturbação	-reação materna (repressora ou liberal; dialogada ou omissa) -reação da personagem (idem) Desfecho: positivo, neutro ou negativo.
FAMÍLIA – JOGOS SEXUAIS	Identificar concepções sobre a postura da família em relação à masturbação infantil/jogos sexuais	-desejo erótico e o comportamento de se masturbar (normal ou patológico; necessário ou desnecessário, certo ou errado) -idade de quem se masturba (infância, adolescência, adulto, idoso) Gênero de quem se masturba (masculino ou feminino); -reação da família mais ampla (repressora ou liberal; dialogada ou omissa) -reação da personagem (idem) Desfecho: positivo, neutro ou negativo.
RELIGIÃO	Identificar concepções sobre a postura da liderança religiosa em relação à masturbação	Desejo erótico e código de conduta religioso (pecado ou não; errado ou certo) -idade de quem se masturba (infância, adolescência, adulto, idoso) Gênero de quem se masturba (masculino ou feminino); -reação da liderança religiosa (repressora ou liberal; dialogada ou omissa) -reação da personagem (idem) Desfecho: positivo, neutro ou negativo

Quadro 4. Questões norteadoras das situações

RESULTADOS

1. Concepções sobre masturbação

Gerânio, Orquídea, Dente-de-Leão, Tulipa, Girassol e Begônia conceituaram masturbação como uma *forma de obter prazer sem relação com parceiro (a)*. Para estes/as participantes a masturbação seria uma forma de estimulação própria para obtenção de prazer.

“Seria o ato de tentar de se dar prazer sozinho” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“(…) é quando uma pessoa tenta, é, ter o mesmo prazer de um relacionamento sexual só que utilizando outros, outros meios, que não sejam o sexo, em si” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

“Satisfazer a si próprio, sem, é, o complemento natural que seria o sexo oposto” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

Cravo considerou que a prática é uma forma de *alívio de tensão*. O jovem apontou que a masturbação é necessária ao homem como forma de extravasar a excitação e a produção excedente de espermatozoide ocasionada pelo excesso de erotismo presente na sociedade.

“Masturbação pra mim, é uma forma de você se aliviar, entendeu? (...) cê (sic) vê um monte de mulher bonita andando na rua, cê (sic) vê outdoor, cê (sic) vê cartaz, cê (sic) cartaz, cê (sic) vê modelo, cê (sic) vê um monte de coisa. E essas a partir do momento que você olha, isso vai pra sua imaginação. Cê (sic) imagina coisas, né. E se vê, isso acaba, vai imaginando, cê (sic) imagina essas coisas e a produção de espermatozoides tá lá, né. Testosterona, tá lá, né. Os cara, os nego tão mandando pau, né. Tão trabalhando pra caramba” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Azálea entendeu que masturbação relaciona-se com *autoconhecimento*, ou seja, o conhecimento corporal e a descoberta dos lugares que dão prazer: “Eu acho que é a pessoa, ela conhecer a si mesma” (Azálea, mulher, 21 anos, Igreja Adventista da Promessa).

Gerânio, Azálea, Orquídea, Dente-de-Leão, Tulipa, Girassol e Begônia também relataram que a masturbação é *algo que o cristão não deve praticar*. Os motivos pelos quais a prática deve ser evitada variaram de acordo com a interpretação que cada um

tinha sobre pecado e sobre o que denominavam por masturbação. Neste sentido, Gerânio, Dente-de-Leão, Orquídea, Tulipa e Begônia pontuaram que a prática seria desrespeito aos planos de Deus. Na concepção dos participantes, Deus criou o homem e a mulher para se satisfazerem mutuamente sexualmente por meio do matrimônio, de modo que o fiel deve esperar a chegada da pessoa certa para expressar sua sexualidade da maneira correta.

“Olha, eu acho que não está certo porque Deus criou o homem e a mulher e ele criou o instinto do homem pra mulher satisfazer e o instinto da mulher pro o homem satisfazer. Então, tá claro que um depende do outro e os dois se completam. Quando a pessoa se autossatisfaz, ela tá excluindo a necessidade do sexo oposto. Então, ela tá quebrando aquilo que Deus criou, né. A essência” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

“Ai, eu acho que, onde entraria a masturbação, é, por exemplo, se eu amo a Deus e eu confio em Deus e acredito que o plano como ele designou é o melhor. Então, eu vou saber que, é, o tempo dele é o melhor também. Porque se eu amo à Deus e eu confio, eu prefiro esperar por acreditar que o tempo dele é o melhor. Acho que entraria nisso” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

Azálea e Girassol disseram que a masturbação seria uma impureza que leva ao pecado, uma vez que a pessoa não estaria realizando o ato sexual ilicitamente, mas para praticá-la a pessoa deixar-se-ia dominar por pensamentos ilícitos, como cobiçar a mulher do próximo ou fantasias que fogem ao sexo lícito.

“É, ela, ela vai contra os princípios bíblicos de matrimônio, de pureza da mente, manter a mente limpa, né, transformar. A bíblia fala pra gente se transformar pela renovação da nossa mente e a masturbação ela não permite isso. Porque a pessoa não vai praticar esse ato pensando em outra coisa senão sexo ilícito” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

Tulipa, apesar de concordar com as posições contrárias da igreja, relatou que considera a prática como *comum*.

“Acho que é uma coisa relativamente comum, olhando pelo lado religioso não é uma coisa incentivada” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Cravo defendeu a prática da masturbação argumentando que o acúmulo de espermatozoides pode levar o homem à *loucura*, razão pela qual a masturbação deveria ser praticada pelas pessoas do sexo masculino.

“Mas, a masturbação eu vejo isso, como uma forma de alívio, entendeu? É, às vezes cê pode, às vezes a masturbação pode ser um tipo de brincadeira com você mesmo. De ser alguma coisa saudável ou eu ainda não, eu não ajo dessa forma. Eu uso mais pra me aliviar mesmo, né. Quando eu me sinto prejudicado, entendeu” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Em muitos relatos, diversos *mitos ou equívocos* sobre a masturbação foram reproduzidos, atribuindo à ela causa de diversos problemas psicológicos e desordens generalizadas. Gerânio informou que a masturbação poderia se tornar um *vício* e Dente-de-Leão alertou que a prática formaria *indivíduos solitários*.

“A pessoa tem que querer mais largar. Porque acaba se transformando em um vício. Eu já vi, é, várias pesquisas que mostram que a masturbação acaba se transformando, sei lá, num vício, num transtorno. A pessoa já fica já, possesso por aquilo” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

“Não é saudável, né, é, alguns psicólogos acham que deveria né, tal, mas você cria indivíduos muito solitários, né. Aliás, Nova Iorque quantos solitários né, imagina quantos não estão ali tudo se masturbando” (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Girassol explicou que a masturbação leva a pornografia, que por sua vez, estimularia o desenvolvimento de expressões sexuais problemáticas. A pornografia estaria diretamente relacionada à outras parafilias²⁴, tais como pedofilia e zoofilia e, ainda à rompimentos de valores e de relações conjugais heterossexuais.

“Pornografia, o problema dela, é que ela, ela aumenta, há uma elevada taxa, se você for estatisticamente, há uma elevada taxa de pedofilia. Com o aumento da pornografia, a pedofilia aumenta. É, a zoofilia também aumenta. A pornografia, ela, ela desumaniza a pessoa, ela corrompe valores, ela, ela separa o marido, a mulher (P₇ “Porque o homem ele não vai ter na casa dele aquela mulher, aquela, podemos dizer assim, aquela tigresa que ele vai ter na pornografia. Então, ele vai, ele vai degradar a imagem da mulher na mente dele, a imagem da mulher, da esposa dele na mente vai ser degradada e a tendência disso é o casamento se tornar cada vez um, uma república de amigos, não

²⁴ Parafilias: As parafilias são caracterizadas por anseios, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos que envolvem objetos, atividades ou situações incomuns e causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional e outras áreas importantes da vida do indivíduo. Dentre elas: Pedofilia envolve a atividade sexual com uma criança pré-púbere (geralmente com 13 anos ou menos). O indivíduo deve ter 16 anos ou mais e ser pelo menos 5 anos mais velho que a criança e Zoofilia que envolve a prática sexual com animais, também conhecida como bestialismo (DSM-IV-TR, 2002).

um sagrado matrimônio, uma união, sabe, os dois se tornarem um só (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus)”.

A visão dos participantes sobre masturbação se tornou mais clara por meio da exploração do que eles consideravam como expressão sexual. A sexualidade genital, monogâmica, heterossexual e vinculada ao matrimônio foi recorrente nas falas dos participantes como o que seria sinônimo de sexualidade. Posto isso, ficou evidente que a masturbação, tal como outras práticas sexuais, são vistas como marginais em relação ao conceito normativo de sexo. Como exemplo, podemos citar a fala de Begônia, que definiu sexualidade como “relacionar-se intimamente com outra pessoa”, explicando que relacionar-se de maneira íntima significava manter relação sexual com essa pessoa.

A sexualidade foi concebida como *função biológica* por Gerânio que a descreveu nos termos de um instinto comum a todos os seres vivos, que possuem a reprodução como uma das etapas do ciclo de vida.

“(…) sexualidade pra mim é algo comum à todos os seres vivos, tal, faz parte do processo de crescimento do indivíduo, tal. O indivíduo cresce, nasce, se reproduz, morre. Assim como na natureza os animais tem a sua sexualidade. Os seres humanos também têm” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

Cravo, Azálea, Dente-de-Leão, Tulipa, Girassol e Begônia entenderam que a expressão sexual está atrelada à *conjugalidade*. A sexualidade remeteu-os a sentimentos de amor, paixão e união, pressupostos numa relação sexual genital (genitalidade) legitimada pelo matrimônio.

“(…) o sentimento sexual é uma coisa natural, igual o amor, igual paixão, uma coisa natural, foi feito por Deus, né” (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Eu acho que é a forma de unir duas pessoas que, Deus viu Adão, (...) ele percebeu que não era bom que o homem vivesse só. Então ele precisava de outra pessoa (...) a sexualidade ela foi uma forma de Deus unir essas pessoas diferente (sic). Foi uma das coisas que eu acredito que Deus faz num casamento pra unir pessoas diferentes. É, então, eu acredito que é um presente de Deus pra humanidade” (Girassol homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

“Sexualidade pra mim evoca muito o relacionamento matrimonial, né, então, o relacionamento entre um homem e uma mulher, visando nem sempre reprodução” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

A naturalização das diferenças entre homens e mulheres evidenciada na concepção de Girassol foi mais evidente nas concepções sobre sexualidade de Orquídea e Tulipa. Para essas mulheres, a sexualidade estaria relacionada à natureza feminina e à natureza masculina. As participantes esboçaram o pensamento de que a sexualidade abarca sentimentos, vivências e comportamentos do homem e da mulher, diferentes, por essência.

“Ah, pra mim é o que diferencia meio que o homem e a mulher, assim, né. As coisas que são meio que um instinto que Deus que criou mesmo. Deus criou a fêmea e o macho, digamos assim. Tudo aquilo que faz parte de, é, em relação ao corpo e o sentimento da mulher, é da mulher. É a sexualidade da mulher, e em relação ao homem, tudo aquilo que faz parte do corpo que caracteriza o homem como homem e do sentimento, de instinto assim mesmo, seria a sexualidade do homem” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

Gerânio, Dente-de-Leão, Tulipa e Begônia chamaram a atenção para a forma como a sexualidade estaria sendo vivida atualmente, na opinião deles, deturpada. A sociedade estaria sexualizada, especialmente em função do apelo sexual presente na mídia, capaz de estimular a sexualidade precocemente e de forma negativa.

“a televisão manda (...) a sexualidade de forma muito deturpada pras crianças, né. E de vez de ajudar na educação sexual que eu acho que é o dever da mídia, passa uma coisa assim tão, tão, digamos assim, tão, digamos tão superficial, que às vezes se torna muito tola. (...) Mas você não tem a coisa mais legal do ser humano é a troca de sentimentos, é a troca de valores, né. A troca de experiências que faz o ser humano ser melhor, isso não tem. Não tem o aprofundamento de emoções. Isso daí é muito pobre” (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

2. Percepção de educação sexual sobre masturbação

De acordo com a percepção dos/as participantes, a educação sexual foi feita de formas diferente em função do período de desenvolvimento. Na percepção dos/as jovens (ou talvez porque eles não se lembrem de muitas coisas da infância) a igreja e a escola pouco falaram sobre o assunto na infância. O foco dos discursos sobre masturbação e sexualidade, tanto da escola como da igreja, tem sido o adolescente e o jovem.

a) Educação sexual na infância

Na infância, pouco foi dito especificamente sobre o assunto. A masturbação foi abordada de forma direta apenas pela família de Girassol. Segundo o rapaz, desde pequeno os pais lhe diziam que a masturbação era uma *forma ilícita de satisfação do desejo*.

Orquídea e Tulipa também afirmaram que a família desde cedo as educavam sobre o tema, de forma indireta, por meio da explicitação da maneira correta de expressão sexual, por silenciamentos e proibições veladas. Orquídea ainda disse que percebia a orientação dos pais desde cedo, por meio de brincadeiras com crianças do sexo oposto, naturalizando que a conduta heterossexual seria a forma óbvia de relacionamento sexual.

“As coisas foram sendo, eu fui aprendendo, então as coisas foram sendo, assim colocadas pra mim de acordo com o que fui crescendo. Então assim, que ah, eu sou uma menininha e menininha e menininho ficam juntos. Isso é uma coisa que já vem naturalmente ainda mais quando é, por exemplo, meus pais estão com outro casal que tem um filho também e tal”, (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

b) Educação sexual na adolescência

i) Família

Novamente, exceto pela família de Girassol, a masturbação foi tratada como tabu. As famílias não falaram diretamente sobre isso, embora os/as participantes tenham percebido que houvesse uma *proibição velada*.

“Ah, isso foi um assunto (...) eu falei que não tinha tabu, né, com a minha mãe, acho que esse era um, (rs), eu não lembro de nenhuma situação a gente conversando sobre isso. Isso eu aprendi, sobre esse assunto, realmente em revista, nem com amiga eu comentava muito. Nunca, na verdade. Foi só lendo sobre o assunto”, (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“(...) porque pode nunca ter chegado e falado assim ‘ah, eu acho isso certo ou eu acho isso errado’. Mas, a gente vê assim, por, porque sei lá, às vezes passa alguma coisa na televisão, acontece alguma coisa aí você vê uma situação (...) você já vê já um posicionamento de ‘ah, não acho certo, eu acho isso errado, né’. Acaba conversando alguma coisa assim, mas não aquela coisa direta assim, né”, (Azálea, mulher, 21 anos, Igreja Adventista da Promessa).

O foco da família foi geralmente o namoro e as consequências do sexo. O predomínio dos discursos sobre sexualidade em torno do sexo nos oferece pistas sobre como foi a educação sexual sobre masturbação, uma vez que o silenciamento sobre

determinado assunto leva a ignorância e a suspeita de que se trata de algo proibido, impróprio.

Tal concepção ficou clara na fala de Girassol ao descrever como a família o educou sobre sexualidade.

“Que a sexualidade, ela, é uma coisa boa, desde que ela esteja dentro das balizas do casamento. Fora disso, é, eles até usam um exemplo do fogo. O fogo você pode se aquecer com ele, você pode se, usar pra se proteger dos animais, mas se você usar ele da maneira errada, é, ele pode, você pode morrer com ele, você pode botar fogo em um lugar, você pode prejudicar muita gente, se prejudicar”, (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

A educação sexual sobre masturbação, portanto, foi realizada por meio de assimilações e generalizações acerca do que era considerado correto e comum em relação à expressão sexual. A ideia expressa por Girassol em relação as consequências de uma sexualidade utilizada da “maneira errada” ilustraram a razão pela qual a masturbação ainda é vista como causadora de patologias e problemas: por tratar-se de uma forma ilícita de expressão sexual.

De modo geral a expressão sexual foi motivo de preocupação da família em função de suas *consequências e responsabilidades*, como doenças e gravidez. Outra preocupação familiar dizia respeito à *manutenção da castidade*. Focar nas consequências e responsabilidades é uma maneira de fazê-lo parecer algo que se feito da maneira incorreta pode trazer muitas consequências negativas. A preocupação com a castidade ensina que o sexo deveria confinar-se ao casamento e a genitalidade, de modo que as práticas que não ocorram neste contextos seriam erradas.

“Meu pai também, quando via eu (sic) beijando alguém por ai, às vezes encontrava na rua, Ah, poxa, esse aqui é meu pai. Oi, pai, essa aqui é a fulana, tal. E, depois eu encontrei em casa e ah, quem é aquela fulana, Ah, vizinha, mora ali, é filha de não sei quem, tal. Ah, certo, ow, toma cuidado, hein. Não some por ai, não. Ficar sozinho é perigoso, né, era mais relacionado a isso mesmo. Focando mais no pecado, também”, (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“(…) então mais sobre essa assim, tomar cuidado, usar camisinha, tal, é, mais essas orientações, assim. Sobre a consequência, tal”, (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

As concepções sobre masturbação e sexualidade de alguns/mas participantes revelaram conteúdos relacionados à diferença de gênero, especialmente quanto a intensidade do desejo masculino e a forma de viver a sexualidade de ambos os sexos. Foi possível identificar no discurso de todas as instâncias sociais conteúdos diferenciados destinados ao sexo masculino e feminino.

Os discursos explícitos sobre gênero versaram sobre *padrões normativos da conduta feminina*. A exigência do assujeitamento feminino pôde ser vista nos discursos destinados aos rapazes, sob a forma do tipo de mulher que eles deveriam se envolver: virgem e comportada.

“(...) aí minha mãe, ah tá, óh, cuidado, hein. Toma cuidado! Que essas meninas de hoje aí não tem jeito”, (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“O meu pai, não, o meu pai ele chegou, né (...) sempre orientou (...) o ensinamento que nós tínhamos, ‘oh, você tem casar com menina virgem, você tem que casar dessa forma’”, (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Assembleia de Deus).

Interessante destacar a forma diferenciada como o pai de Dente-de-Leão tratou a expressão sexual de homens e mulheres, uma vez que o rapaz relatou durante a entrevista que tivera um filho fora do casamento e que apesar das proibições é comum que os meninos tenham relações sexuais antes do matrimônio. O pai, apesar de qualquer repreensão entendeu a situação do filho, e continuou cobrando a procura por uma “boa” esposa (virgem) para o filho.

Tulipa afirmou que após o casamento da irmã mais velha, costumava conversar com ela e a mãe sobre temas que envolvessem a sexualidade e o casamento. Nessas conversas era comum que as outras duas revelassem como a mulher deveria agradar o marido.

“E aí falamos sobre, é, aí, como agradar marido, fazer, até fazer comida, não só relacionado a sexualidade, mas esse assunto acabava de vez em quando surgindo”, (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Apreende-se do exposto que no discurso dessa/es participante(s) que as meninas foram educadas para agradar enquanto os rapazes foram educados para procurar a mulher que melhor o agrada, isto é, eles reproduziram concepções sexistas ligadas aos relacionamentos, presentes no senso comum.

Azálea, Orquídea e Begônia chamaram a atenção para a omissão da família em relação à masturbação em razão dos pais saberem que o assunto seria tratado pela igreja “no momento certo” e por partilharem da opinião da igreja. Tratar-se-á então agora, dos discursos religiosos.

ii) Religião

Como já foi dito, a adolescência e juventude tem sido foco especial dos ensinamentos da igreja sobre masturbação. Há, para tanto, diferentes mecanismos de propagação de conhecimentos: palestras, acampamentos, escola bíblica dominical, cultos e grupos específicos para jovens.

Cravo e Dente-de-Leão expuseram que a masturbação é fonte de bastante divergência dentro da igreja, independentemente da abordagem. De acordo com eles, existe uma corrente que considera que a masturbação é expressamente proibida, baseando-se no texto de Onã, citado no capítulo teórico deste trabalho. Dente-de-Leão concorda com esta concepção.

Cravo e Girassol, contudo, relataram que a corrente contrária afirma que a história de Onã versa sobre o coito interrompido, não sobre a masturbação. Girassol, todavia, afirmou que em função da inexistência do termo na época, a bíblia, obviamente, não faria uma proibição explícita ao termo, motivo pelo qual ela precisaria ser analisado por outros vieses.

“Acho que, por isso que a masturbação ela é, apesar de não ser bem definida, não ser, é dita, na bíblia, com esse nome principalmente porque na época nem seria possível. É, ela, ela vai contra os princípios bíblicos de matrimônio, de pureza da mente, manter a mente limpa, né, transformar. A bíblia fala pra gente se transformar pela renovação da nossa mente e a masturbação ela não permite isso. Porque a pessoa não vai praticar esse ato pensando em outra coisa senão sexo, ilícito” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

Segundo Girassol, Cravo, Begônia, Lírio e Gerânio os ensinamentos da religião sobre o tema mostraram que a prática seria um desrespeito aos planos de Deus. A masturbação seria a antecipação dos planos de Deus em razão da pessoa se expressar sexualmente antes da maneira errada, antes de encontrar a pessoa que Deus tem reservada à ela.

“E aí, o que foi orientado, tipo assim, a bíblia não faz referências sobre a masturbação, né. Mas, é, o que ele expressou, e o que eu também acredito, é que é como se você quisesse tá antecipando algo que vai vir naturalmente, no tempo certo. É, então, não tem porque o

crístico praticar”, (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

“Anh, então, basicamente também por nosso corpo ser templo do Espírito Santo, e a gente estar usando ele de forma errada”, (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

“(…) no casamento (…) a intenção é sempre fazer a outra pessoa feliz, né. Então se a pessoa se acostuma a se autossatisfazer, ela vai, chega uma hora que ela não depende mais da outra pessoa, né. Ela não, ela acaba, podendo se satisfazer sozinha, então, não tem sentido, né, o casamento” (Begônia, mulher, 26 anos, Igreja Batista).

Na percepção dos/as participantes, de forma geral, a doutrina da igreja ensinou que Deus fez o homem para satisfazer o desejo sexual da mulher e vice-versa. A sexualidade, dentro deste pensamento, deveria encerrar-se no casamento, por meio do sexo genital, conjugal, heterossexual e monogâmico.

“Ou seja, que, que a gente acredita, que o sexo, por exemplo, sexo anal? Não. Sexo fora do casamento? Não. Sexo oral? Também não. Masturbação? Também não. Por quê? Os, as, assim, o que acontece, tem gente que talvez queira fazer isso daí? Tem. Só que assim, quando chegar pro pastor, daí você fala assim, ‘olha, a bíblia fala assim que seu leito seja sem mancha’” (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“E, bom, é, a igreja sempre ensinou ai com base na bíblia que a monogamia, né. (...) a igreja é a favor à heterossexualidade, a bíblia é a favor. É, porque, Deus ele fez essa união e quando a gente diz que, a gente tenta fazer de outra forma, a gente tá dizendo, em outras palavras, seria como se a gente tivesse dizendo que não concordamos com o que ele fez”, (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

Azálea e Tulipa pontuaram que em suas igrejas os ensinamentos sobre masturbação foram passados de forma implícita. Não houve explicação do por que seria errado, apenas foram ensinadas que qualquer expressão sexual extra conjugal seria pecado. Ou seja, por meio da promulgação do que seria o sexo lícito circunscreveu-se à sexualidade ilícita, as permissões e interdições.

De acordo com Cravo, Azálea, Orquídea, Dente-de-Leão e Tulipa as palestras sobre sexualidade oferecidas pela igreja geralmente contavam com a participação de um *especialista*: médico/a, psicólogo/a ou enfermeiro/a cristão/o. O conteúdo das palestras, em relação à masturbação indicou que a mesma não se tratava de uma prática *saudável* baseando-se em premissas “científicas”. As informações postuladas basearam-se nos estudos do século XVIII, iniciados por Tissot, nos quais a masturbação foi tida como causadora de diversas patologias físicas e psicológicas, tal como exposto no capítulo

teórico. Ainda que se tenha questionado e desmitificado as inverdades veiculadas sobre o tema, as autoridades científicas da igreja tiveram o poder de legitimar o discurso religioso como científico.

“(...) Não é saudável, né, é, alguns psicólogos acham que deveria né, tal, mas você cria indivíduos muito solitários, né”. (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Na educação sexual feita pela igreja foi comum separar os/as jovens em função do gênero e da idade. Como afirmou Orquídea, “Os meninos aprendem coisas de meninos (rs) e as meninas aprendem coisas de meninas”. Sobre os conteúdos abordados para cada público percebeu-se a naturalização do desejo sexual masculino exacerbado como forma de legitimar a veiculação de conteúdos machistas e de culpabilização da mulher em caso de excessos cometidos pelo homem. A fala de Cravo ilustrou como o assunto foi ensinado em uma palestra.

“Meninas, se comportem, é, não saiam com roupas escandalosas por aí, uma coisa muito curta, às vezes acaba despertando e muito a atenção de alguém. E às vezes (...) o cara não tem um controle sobre alguma parte da mente dele, dos pensamentos, do corpo dele. Às vezes o cara pode, o cara pode falar alguma coisa pra você, pode ser chato, o cara pode de repente, encostar em você, o cara pode te tocar, entendeu? Isso não é legal. Então, vamo (sic) vigiar, vamo (sic) tomar cuidado. rapaziada, poxa, cês tão ai estourando de, de testosterona, mas poxa, vamos respeitar as irmãs. Vamo (sic) lembrar que elas também são filhas de Deus, tal, né. E, vamos respeitar elas (sic) como filhas de Deus” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Para controlar a ocorrência da masturbação, os/as participantes apontaram diversos conselhos por parte dos/das formadores/as da igreja. Cravo, Azálea, Orquídea, Dente-de-Leão, Tulipa, Girassol e Begônia relataram que foram recomendados a evitar a tentação. Ou seja, fugir da aparência do mal, fugir de situações que estimulem à excitação, erotismo, fantasia, pornografia, enfim qualquer atitude que leve ao desejo sexual.

“Mas de você realmente ter isso intrínseco em você, pra você perceber como é que você está se desviando desse comportamento. Então, por exemplo, um casal de namorados tá juntos, tá tudo normal, eles, na nossa igreja é permitido beijo, é permitido abraço, tudo isso. Só que se percebe que as coisas estão evoluindo pra outras coisas mais fortes, aí é necessário que eles se afastem, né, assim, na hora mesmo. Ah, sei lá, vai tomar uma água, essa é a recomendação”, (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“É, fugindo de, guardando a mente de, de, dessas imagens, guardando a mente dessas cenas, guardando a mente”, (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

Azálea também mencionou a parada de pensamentos impuros pontuando que a orientação consiste em tentar pensar em outras coisas e manter a mente ocupada para evitar que a mente seja tomada por pensamentos ludibriosos.

“Então, você não se mostrar forte, não, eu não vou me submeter à essa situação, né, eu só tô, só tá passando pela minha cabeça, mas eu não vou me submeter à isso. Não, você tem que buscar, assim, outras coisas, né. Pensa em outra coisa, né”, (Azálea, mulher, 21 anos, Igreja Adventista da Promessa).

Azálea, Orquídea, Tulipa e Girassol também apontaram que são instruídos a orar para *fortalecer a alma* por meio da intervenção do Espírito Santo. A alma fortalecida impediria a influência do mal nas atitudes e comportamentos. A oração também foi citada por Gerânio como importante no processo de *libertação do vício*.

“O fugir e o orar também. Pro espírito de oração”, (Azálea, mulher, 21 anos, Igreja Adventista da Promessa).

“É, então, é, é uma questão mais de uma luta, né, as pessoas pensam assim que ser liberto, é um termo muito comum no crenês, ser liberto, se foi liberto, tal”, (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

Orquídea relatou ainda que a igreja ensina a recorrer a alguém de confiança para orientação: a participante relatou que se deve priorizar a busca por um/a adulto/a de referência que possa oferecer suporte e apoio nas situações de tentação ou fraqueza.

“Ahn, o como evitar, é muito você sempre tipo ter alguém em quem você confia, e onde você se abre. Então essa pessoa, é, te ajuda, se você, sei lá, meu deus hoje eu quero e não tô aguentando, sei lá, você recorre a pessoa e a pessoa te ajuda, né. Então, você sempre tem uma pessoa pra te orientar, pra te ajudar, (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista)”.

Outra recomendação relatada foi o casamento; Dente-de-Leão, Azálea, Girassol e Begônia argumentaram que o casamento é sugerido pelos/as líderes para àqueles/as que têm dificuldade na manutenção da castidade. Desta forma, as pessoas poderiam viver a sexualidade da maneira “correta”.

“O que você tem que fazer é orientar, falar assim, sempre o que eles falavam, 'olha, vocês tem que, vocês têm isso daí, que vocês quer casar (sic)', aliás, o próprio apóstolo Paulo, ele vai falar assim, (...) 'olha, é melhor casar do que se abraçar', né”, (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Cravo, Orquídea, Dente-de-Leão e Tulipa afirmaram que suas igrejas permitem beijos e abraços no namoro, mas a vigilância para não avançar o sinal é constante. As recomendações pela *castidade* são insistentes e se resumem a “não fique sozinho/a com o/a parceiro/a, não inicie contatos mais íntimos, não faça sexo”, salientou Lírio.

“Aí, eu vou falar assim, pro lado que é dos homens, né. (...) vocês toma (sic) cuidado, não namora dentro do carro, né, não vai pra motel, não vai pro, namora dentro de casa, né”, (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Agora, na escola dominical, esse assunto já foi abordado diretamente muitas vezes. Nessa edição mesmo, que é sobre a família, o assunto sexualidade entrou bem forte, (...) no sentido de esperar, de se manter casto, até esse momento”, (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Sim, é que assim, no que é o grosso, digamos assim, é exatamente isso, tipo ‘ah, é, relação sexual depois do casamento, pra isso não fique sozinho’”, (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

Por meio destas restrições e recomendações a religião promove o que Gomes (2006) e Dantas (2010) postularam como agendamento da sexualidade que consiste na difusão do namoro como arranjo divino. O ideal romântico de alma gêmea ou par perfeito pode ser percebido no discurso religioso quanto à predestinação do relacionamento. O namoro é submetido ao encontro de alguém especialmente preparado por Deus, que chegaria no tempo certo se todas as exigências de conduta forem cumpridas. Nesse sentido, a chegada do/a parceiro/a é posto como um prêmio a quem seguir as regras impostas, tal como pode ser percebido na fala de Cravo.

“Não, irmão, pô, se segura, toma cuidado, vigia, vale a pena, entendeu? (...) Tem uma amada, uma querida sendo preparada pra você, entendeu? E se guarda pra ela, entendeu? Se guarda pra ela que uma hora, na hora certa Deus vai colocar vocês no mesmo caminho e você vai tá, poxa, me guardei a vida inteira pra você, entendeu”, (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

iii) Escola

Os/As participantes perceberam que na escola houve duas formas de educação sexual: formal e informal, tal como apresentado no capítulo teórico desta dissertação. Apenas Orquídea relatou não se lembrar de nenhum processo planejado sobre o tema em sua escola.

Gerânio e Azálea relataram que a sexualidade foi abordada em disciplinas alternativas, com professores/as regulares que abordavam temas diversos sobre cidadania, cultura e sexualidade. Nestes casos, a sexualidade foi tratada junto com outras temáticas, como arte e ética e dentro de uma perspectiva de saúde.

“É, a partir da quinta série, na minha escola, é, eles começaram uma matéria que chamava ética e saúde. Dentro dessa matéria eram tratadas termos relacionados à isso, educação sexual, sobre uso de drogas, tal. Que envolve a saúde, sobre problemas nas famílias que a gente encontra nos dias de hoje. Sobre ética, tal, valor”, (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do evangelho Quadrangular).

Cravo comentou que sua escola acolheu um projeto de educação sexual, provavelmente realizado por uma organização não governamental – ONG com profissionais especializados/as, avaliado por ele como sendo “bacana”. Pode-se dizer que neste caso, houve uma proposta formal de orientação sexual, porém, realizada por agentes externos à escola e não dentro de disciplinas curriculares regulares.

“Na escola, o que eu lembro mais sobre a sexualidade, tava ali pela oitava série, a gente teve algumas maratonas de aulas, de vídeos, de uma galera (...) eles eram voluntários e eles iam na escola, dar orientação sobre vida sexual mesmo. A gente tinha o quê, 15, 14, 15 anos na oitava série, a gente tava doido”, (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Dente-de-Leão e Girassol tiveram os temas da sexualidade trabalhados durante o ensino fundamental nas disciplinas das áreas de ciências (química e biologia). Girassol, inclusive, relatou que a educação sexual foi realizada em diferentes momentos e por diversos professores/as, inclusive com palestras e exposição de dúvidas.

“A princípio foi um químico que me deu a aula, só que ele tava dando aula de ciências, na sexta série. Ai, acho que na oitava série virou tudo química, a ciência dividiu, ai vira química, física e biologia. Ai, foi um professor que era biólogo (...) teve uma palestra em especial que tava, é, e ai os alunos fizeram as perguntas, eles colocavam, colocaram cartazes assim, na cartolina” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

Tulipa, por outro lado, afirmou que teve uma disciplina ampla sobre o tema, na qual até a perspectiva do prazer foi abordada.

“Eu me lembro de uma vez, acho que na sétima, eu devia ter uns 13 anos que a gente teve uma disciplina de educação sexual. É, foi a primeira vez que eu ouvi falar de poluição noturna, nesse curso, foi, foi, abordou bastante coisa que não se fala com os pais, por exemplo”, (Tulipa, mulher, 21 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Apenas Tulipa e Girassol afirmaram que a escola falou sobre masturbação de forma direta. A prática foi incentivada para autoconhecimento e como prática anticonceptiva, para evitar que as jovens engravidassem cedo.

“Nas escolas é muito comum eles falarem que isso é saudável, porque você conhece seu próprio corpo, lá isso era incentivado” (Tulipa, mulher, 21 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Aí, passaram muito a visão dos professores, tal, que muitas vezes incentivavam a masturbação, é, pra que não haja, é, contato sexual com outras, tal” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

A escola, a exemplo da família e religião, também circunscreveu à masturbação ao sexo ilícito por meio da explicitação do sexo correto. A preocupação com a castidade foi substituída pelas exigências profiláticas e higiênicas. Neste contexto, priorizou-se os aspectos biológicos e preventivos da sexualidade. A discussão centrou-se no campo da saúde sexual e reprodutiva, com temas sobre aparelho reprodutor, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, uso do preservativo e métodos contraceptivos.

“Acredito mais sobre, sobre utilização do preservativo, doenças sexualmente transmissíveis, falar sobre a gravidez, o tempo de gestação, a formação do feto (...) acho que eu sentia mais um intuito de conscientizar, de que é perigoso assim em relação à consequência, né, tipo, pegar uma doença que, que não tem cura (...), das consequências também de uma gravidez indesejada, uma gravidez na adolescência, os problemas, assim que causam, assim no âmbito familiar em relação à estrutura, que o jovem não tá preparado”, (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

“Os temas eram mais os métodos contraceptivos, e, doenças”, (Azálea, mulher, 21 anos, Igreja Adventista da Promessa).

Os/as participantes também fizeram referência aos ensinamentos que são passados de forma indireta pela escola. O processo, tal como descrito no capítulo teórico da dissertação, acontece por meio da assimilação de valores presentes em comentários, piadas e comportamentos de professores/as e alunos/as.

Os jovens apontaram que a masturbação era tema de piadinhas e conversas masculinas. Gerânio, Cravo e Girassol relataram que era comum aos meninos partilharem informações sobre masturbação, ejaculação, performances sexuais pessoais e comparações.

“Que achava que o cara atingir o orgasmo de uma mulher, o cara era, vai, ninja. Abre aspas. Então algumas coisas assim, que realmente, eles falavam sem conhecimento e enfim acho que, fica, fica muito assim, um querendo mostrar, quando é adolescente, tal, um quer mostrar que é mais "pegador" que o outro” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

“É, então, com, com (...). Você falou desta questão da escola, na escola é muito comum, tipo cê (sic) ouvir e tal falar [sobre masturbação], então naquela época de escola eu achava que era algo normal” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

O assunto não era discutido entre as mulheres, nem como piada ou referências sobre o assunto. Tal como Tulipa afirmou, o tema sempre foi “tabu” pelo público feminino. Seguindo o exemplo da educação formal, os comentários e valores expressos sobre sexualidade ofereciam modelos sobre como deveria ser a expressão sexual dos/as jovens. Gerânio, Cravo, Azálea e Dente-de-Leão citaram situações que evidenciaram a perpetuação do machismo por meio da reprodução de discursos sexistas direcionados ao público feminino, especialmente.

“Às vezes a galera naquela (...) troca de aulas, né. De repente, o cara tinha uma namorada na sala, os dois saiam e ficavam se beijando ali no corredor, Ai, as vezes passava algum professor que é mais soltinho, que se tem uma amizade (...) E fala, ow, poxa vida, né, eu aqui trabalhando, eu cansado, e os cara com essas putaria na minha frente aqui, começa a gritar, já, dando risada. Mas zoando mesmo, né. Os cara tão beijando mais que eu. Eu tenho carro, eu tenho dinheiro, e não pego tanta mina quanto esse cara aqui pega, entendeu?, (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus)”.

“Tipo, de professoras contando quem foi o primeiro cara, sei lá, é, ficar contando pras meninas como elas devem saber se o cara ama ela mesmo (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular)”.

“(…) na época que eu era aluno lá, tínhamos aquela, tínhamos “É o Tchan”, e as meninas de 5ª, 6ª série dançavam aquilo ali em cima de um palco. Então, não tinha uma proibição, você tinha ali a mais parte, a expressão totalmente erótica, né, (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus)”.

A postura do professor ao elogiar a *performance* do menino que “*pega tanta mina*”, e dizer que “*mesmo tendo carro e dinheiro não tem o mesmo desempenho que o rapaz*”, pode ensinar de modo indireto que a mulher é um objeto de conquista masculina, e que as mulheres se interessam por homens em função de seu poder aquisitivo. A permissão para danças eróticas e sua falta de problematização leva ao reforço do estereótipo machista de objetificação da mulher já presente na sociedade. A professora, por outro lado, ao ensinar as meninas a reconhecer “*se o cara está mesmo apaixonado por elas*”, reitera a ideia de que a conduta feminina deveria estar subordinada ao “masculino”, ao que o homem pensa ou sente em relação à mulher.

Cravo e Tulipa relataram que em suas escolas alguns/mas professores/as transmitiam uma visão menos rígida em relação à sexualidade, incentivando-os a aproveitar a juventude e as experiências do período, associando isso à necessidade de responsabilidade e precaução também.

“Inclusive, eu já tive professoras, que gente, ‘beijem mesmo’, entendeu? ‘Curtam mesmo’, ‘dancem’, é, ‘deem risada’. ‘Bebam’. ‘Experimentem a vida’, entendeu? ‘Só não se percam por caminhos que seja não possível cê tá voltando’, né”, (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Agora no ensino médio, a gente começava a ser tratado diferente, não sei se é pela idade ou se é pela mudança do colégio. Mas já era assim ‘ah, é, só toma, só seja responsável pelo seu próprio corpo. Então, não vai pegar uma DST, não vai engravidar’. Isso, não digo nem que era estimulado, era uma coisa assim, ‘faz o que você achar melhor pra você””, (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja assembleia de Deus).

Orquídea afirmou que percebia que alguns/mas educadores/as combatiam o machismo, intervindo em situações sexistas na tentativa de combater este tipo de atitude entre os/as alunos/as, embora tenha sido a única participante a relatar a situação.

“Então assim, sei lá, é, por exemplo, quando via a forma como o menino tratava uma menina que era mais no sentido pejorativo, ele parava e falava que isso não era correto e explicava porque não era correto”, (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

Os meninos ainda chamaram atenção para conteúdos referentes à conduta esperada do ‘macho’ e homofobia. Gerânio, Cravo, Dente-de-Leão e Girassol relataram situações na escola em que eram interpelados pelos amigos para saber se já tinham tido contato com alguma menina, a ‘zoeira’ era grande com aqueles que dissessem que não ou que não participassem da conversa. As conversas também perpassavam uma avaliação e fantasias quanto às meninas da escola ou mulheres famosas.

“E menino (...) que nunca tivesse conhecido uma menina, era, meu, era ‘zuado’ também. 17/18 anos (...) tinha que ter pelo menos algum conhecimento, alguma atividade sexual, né”, (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Ah, pô, a molecada falava das meninas, a galera comentava, tipo, detalhadamente. De repente passa uma menina que era muito bonita. Todo mundo gostava da menina, entendeu? às vezes, era tipo, o pessoal comentava cada parte do corpo da menina, nossa e o rosto dela. Nossa, e aquela boca, que boca maravilhosa, Meu Deus! Às vezes o cara começava a comentar também sobre outras partes do corpo e tal que não sei o quê. Ai já vinha um outro, mas, não imagina ela assim, nessa posição” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Dente-de-Leão, por fim, também apontou que no grupo haviam piadinhas e até mesmo humilhação de condutas não apenas homossexuais, mas consideradas efeminadas em algum sentido.

“E, assim, o que nós aprendíamos era às vezes de forma deturpada e uma assim, o que era mais motivos de piadas era se o homem tinha alguma, por ser homossexual, então era meu, era esculhambado”, (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

A escola configura-se assim, como um espaço de reprodução de valores e condutas presentes na sociedade de modo geral. Tal como a família e a religião promove a diferença de gênero por meio da veiculação de discursos diferentes sobre a conduta feminina e masculina. Por outro lado, reveste-se de caráter científico para incutir preocupação e medo na vivência da sexualidade ao focar apenas no caráter profilático e higiênico do tema. Assim, pode-se dizer que é difícil pensar a escola sem a transmissão de valores de forma indireta seja pelos comentários, piadas e posturas que os/as profissionais e colegas emitem, seja pela escolha do currículo e prerrogativas de ensino.

3. Constituição de ethos privado e religioso

Como postulado por Duarte (2005) na parte teórica deste trabalho, atualmente a crença religiosa é um comportamento privado determinado pelo aspecto material da religião, o nível de envolvimento do sujeito e a forma como ele organiza esses aspectos em sua conduta, relacionando-os com os outros ensinamentos de sua vida. A forma como cada sujeito constrói sua subjetividade é um processo tenso e complexo que congrega as informações e influências de diversos contextos, tal como ilustrou a fala de Girassol abaixo.

“É difícil acho que fazer uma equação disso, acho que tem, vai questões muito amplas assim. E, influências às vezes de um meio, a pessoa de repente vai, vai, sei lá, não tem uma afinidade muito grande com os pais, isso talvez seja um fator determinante ai, é ai ela não vai fazer questão do que o pai e a mãe tão falando. É, de repente ela não tem um bom relacionamento na igreja, isso também vai prejudicar ela, sei lá, as vezes ela não tem um bom relacionamento com o colega dela, com professor, com a professora. Então, aquela influencia, e, aquela informação vai ter níveis de influência em cada pessoa, de acordo com a bagagem cultural, né, que essa pessoa carrega”, (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

As organizações religiosas tem consciência do modo como a religiosidade é vivida hoje; tanto que se alia a família tanto na inserção das pessoas desde cedo naquela crença, quanto as torna foco de seus investimentos ideológicos. Como pôde ser observado, a adolescência e a juventude foram foco de investimento ideológico por parte das instâncias sociais. Na infância pouco se falou sobre sexualidade para os/as jovens. Por outro lado, a infância se mostrou uma fase ideal para apresentação e inserção dos/as filhos/as na crença familiar. Todos/as os/as jovens pertencem a famílias que frequentavam alguma religião durante sua infância.

“Nós somos protestantes, da igreja Assembleia de Deus, e a minha família sempre foi dessa religião, então quando eu nasci eu já tava imersa nessa religião mesmo. Todos os meus avós pelo o que eu me lembro, eu não sei se antes já eram, mas desde bastante tempo a gente é” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Porque assim se minha família não tivesse investido, sabe, como eu disse, minha mãe, é, ela fez com que eu aprendesse gostar, ela fez com que eu aprendesse, é, desde cedo que é bom você aprender sobre a palavra de Deus, que é bom você tá ali numa comunidade, vivendo, é, compartilhando, é, coisas boas, compartilhando momentos difíceis” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

Tal como pontuam os autores que tratam do desenvolvimento, a adolescência é um período de rupturas e questionamentos por excelência. Como vemos pelo relato dos/as participantes, as principais rupturas com a crença familiar aconteceram no período. Mesmo entre aqueles que permaneceram na mesma denominação da família, a adolescência apresentou crises e adaptações na fé e em relação aos valores e concepções.

Gerânio, Cravo e Begônia afirmaram que a independência trazida pela adolescência e juventude de poder se locomover sozinhos tornou possível que eles frequentassem igrejas diferentes dos pais. Para os rapazes, a mudança de igreja, não representou uma ruptura completa com a fé da família, uma vez que se mantiveram na mesma denominação, mudando apenas de ministério. Begônia, por outro lado, que possuía uma família católica, tornou-se evangélica. O atrito, segundo a moça, só não acontece devido à distância da família.

Por sua vez, Gerânio deixou de frequentar a mesma igreja que a mãe em função de pretensões de trilhar uma carreira episcopal, motivo pelo qual a crise dele com a família é justamente por acreditar que a mesma seja muito “liberal”. Deste modo, percebe-se que a relação familiar (positiva ou negativa) tem bastante impacto na escolha e na vivência religiosa dos/as participantes.

“Então, eu congregava no parque Grajaú. O mesmo bairro que a gente mora. Eu, minha mãe, tal, minha irmã, aí no caso eu fui pra essa Congregação, ajudar, tal que é um trabalho que tá começando tal” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

“No começo, eles não gostaram. Ainda mais quando eu falei que ia me batizar. Porque a minha mãe dizia que eu já tinha me batizado. Ah, mas aí eu quis me batizar de adulta, né. Ela não concordava. Mas, por conta da distância e tal, acho que ela ficou com saudade, né e fica achando que eu vou, sei lá, não quer que a gente brigue, nem nada. Então, ela e meu pai aceitaram” (Begônia, mulher, 26 anos, Igreja Batista).

Azálea, Orquídea, Dente-de-Leão, Tulipa e Girassol mantiveram-se na mesma denominação que a família. Porém, relataram crises e descontentamentos que os afastaram da fé por um tempo. As razões para duvidarem de suas crenças foram motivadas pelos aprendizados escolares e pela “vivência do mundo”, ou seja, pelas experiências pessoais prazerosas que não condiziam com os preceitos litúrgicos.

“Eu, por motivos pessoais, aí, eu acabei aderindo um pouco ao agnosticismo, né. E, porque eu não queria seguir uma mentira. Eu achava que, comecei a ter

contato com teoria da evolução essas coisas” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

“Eu fui ter contato com uma mulher depois dos meus 24 anos de idade, entendeu, a primeira vez que eu tive contato com uma mulher. E assim, eu nem tava na igreja, eu fugi da, eu tava fora da igreja, né” (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Orquídea relatou que o contato com a doutrina presbiteriana a faz repensar alguns pontos da doutrina da Igreja Batista. Cravo afirmou que compreender a complexidade de crenças que compõe o panorama mundial e brasileiro o fez refletir melhor sobre a verdade professada pela religião.

“No caso a Presbiteriana acredita na predestinação, e eu tendo a acreditar na predestinação, mas não talvez com o pensamento presbiteriano de encaixar a única forma ser a predestinação. Então, assim, na verdade eu não sou doutrina batista nem doutrina presbiteriana, nem doutrina isso, nem doutrina aquilo. Tem pontos de cada uma que eu acredito, pontos que eu acho que eu tenho que estudar mais” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

“E assim, hoje aqui na universidade, aqui no estado do São Paulo. Tem uma galera que é budista, tem muita gente que é ateu, tem, tem, tem uns muçulmanos aqui na universidade também. Dentre outras coisas, tem gente que segue a umbanda, tem gente do candomblé, gente que parte pro Seich-no-ie. É, religiões distintas, caminhos muitas vezes diferentes, entendeu?” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Todos/as participantes relataram que a adolescência e a juventude trouxeram pontos de desacordo entre a doutrina religiosa e as concepções e valores que os/as jovens receberam de outras instâncias. A principal divergência relatada foi em relação à explicação sobre a criação do mundo, tal como relatada no livro de Gêneses. Os/As jovens apontaram que o livro se trata de um escrito literário, provavelmente uma metáfora. Segundo os/as entrevistados/as a teoria da evolução, bem como, as explicações acerca do surgimento do mundo são “incontestáveis” do ponto de vista lógico.

“É, o criacionismo puro, acreditar que Deus criou tudo uma vez por dia, né, e dia, período de 24 horas eu não acredito, né. Até porque, acho que, bom, tem fósseis, é, datação da idade da Terra, são coisas assim, que é meio que não tem muito como contestar. E a bíblia tem muitos trechos que não foram feitos pra ser lido de maneira literal. Eu acredito que este livro seja um deles” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“É o primeiro livro da Bíblia, eu não sei se você conhece, ele cita a criação do, do mundo, né (...). É um livro poético, porque significaria, necessariamente, que foi barro, que foi argila, que soprou, porque isso não pode ser uma, uma, uma forma poética, de repente uma outra forma, uma figura de linguagem, de dizer, de um estado ordinário que aconteceu, entendeu? Por que quê de repente ele ah, mas lá diz que fez o mundo em 7 dias, em 6 dias. Mas será que de repente foram dias tipo de 24 horas, que a gente conta hoje?” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Em relação à masturbação, Cravo, Dente-de-Leão e Tulipa apresentaram concepções pessoais diferentes daquelas professadas pela crença religiosa. De acordo com a estudante de Biologia isso se deveu às informações que obteve na mídia e pela observação de crianças de seu convívio. É preciso ponderar também que entre todos/as os/as participantes ela foi a única que aprendeu que a masturbação era uma coisa boa na escola. Cravo e Dente-de-Leão, por outro lado, afirmaram que o próprio desejo e suas experiências pessoais o fazem pensar diferente. Tal fato ilustrou bem a construção da religiosidade moderna, na qual a individualidade exerce papel fundamental nas negociações e acomodações na construção de um código de conduta.

“Olha, eu acho que tem essa fase, por exemplo, essa fase mais juvenil mesmo, até antes da adolescência, quando é criança, acredito que isso [a masturbação] acontece bastante comum, assim por já ter visto meu sobrinho que tem 6 anos” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“(...) eu acredito assim que a minha opinião ela não é rígida, né, ou seja, eu, conforme a gente, a gente tem que amadurecer, né. E assim, eu me considero, hum, uma pessoa em relação à isso aí, totalmente assim, aberta” (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“O que motiva a minha discordância?(...) as manifestações do meu corpo mesmo, entendeu? É, por exemplo, às vezes você passa muitos dias sem se masturbar e cê (sic), todo dia você é atacado por imagens” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Como se pôde perceber, a aquisição de conhecimento científico teve papel importante na vida dos/as jovens. A entrada na universidade foi um momento de ruptura com concepções religiosas que conflitavam com o conhecimento adquirido considerados legítimos.

“(...) até antes da universidade, o meu mundo era a igreja, o cristianismo, às vezes eu achava que não, só existe os evangélicos e os católicos no mundo, entendeu?” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Agora indo pra faculdade não. Eu comecei a, pensar sozinha, né. A ter as minhas próprias opiniões sobre as coisas, sobre Deus, sobre a faculdade, sobre as pessoas, sobre tudo assim. Então isso, nossa, alterou bastante. Eu comecei a ser uma pessoa sei lá, mais aberta pra, pra conversar, pra fazer amizades, né” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

É preciso resgatar que todos/as informantes são alunos/as de cursos da área de Exatas e Biológicas, tendo como foco de aprendizagem questões desta ordem.

É, e quando eu fui pra faculdade, eu fiz física, né. Então a física ela meio que faz você pensar diferente porque é um meio muito cético, né. Aí, eu virei meio que, não, eu verdade eu deixei de acreditar em Deus. Eu virei ateia assim (Begônia, mulher, 26 anos, Igreja Batista).

Além disso, os/as jovens têm seus meios de socialização bastante restritos à família e a religião, dificultando com que recebam informações de outros âmbitos. Analisando a sociabilidade destes/as jovens em função de atividade e grupos de amigos/as, percebe-se que eles/elas cresceram cercados/as por pessoas evangélicas, tal como ilustram as falas de Tulipa e Girassol abaixo.

“Nós somos protestantes, da igreja Assembleia de deus, e a minha família sempre foi dessa religião, então quando eu nasci eu já tava imersa nessa religião mesmo. Todos os meus avós pelo o que eu me lembro, eu não sei se antes já eram, mas desde bastante tempo a gente é” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Eu acho que o cristianismo me faz uma pessoa mais centrada no estudo, me faz uma pessoa mais centrada em trabalho. Hum, acho que diferente, por exemplo, eu tenho alguns colegas que eles saem, namora (sic). Eu não namoro, nada, então, minha vida é faculdade, casa, igreja. Minha vida é essa” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

A organização de suas atividades e rotina giram em torno de atividades religiosas aos finais de semana e trabalho e faculdade durante a semana. Na faculdade, geralmente, seus círculos de amizade envolvem o pessoal da Aliança Bíblica Universitária, restringindo seus contatos de amizade e lazer às pessoas com filiações religiosas parecidas. Acredita-se que esta configuração contribua para a manutenção de uma visão de mundo cristã.

“Eu acho muito importante participar das coisas da igreja (...) de vez em quando eu vou em alguma viagem missionária. É, de domingo eu vou na igreja de manhã e a noite. Porque de manhã trabalho com as crianças

e também participo uma vez por mês com os idosos” (Begônia, mulher, 26 anos, Igreja Batista).

No meio da semana é mais o grupo de estudo que tem aqui, que tem também o de oração e de louvor. Eu sou incumbida mais no louvor, (...) Então, é de 15 em 15 dias, à noite e eu tenho, tô tentando colocar um estudo de quinta, pra semana que não tem, de manhã (...). E o estudo bíblico as vezes eu dou, né, que tem uma escala e tem bastante gente por enquanto pra dividir essa escala (...) E ai tem coisa que é, que não é assim, frequente, né. Mas que a gente corre atrás, que a gente prepara também, é vigília, algum encontro que não seja de uma tarefa assim especifica, assim, né, com objetivo específico. (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista)

Girassol, Azálea, Orquídea e Tulipa também fizeram referência à importância da educação familiar cristã na manutenção de suas opiniões condizentes com os valores cristãos.

(...) “Porque, eu, eu, digamos assim, eu mudei bastante minha forma de pensar, e tudo, mas eu não deixei, digamos assim, a, o ar da faculdade me levar, ah, sei lá, ficar bêbada até cair, e gandaiar essas coisas assim”, (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

“Agora coisas, é, que tem que, por exemplo, a faculdade, as pessoas da faculdade de uma forma geral me passaram assim que eu consegui, que eu vivi, né, também pra eu o quê, pra eu tentar evitar, né, porque demonstram, algumas coisas demonstram que é, se eu seguir aquilo, não vai ser um lado de felicidade, não vai ser um lado de boas consequências, né”, (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

Então, ela, a família me proporcionou isso. O meu pai também nunca me impediu de ir pra igreja, assim, então minha família me forneceu apoio. E dai a igreja me forneceu a base”, (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular)

A convergência entre o discurso familiar e religioso tendeu a impactar a opinião das/os entrevistadas/os em pró destes discursos. A simetria entre as instâncias foi notada nos discursos de Orquídea, Tulipa e Girassol. Os relatos das/o jovens/m mostraram que a apropriação dos valores religiosos por elas/ele é bastante grande. A simetria entre as instâncias, tal como observado, tende a ser maior quando todos os membros da família professavam a mesma confessionalidade, pertencem à mesma denominação há bastante tempo e o relacionamento familiar é avaliado como muito bom, unido e aberto.

“Acho que, um bom relacionamento, acho que uma família cristã tradicional, que vai junto pra igreja, que, come junto. A gente faz questão de, chega (sic) em casa, fica (sic) junto, assiste filme junto, é um bom relacionamento, eu diria” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

“(…) acho que é fundamental a base que eu tive da minha família. A gente sempre foi muito unido, nós cinco. Anh, em relação, a gente conversava em relação a tudo assim, né” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

“Nós somos protestantes, da igreja Assembleia de Deus, e a minha família sempre foi dessa religião, então quando eu nasci eu já tava imersa nessa religião mesmo. Todos os meus avós pelo o que eu me lembro, eu não sei se antes já eram, mas desde bastante tempo a gente é” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Outro aspecto que pareceu influenciar a construção de ethos privado condizente com os preceitos religiosos foi o envolvimento dos jovens com as atividades da igreja seja pela socialização restrita propiciada, seja pela responsabilidade e status associada ao papel. Gerânio, Azálea, Lírio e Dente-de-Leão relataram que estão diretamente ligados ao ensinamento da doutrina nos grupos de jovens ou escola bíblica. Cravo faz parte do ministério de música e Begônia participa de grupos de aprofundamento de leitura e prestação de serviços a comunidade.

“Porque, é, eu já, já tô mais envolvido assim ministerialmente, então, tem muitas coisa que eu, assim, discordo da minha mãe, por ela ser um pouco liberal” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

“Ai, na parte da tarde eu sempre tô em reunião, essas coisas, porque eu sou secretária da sociedade feminina de lá. Então, eu tô sempre nesses eventos que tem. E tô sempre ajudando a organizar também, às vezes tem almoço, essas coisas, alguma coisa pros jovens também tem sempre” (Azálea, mulher, 21 anos, Igreja Adventista da Promessa).

“Tem viagens missionárias e tal, né, pra evangelizar. Então, de vez em quando eu vou em alguma viagem missionária. É, de domingo eu vou na igreja de manhã e a noite. Porque de manhã trabalha com as crianças e também participo uma vez por mês com os idosos” (Begônia, mulher, 26 anos, Igreja Batista).

Um cenário de oferta religiosa múltipla faz com que a permanência em alguma denominação seja intensamente relacionado a convergência dos valores pessoais aos da congregação (Duarte, 2005). Neste sentido, o ethos religioso como chamou o autor é fruto de negociações e assimilações feitas ao longo do tempo na relação do indivíduo com as outras instâncias. Como explicou Duarte (2005), mais possibilidades religiosas levam os indivíduos a escolherem aquela que mais se assemelha aos seus interesses e concepções.

Tal fato pode ser observado no relato dos/as jovens no qual as discordâncias com a doutrina ou com a organização da própria denominação levaram-nos e a seus familiares a escolherem outra denominação. Cravo, Tulipa e Begônia discorreram sobre situações que ilustram o trânsito religioso em suas famílias e em suas próprias vidas.

“(...) hoje nós estamos em uma outra divisão da Assembleia de Deus mesmo, mas com outra liderança. A gente se afastou bastante dessas pessoas. Mas, nesta eu estou bastante contente, concordo com todas as medidas tomadas sim” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“ai meu pai começou a ver algumas coisas do, no caso da minha igreja, da congregação física aonde eu vou (...) Só que ele começou a observar coisas no ministério inteiro, no caso no ministério nacional que ele não concordava (...) parece que ele sente que pô, isso aqui parece uma empresa, é como se ele [líder] fosse o CEO, entendeu? Cê não pode chegar perto dele, e assim, também pras lideranças eu não tô bem, vou pra um ministério menor, um vizinho chamou meu pai, ele foi lá visitar, gostou, tal. Gostou do pastor, gostou do ministério, da maneira como eles trabalham e o meu pai se mudou” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

A primazia da subjetividade resulta em maior poder de decisão ao próprio indivíduo quanto aos preceitos e valores que ele quer aderir ou não. As negociações e acomodações resultantes disso podem ser observadas nos trechos abaixo, nos quais os sujeitos relataram fazer pequenas transgressões aos postulados, de forma silenciosa ou por meio de discordância direta.

“Normalmente, eu acredito que a gente funcione (...) como um filtro, se você achar aquilo interessante, se serve pra você, você absorve, deixa passar. Se você não acha que, cê não vai, ai, pronto. Eu, por exemplo, quando eu não concordo, eu não vou e eu não faço, entendeu?” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Então, eu não, é, excluo aquilo que eu aprendi fora da minha família e fora da minha igreja (...) porque meus pais não perfeitos, a igreja não é perfeita, então, eu consigo ter ensinamento com outras pessoas também, e muitas coisas também, maior quantidade fora de casa, mas algumas dentro de casa e dentro da igreja também que eu evito porque eu vejo que não são formas corretas de pensar de se seguir” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

“Eu divergia, eu falava abertamente que eu divergia, que eu não concordava que a terra tem seis mil anos” (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

No trabalho não foi possível perceber de maneira clara a influência na composição do ethos privado e religioso dos/as jovens em função das diferenças

teóricas advindas das diferentes filiações evangélicas. A principal diferença percebida foi em relação a Igreja Universal. Quando indagado a respeito da doutrina e regras expressas pela igreja, Girassol afirmou que a denominação não tem regras explícitas. Cada um constrói seu código de conduta de acordo com os aprendizados realizados ao longo da vivência na religião. Não existe cobranças por parte da liderança para que condutas específicas sejam adotadas.

“É que eu falo dogma porque assim, na igreja universal, a gente é um pouco contra essa doutrinação (sic) assim, da pessoa, porque Jesus ele não, ele não sistematizou o evangelho. Ele não doutrinou a pessoa. Isso ele diz quem crê e foi batizado será salvo. Basta crer, basta você ter a sua fé um Jesus cristo, que pecador todos nós somos, né” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

Orquídea e Begônia também afirmaram que a Igreja Batista não oferece tão explicitamente as regras doutrinárias, de modo que o fiel tem que estudar, participar dos grupos e ler bastante a bíblia para que constitua uma interpretação do que é certo e errado. A preeminência da interpretação da bíblia remonta o nascimento do protestantismo, que teve a sola scriptura como um de seus princípios.

Cravo, Dente-de-Leão e Tulipa, pertencentes a Assembleia de Deus, tida como uma denominação bastante rígida, apresentaram crises e desvios maiores em relação as outras igrejas. Dente-de-Leão foi pai solteiro e viveu durante um tempo as coisas “do mundo”, antes de voltar a submeter-se as regras de condutas postas. Cravo e Tulipa foram os únicos que entenderam a masturbação como normal e frequente.

A/os jovem/ns assembleianos relataram de forma mais frequente insatisfações acerca da organização estrutural da igreja e a questão do dízimo. O relato de trânsito religioso também foi mais citado entre eles, sempre motivado por incongruências entre valores pessoais e religiosos. Apesar da dificuldade de se tecer comparações em um grupo tão pequeno. O movimento de crítica, desdobramento e criação de outras denominações é bastante comum ao movimento protestante como um todo e mais ainda na Assembleia de Deus, como descrito na explanação teórica.

Os/As informantes relataram que nem sempre a educação sexual familiar e a educação religiosa coincidem. A escola também, apesar de aquém do que se espera, apareceu como fonte capaz de produzir discursos divergentes às outras instâncias. Os conflitos, rupturas e concordâncias promoveram continuidades e acomodações em

função do entrelace de diversas outras influências e instâncias como a mídia e o contato com os pares.

4. Análise dos relatos dos participantes sobre masturbação, família e religião, quando expostos às situações projetivas.

Na primeira situação, Gerânio, Lírio e Tulipa relataram que a reação da mãe foi de susto. Tulipa avaliou que a mesma ficaria constrangida. Cravo, Azálea, Orquídea, Dente-de-Leão, Tulipa, Girassol e Begônia afirmaram que a mãe brigaria com A. e Gerânio afirmou que ela também poderia fingir que não tinha visto.

“Bom, se essa mãe era religiosa, provavelmente ele ficou bastante assustada, e deve ter dado uma bronca e deve ter ficado muito constrangida. É, eu não consigo imaginar uma mãe liberal, eu imagino que isso deva ser sempre um choque pra uma mãe, pegar o filho no ato. Então acho que terminaria assim a história” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“A mãe? Ah, a mãe, no primeiro momento finge que não, tipo faz cara de assustada, sei lá, tenta de, é, desviar o assunto, entendeu? Acredito que a maioria dos pais faria isso. E talvez no momento posterior fosse conversar, mas de momento ia ficar uma situação meio, é, sem graça, né” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

“E, a mãe, menino que é isso? Desliga isso! Já pega o chinelo, já bate nele, entendeu? Dá uma chinelada, seu sem vergonha, pecador, que não sei o quê, entendeu?” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Cravo e Orquídea acharam que a pessoa vista se masturbando tentaria disfarçar, depois do susto de ser pego no flagra. Azálea, Gerânio, Girassol e Begônia afirmaram que se sentiria envergonhado/a. Para Dente-de-Leão a pessoa jogaria os vídeos e revistas fora.

“Ele já cobre, pega um travesseiro, pega uma blusa (...) não sabe nem o que falar, não eu tava, eu tava aqui dormindo. Eu tava, a televisão ligou, eu tava mudando de canal, entendeu. E não era esse DVD que eu, que eu queria passar, ou era o DVD errado, tava na caixa errada” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Ele ficou muito envergonhado, talvez no futuro ele tivesse problemas, assim, com relação a isso” (Begônia, mulher, 26 anos, Igreja Batista).

“Enfim, e se assustar” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

“(...) Eu acho que ele deveria parar com isso daí, jogar isso daí fora” (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Tal como Begônia evidenciou acima com a expressão “talvez ele tivesse problemas com isso no futuro”, Gerânio, Orquídea e Girassol fizeram observações interessantes sobre a influência que as reações da família e sociedade em geral podem infligir às concepções sobre masturbação. As falas dos/as participantes evidenciaram como a forma pela qual a masturbação é encarada pela sociedade interfere no modo como as pessoas pensam e agem em relação ao ato de se masturbar com sentimentos de culpa, vergonha e inadequação.

“Ah, porque é algo como visto assim, sei lá, algo visto com maus olhos, eu acho assim, socialmente falando, tipo, é, não é algo que você, que você acha que é normal, comumente a gente não acha que é normal. Não na posição de pai, talvez na posição do filho ele considere normal, mas não pela pessoa do pai” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

“Eu acho que é que por mais que tenha o ensino, talvez algumas pessoas não tenham até esse ensino, mas mesmo que tenha esse ensino, os pais não esperam que os filhos façam, e os filhos não tem total liberdade (...) pra conversar com outras pessoas, não só com os pais (...). Então ficam coisas acumuladas dentro, só pra pessoa e quando ela é descoberta é como se toda a caixinha de segredo dela tivesse sido revelado, coisas que ela não queria que a pessoa soubesse, né. Então, é como se fosse uma outra pessoa e não ela, né.” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

“Mas acho que a pessoa de um modo geral, o rapaz, a moça, sei lá, acho que vai, vai se sentir constrangido, envergonhado porque não é uma coisa agradável, né. O que mostra que é uma coisa errada. Que eu não faria coisas certas com vergonha” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

A reação da avó variou bastante. Alguns/mas participantes entenderam que a avó teria uma reação mais tranquila que a da mãe. Gerânio, Cravo e Begônia afirmaram que a avó fingiria que não tinha visto. E Girassol afirmou que ainda que a figura desse alguma bronca, esta seria mais branda. Tulipa e Orquídea acharam que a reação da avó seria pior que a da mãe em relação ao embarço. Cravo, Azálea, Dente-de-Leão, Tulipa consideraram que a avó ficaria mais brava que a mãe.

Para Cravo, a reação da avó, ainda dependeria do tipo de vínculo entre a pessoa e avó. Uma relação próxima levaria a uma reação parecida com a mãe, e uma relação menos próxima levaria a uma reação mais branda.

“É, vó é vó, né (rs). Acho que vó é mais tranquilo que pai e mãe”, (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

“De repente se é uma avó que ah, ela é vó, mas é minha mãe, ela que me criou. Acho que faria a mesma situação da mãe, entendeu? (...)”

Agora se é vó, como de repente a que eu tive. A avó que você duas vezes por ano, né. Olhe lá. Às vezes, uma vez a cada dois anos, assim, que mora longe, né. E, de repente, tá na sua cada tá te visitando, veio aqui na cidade, né. E, te pegou lá. Acho que a gente não tem tanta intimidade pra dar bronca sobre isso, entendeu? Vai dar um grito Ah! E fechar a porta e sair, entendeu?” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de deus).

“Ah, eu acho que pior do que foi com a mãe. Eu acho que a bronca é pior do que foi com a mãe” (Azálea, mulher, 21 anos, Igreja Adventista da Promessa).

Em relação à reação da pessoa ao ser pega pela avó a variância também se pautou pela comparação com a situação com a mãe. Cravo, Orquídea e Tulipa acharam que a vergonha e o constrangimento seriam maiores. Gerânio, Girassol e Tulipa avaliaram que a reação seria mais tranquila diante da avó. Azálea e Dente-de-Leão pontuaram que a situação seria mais parecida com a mesma vivida em relação à mãe.

“Acho que por ser avó, também, a vergonha é menor, tal. Porque a avó geralmente é mãezona, tal, não tá com você geralmente, todo dia. Eu acho que seria a mesma situação, mas só que como a vergonha é menor” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

“Então, acho que seria mais ou menos a mesma reação do, a avó seria mais ou menos a mesma reação da mãe. Agora pra pessoa eu acho que seria um pouco mais constrangedor do que, a avó vê do que a mãe vê. Ainda mais porque tem aquele sentimento de vó, né, de vó sempre tá cuidando, protegendo, né. E achar que é perfeito, né, tá sempre caminhando decentemente, digamos assim (rs)” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

“(…) eu acho que a mesma coisa, eu acho que deve ter ficado envergonhado” (Azálea, mulher, 21 anos, Igreja Adventista da Promessa).

A atividade projetiva também continha uma situação que versava sobre um momento de aconselhamento entre um pastor e uma pessoa que se masturbava com frequência. Todos/as os/as participantes supuseram que o pastor a repreenderia. Cravo, Azálea, Tulipa, Girassol e Begônia afirmaram que o pastor deve tê-lo repreendido por ser a masturbação um *pecado contra a castidade*. Gerânio, Orquídea e Dente-de-Leão entenderam que o pastor explicaria que o ato se trata de um *desrespeito aos planos de Deus*.

Em relação ao pecado contra a castidade, os sujeitos discorreram que suas denominações ensinaram que a castidade não envolve apenas o sexo, mas todas as manifestações sexuais que deveriam ser reservadas ao casamento. As ‘atividades’ que

envolvem a masturbação seriam: fantasia, erotização e pornografia e já se configurariam pecado em função da cobiça a mulher do próximo, por exemplo, ou por se tratar de uma impureza (algo que conduz ao pecado).

“(…) a gente parte dos princípios de manter a castidade, né. E isso pela nossa interpretação atual dos escritos bíblicos, né, não é só não consumir o ato. Mas é também evitar imaginar, evitar, é, estar envolvido com aquilo, ainda que sozinho, só na sua mente. Então, tem até um texto, eu não sei as referências agora, mas quando fala, Jesus diz que você desejar uma mulher no seu coração, na verdade você já pecou, então, baseado nisso, isso é fortemente evitado” (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Eu acho que ele falou que era errado. Eu acho que ele não brigou, né. Eu acho que ele não brigou. Eu acho que ele orientou, é, conforme o que diz, o que diz na palavra de Deus” (Azálea, mulher, 21 anos, Igreja Adventista da Promessa).

As concepções sobre masturbação também foram percebidas por meio desta atividade. Em relação à idade, a adolescência foi referida como o momento destinado a descoberta por meio da masturbação, ou pela falta de cuidado.

“As coisas tão adiantada na sociedade, então, sei lá, uns 15. Acho que 15 anos” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

“Talvez um pouco mais novo, acho que a galera quando vai ficando mais velha passa os 18, assim que continua fazendo essas coisas, (...) toma mais cuidado, né. Vai no banheiro, tranca a porta, vai pra outro lugar, vê um horário que de repente tá mais tranquilo, né, que não tem o risco de alguém te pegar ali” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Orquídea avaliou que no caso da conversa com o pastor a idade seria maior em função do amadurecimento necessário para se ter essa conversa com uma autoridade da igreja.

“Ah, em relação à idade, acho que seria um pouquinho mais velho, né, acho que teria mais maturidade pra ter coragem de se abrir assim e receber a informação do pastor. Então, eu acho que talvez dos seus 21 em diante assim” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

A masturbação também foi relatada de forma geral como uma atividade masculina. As justificativas pautaram-se na naturalização do desejo masculino mais intenso e na naturalização da pureza feminina.

“Bom, eu já imaginei que fosse um homem, menino, entendeu? De repente porque eu sou homem, eu já, já associei isso ao homem. Não

sei se meninas veem filmes eróticos ou pornográficos, sei lá. Eu já imaginei como menino” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“Não sei (rs), não sei, eu acho que, eu acho que porque o, a parte assim do sexual tá muito, sempre tá muito mais jogado nas costas do homem do que da mulher. Acho que por isso que, a parte de homem é que veio na cabeça, mas até falei que pode ser mulher porque, né, tanto faz, mas na hora realmente de que seria um homem, por mais que o nome eu achei feminino” (Azálea, mulher, 21 anos, Igreja Adventista da Promessa).

“Eu pensaria mais que um rapaz mais por causa de instinto assim. (...) A mulher por mais que ela sinta vontade de alguma coisa assim, ela tende a se controlar mais do que homem, o homem ele não, ele tá, eu não sei o quê que tem no sangue que não consegue, não consegue assim se controlar tanto assim quanto a mulher” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

Todos/as os/as participantes entenderam que a pessoa aconselhando-se com o pastor seria um homem, em razão do costume religioso de se aconselhar com alguém do mesmo sexo e da assunção de que a sexualidade feminina é menos intensa que a masculina.

“Por ter conversado com pastor, senão acho que seria mais difícil mais pra conversar. Porque tem aquele lado da moça, né, porque a moça, tal, é intocável, tal, então tem todo aquele lado da pureza feminina, tal” (Gerânio, homem, 20 anos, Igreja do Evangelho Quadrangular).

“Eu acho que nesse caso, é, é difícil pensar, porque não sei, eu acho que, pensando que é o pastor o homem, se fosse esposa, sei lá, do pastor seria mais fácil ser uma mulher, né porque eu não acho tão simples uma mulher falar sobre isso com um homem. Mesmo sendo um pastor. Então se fosse a esposa eu falaria que seria mais fácil ser uma mulher, mas como é um homem, eu acho que é mais fácil ser um homem, né, falando com o pastor” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

Os resultados, de modo geral, apontam que a masturbação poucas vezes é abordada de forma direta, deixando a impressão que não se ensina sobre o assunto. Entretanto, tal como postulado por Furlani (2003), Guerra (2005), Louro (1997), Maia e Maia (2005) e Silva (2007), os silenciamentos, olhares e tabus educam tanto quanto conteúdos explícitos. A hipótese pode ser observada nas concepções sobre masturbação dos/as jovens expressas, especialmente, na atividade projetiva, na qual, inclusive Girassol afirma que a culpa e a vergonha indicam que algo errado está sendo feito. E o que o silêncio ensina sobre algo senão que se trata de algo proibido, do qual não se deve falar, muito menos fazer?

A masturbação foi aprendida por meio da educação do que seria a sexualidade correta. Sendo assim, se não se fala sobre algo, mas se fala sobre o que seria certo, aprende-se que tudo aquilo que foge ao certo seria errado. Estes discursos remontam os dispositivos da sexualidade expressos por Foucault (1988) nos quais a sexualidade foi recorrentemente posta em discurso com intuito de discipliná-la e contê-la na definição normativa de sexo. Nota-se também, uma concentração de discursos aos jovens, mais uma vez pode-se tecer comparações com a estratégia da criança masturbadora, exposta por Foucault (1988), como uma tentativa de disciplinarização da sexualidade dos futuros cidadãos e das futuras gerações.

Percebe-se que conteúdo da educação sexual de qualquer instância baseia-se em conteúdos presentes no senso comum, permeado por concepções normativas sobre sexo e gênero. Noções essas que incitam a diferença de gênero e a culpabilização da mulher por qualquer conduta ou manifestação sexual incongruente com o estereótipo da conduta feminina. Por outro lado, os relatos das/os jovens ilustram o poder de mudança contido na educação. Afinal, o conhecimento adquirido na escola e na universidade foi decisivo no processo de formulação e acomodação das concepções pessoais.

DISCUSSÃO

A masturbação foi pouco abordada diretamente, contudo, não se pode dizer que não se educa sobre o assunto. Furlani (2003), Guerra (2005), Louro (1997), Maia e Maia (2005) e Silva (2007) chamam atenção para os silêncios e lacunas da educação sexual presentes na educação sexual que ensinam que a prática é algo proibido, um tabu do qual não se pode falar, como bem ilustrou a participante Tulipa.

Poucos esclarecimentos sobre o tema somado aos discursos que regulamentam a conduta sexual em torno do conceito normativo de sexo, postulado por Foucault (1988), funcionam de forma eficaz para circunscrever a sexualidade lícita e ilícita. Retomando as falas dos participantes sobre como deveria ser a expressão sexual correta temos que

“a sexualidade ela foi uma forma de Deus unir essas pessoas diferente (sic). Foi uma das coisas que eu acredito que Deus faz num casamento pra unir pessoas diferentes. É, então, eu acredito que é um presente de Deus pra humanidade” (Girassol, homem, 20 anos, Igreja Universal do Reino de Deus).

“Olha, eu acho que não está certo porque Deus criou o homem e a mulher e ele criou o instinto do homem pra mulher satisfazer e o instinto da mulher pro o homem satisfazer. Então, tá claro que um depende do outro e os dois se completam. Quando a pessoa se autossatisfaz, ela tá excluindo a necessidade do sexo oposto. Então, ela tá quebrando aquilo que Deus criou, né. A essência. Então, por isso que eu acho o maior erro, né, tipo, Deus criou o corpo humano perfeito pro, pro oposto, né, digamos assim, pro encaixe oposto. Então, a gente não tem que querer trabalhar isso de uma outra forma, de forma com que a gente só precise de nós mesmos” (Orquídea, mulher, 22 anos, Igreja Batista).

Os órgãos sexuais foram descritos como ferramentas criadas por Deus com algum propósito, uma “essência”. Dito de outra forma, uma natureza. Resgatando a exposição das formulações aristotélicas, tem-se que a natureza é “um fim visado em cada ação e propósito (...)” (ARISTÓTELES, 1999, p. 23). A ideia postulada pelo autor foi assimilada pela crença cristã, de modo que a natureza da sexualidade, ou seu “fim” deveria ser a reprodução ou em última instância, ao “encaixe perfeito” e à união do casal para evitar uma traição, como apontado por Agostinho (GUILLEBAUD, 1999; RANKE HEINEMANN, 1996). Do exposto, apreende-se que a sexualidade para ter uma finalidade deveria estar restrita a genitalidade e ao relacionamento monogâmico.

Mas não se trata de qualquer casal, a felicidade pertence àquele que possui o “encaixe perfeito”, porque se assume que Deus criou dois sexos estanques, naturalmente opostos e complementares, que revela uma visão heteronormativa e genital da sexualidade. Recorrendo as postulações de Butler (2003) acerca de sexo e gênero, não existe nada de natural no corpo e na ciência. A divisão do corpo feminino e masculino foi puramente arbitrária.

A naturalidade com que se aceita que existem apenas dois corpos diferentes entre si e complementares é fruto de construção social. Afinal, é justamente por meio da manutenção destes discursos, em outras palavras, pela reiteração performativa de gênero é que se perpetua a crença na binaridade dos corpos. A reiteração performativa de gênero funciona de modo a construir e delimitar muito bem o domínio do feminino e do masculino, como forma de legitimar a diferenciação. Nesse sentido, naturaliza-se também o que é do campo masculino e do campo feminino e que a união dos dois é a forma natural de expressão sexual.

Porém, não existe nada de natural neste processo. Como mostram Butler (1999), Junqueira (2011), Louro (2001; 2008) e Miskolci (2009) a heterossexualidade é tão minuciosamente forjada como o sexo e o gênero. Um exemplo pode ser visto pelo resgate da fala de Orquídea:

“As coisas foram sendo (...) colocadas pra mim de acordo com o que fui crescendo. Então assim, que ah, eu sou uma menina e menina e menino ficam juntos. Isso é uma coisa que já vem naturalmente ainda mais quando é, por exemplo, meus pais estão com outro casal que tem um filho também e tal”.

Como foi dito no capítulo teórico do texto, o argumento aristotélico de “natureza” também foi utilizado para explicar a “natural” inferioridade feminina em relação a força, tamanho e intelecto do homem. Portanto, o homem naturalmente dominaria e a mulher naturalmente seria dominada (GUILLEBAUD, 1999; CABRAL, 2005). Ignorou-se todo o processo de gestão do patriarcado, como bem expôs Cabral (1995) e assumiu-se que a mulher tinha menos valor que o homem porque não detinha sua força física. As mulheres foram então educadas a docilidade e ao lar devido a sua “fraqueza”.

Ora, a “fraqueza” feminina não seria fruto justamente da educação que tiveram para a docilidade? O mesmo depreende-se da educação sexual das/os participantes.

Eles/elas postularam com muita naturalidade que homens e mulheres são diferentes, complementares etc. Contudo, quando se volta para o que eles aprenderam sobre o que é ser homem e ser mulher percebe-se que a naturalidade é na verdade fruto de intensa educação sexual sexista. Ou como afirma Machado (2006) evidencia uma socialização diferenciada de gênero.

Segundo eles/elas, a igreja dividia-os de modo que “os meninos aprendiam coisas de meninos, e as meninas, coisas de meninas” como afirmou Lírio. Voltando-se para os discursos direcionados a cada gênero vê-se que às mulheres são destinadas as recomendações e os alertas. Como exemplo pode se citar a fala de Cravo:

“Meninas, se comportem, é, não saiam com roupas escandalosas por aí, uma coisa muito curta, às vezes acaba despertando e muito a atenção de alguém”

Como afirmam Bozon (2004a), Brandão (2004), Heilborn (1999; 2004), Louro (2008), Montardo (2008) e Salem (2004), a mulher é vista como desprovida de desejo em contraposição ao homem, possuidor de tamanha excitação que lhe é impossível controlá-la. Motivo pelo qual, as/os participantes entenderam que os homens se masturbariam mais que as mulheres de modo geral. Begônia, por exemplo, afirma que o “o homem é mais visual”, de modo que sua excitabilidade é maior, tal como seu desejo. Tulipa também afirma que considera a prática comum porque costuma ver o sobrinho (homem) masturbando-se.

Em função disso entende-se a razão pela qual os exemplos e as atividades projetivas envolveram majoritariamente o sexo masculino. Os homens também concordam com a premissa que possuem mais desejo e naturalizam a condição por meio “dos hormônios”, sangue e cabeça quente tal como ilustra o trabalho de Salem (2004). Um exemplo pode ser encontrado na fala de Cravo

“Masturbação pra mim, é uma forma de você se aliviar, entendeu? (...) E se vê, isso acaba, vai imaginando, cê (sic) imagina essas coisas e a produção de espermatozoides tá lá, né. Testosterona, tá lá, né. Os cara (sic), os nego tão mandando pau, né. Tão trabalhando pra caramba” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Em contrapartida ao discurso direcionado as mulheres, ao homem tudo é permitido, a sexualidade é estimulada e até imposta como forma de demonstrar

macheza. Cravo e Dente-de-Leão ilustram como a permissividade é dada ao homem, tanto no ambiente religioso quanto no familiar.

“E às vezes esse cara, o cara tá, já tá com algum problema ou o cara não tem um controle sobre alguma parte da mente dele, dos pensamentos, do corpo dele” (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“É o ensinamento que nós tínhamos, ‘oh, você tem casar com menina virgem” (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

O incentivo à masculinidade fica claro nas passagens em que os jovens falaram sobre a educação sexual informal na escola por meio das brincadeiras dos colegas e de alguns professores. Como pode ser visto a seguir na fala de Dente-de-Leão

“Em menino que nunca tivesse conhecido uma menina, era, meu, era ‘zuado’ também. 17/18 anos (...) tinha que ter pelo menos algum conhecimento, alguma atividade sexual, né”.

Os discursos explícitos sobre gênero também instituem o assujeitamento feminino, por meio da educação feminina na qual as mulheres devem se submeter ao desejo masculino. Ao mesmo tempo, aos meninos é ensinado que as mulheres são objetos de desejo. Exemplos da questão podem ser vistos nos textos de Bozon (2004a), Brandão (2004) e Parker (1991) aos discorrerem sobre transformações da intimidade que apesar de trazerem um cenário de maior abertura sexual, não transformou a estrutura de dominação e controle em relação às mulheres.

Retomando a fala dos participantes percebe-se que a eles é ensinado que devem ser se envolver com mulheres virgens e comportadas.

“(...) ai minha mãe, ah tá, óh, cuidado, hein. Toma cuidado! Que essas meninas de hoje ai não tem.”, (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

“O meu pai, não, o meu pai ele chegou, né (...) sempre orientou, né, se eu for falar agora aqui pra você, você vai ficar um pouco horrorizada, assim, talvez você vai (sic) falar como o cara é radical. Mas é o ensinamento que nós tínhamos, né. É o ensinamento que nós tínhamos, ‘oh, você tem casar com menina virgem, você tem que casar dessa forma, você não pode casar, tal, tal, dessa forma, e era assim nossa linha de raciocínio, né”, (Dente-de-Leão, homem, 28 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Por outro lado, é interessante destacar a forma diferenciada como o pai de Dente-de-Leão trata a expressão sexual de homens e mulheres. O participante relatou que tivera um filho fora do casamento e que apesar das proibições é comum que os

meninos tenham relações sexuais antes do casamento. O pai, apesar de qualquer repreensão, entendeu a situação do filho e continuou cobrando a procura por uma “boa” esposa, uma virgem para o filho.

Voltando-se para o discurso destinado às mulheres, resgatar-se-á a fala de Tulipa a respeito de suas conversas com a mãe e a irmã em que estas ensinavam como a mulher deveria comporta-se diante do marido.

“E ai falamos sobre, é, ai, como agradar marido, fazer, até fazer comida, não só relacionado a sexualidade, mas esse assunto acabava de vez em quando surgindo”, (Tulipa, mulher, 23 anos, Igreja Assembleia de Deus).

Passando aos discursos presentes na escola, percebe-se na conduta machista daquele professor que elogia a *performance* do menino que “*pega tanta mina*”, um incentivo a postura masculina de ser desejante. Por outro lado, quando a professora ensina as meninas a reconhecerem “*se o cara está mesmo apaixonado por elas*”, reitera a ideia de que a conduta feminina deveria estar subordinada ao “masculino”, ao que o homem pensa ou sente em relação à mulher.

Apreende-se do exposto que as meninas são educadas para agradar enquanto os rapazes são educados a procurar a mulher que melhor o agrada, isto é, eles reproduzem concepções sexistas relacionadas aos relacionamentos. Pastana e Maia (2012) discorrem muito bem sobre a questão ao analisar os discursos relacionados ao prazer nas revistas masculinas e femininas, nas quais homens são ensinados a desejar e esperar que a mulher o agrade e as mulheres aprendem mil truques para conquistar e manter um homem.

As autoras acima citadas, bem como, Câmara (2007), Buitoni (2007), Fischer (1998; 2002), Furlani (2007; 2008) ilustram como a mídia está repleta do mesmo conteúdo sexista presente nos discursos familiares, religiosos e escolares. Sendo assim, as mesmas repressões e estereótipos são exaustivamente repetidos por todas as instâncias nas quais as pessoas estão inseridas de modo que é razoável supor que as pessoas pensem que se todo mundo fala é porque é assim.

Louro (2008, p.22) afirma que é desta maneira que emerge a norma. Ela está presente em toda parte, expressando-se “por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos. Daí por que a norma se faz penetrante, daí por que ela é capaz de se naturalizar”. Corpos, gêneros e

heterossexualidade são recorrentemente forjados de uma maneira tão intensa que acabam sendo assimilados como naturais, como a forma que as coisas são.

A mulher pura, exemplo a ser seguido e ideal de esposa, presente no discurso religioso contrapõe-se a representação da mulher perigosa, a mulher pecadora. Tal como Maria se contrapõe a Eva. Antes da tradição cristã, o pensamento judaico já propagava advertências quanto ao temperamento pouco confiável das mulheres (CABRAL, 1995; GUILLEBAUD, 1999; RANKE-HEINEMANN; ZILLES, 2009).

O pensamento cristão absorveu a ideia presente no judaísmo e na filosofia clássica de que a mulher era um ser cheio de artimanhas para seduzir e enganar os homens. Exemplos disso são as punições relatadas às mulheres que bebessem o sêmen do marido ou usassem qualquer “maquinação” com o objetivo de tirar a razão do homem (GUILLEBAUD, 1999).

Nesse sentido, existe no pensamento popular essa dualidade quanto a natureza das mulheres e a crença de que exista uma mulher virtuosa, destinada ao casamento e uma mulher fácil, da rua, que serve apenas para satisfazer todos os desejos masculinos (PARKER, 1991; HEILBORN; CABRAL, 2004; SALEM, 2004). Furlani (2003) discute que, neste contexto, a virgindade se torna tabu, ao instituir, por meio da relação com Maria, que a permanência do hímen intacto torna a mulher mais valorosa.

Retomando mais uma vez o relato de Dente-de-Leão, vemos que o pai cobra do filho uma menina virgem porque este é o estereótipo que se tem de mulher virtuosa, boa esposa. O contrário disso é a mulher da rua, aquele que tem natureza ruim e pode enganar o homem com suas maquinações.

Percebe-se também este padrão duplo na concepção de mulher na fala de Cravo

Então, vamo (sic) vigiar, vamo (sic) tomar cuidado. rapaziada, poxa, cês tão ai estourando de, de testosterona, mas poxa, **vamos respeitar as irmãs. Vamo (sic) lembrar que elas também são filhas de Deus**”, (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus, grifos meus).

Como podemos observar na fala do participante. A mulher que se deve respeitar são as irmãs, aquelas que também são filhas de Deus. Isso não se aplica às mulheres da rua, que não consideradas irmãs. O mesmo participante em seu relato explica que se utiliza da masturbação para evitar que a intensa veiculação de corpos femininos o atinja.

Como no trecho: “Passa uma mulher pelada na sua frente e você ah, tô nem ai, pecadora! Não vai me arrastar!”.

A mulher do mundo nesta concepção tenta o homem ao pecado, tal como Eva tentou Adão a comer o fruto proibido. A mulher do mundo, a pecadora, não merece o respeito do homem.

A lógica de pensamento citada acima é a mesma que legitima a violência contra as mulheres. Ao postular que a vítima provoca o homem pelo uso de determinada roupa ou por comportamentos que fogem ao da “mulher santa”, culpabiliza-se a mulher pela agressão masculina. Esse tipo de pensamento legitima a cultura de estupro presente na nossa sociedade (ANDRADE, 2007; ARDAILLON; DEBERT, 1987). Por outro lado, e como já foi dito anteriormente, à mulher destina-se o discurso do cuidado, do zelo, do medo fazendo-a considerar normal este tipo de conduta. Assim, educa-se a mulher para não provocar o homem, uma vez que este não consegue controlar seu desejo, naturalizando condutas agressivas destes e culpalizando suas vítimas.

A delimitação da sexualidade ao casamento e a difusão do namoro como arranjo divino promovem o que Gomes (2006) e Dantas (2010) postularam como agendamento da sexualidade. O ideal romântico de alma gêmea ou par perfeito pode ser percebido no discurso religioso quanto à predestinação do relacionamento. O namoro é submetido ao encontro de alguém especialmente preparado por Deus, que chegaria no tempo certo se todas as exigências de conduta forem cumpridas. Nesse sentido, a chegada do/a parceiro/a é posto como um prêmio a quem seguir as regras impostas.

“Não, irmão, pô, se segura, toma cuidado, vigia, vale a pena, entendeu? (...) Tem uma amada, uma querida sendo preparada pra você, entendeu? E se guarda pra ela, entendeu? Se guarda pra ela que uma hora, na hora certa Deus vai colocar vocês no mesmo caminho e você vai tá, poxa, me guardei a vida inteira pra você, entendeu”, (Cravo, homem, 22 anos, Igreja Assembleia de Deus).

A reserva do exercício sexual à pessoa destinada por Deus pode ser entendida como uma recompensa por seguir as regras, na lógica capitalista da sociedade moderna. A sexualidade idealizada aparece como uma recompensa concedida por Deus a quem segue seus desígnios.

A noção de recompensa dialoga com a religiosidade moderna no sentido de que houve uma mudança de atitude em relação a como viver o mundo e as coisas de Deus

(MARIANO, 1999, 2012). Tal como afirma o sociólogo da religião, bem como Duarte (2006) ao contrário dos protestantes históricos que mantinham ascetismo radical, os fiéis das igrejas renovadas vivem o mundo e participam ativamente dele.

Participar do mundo significa estar submetido aos mesmos anseios e ideologias. Se a predominância do amor romântico na constituição das relações é uma máxima presente na sociedade. Encontra-se o mesmo desejo entre as/os jovens religiosos: ao mesmo tempo, se todos estão submetidos a lógica capitalista, os fiéis e as igrejas também estão, motivo pelo qual existe sempre a noção de barganha e recompensa na vivência da religiosidade moderna (MARIANO, 1999; 2012).

O autor acima citado se reporta especialmente ao neopentecostalismo, porém, como Mendonça (2007; 2008) afirma o reavivamento pentecostal varreu quase todas as denominações brasileiras de modo que é difícil encontrar igrejas protestantes puras. Tal processo pode ser vislumbrado no relato dos/das participantes no qual é difícil estabelecer diferenças profundas nos preceitos e organização religiosa.

Afinal como o próprio Mendonça (2007; 2008) chama a atenção, o peso colocado pelas tradições protestantes históricas no livre arbítrio e o ascetismo religioso, oferecia poucas possibilidades ao fiel além de uma ética rigorosa e um pragmatismo prático. Este fato por si já tem sido relatado como razão para o recente deslocamento dos fiéis desta para outras denominações e para o reavivamento das igrejas protestantes históricas na tentativa de manter seus fiéis (MENDONÇA, 2011; TAVARES, 2011).

Tanto o participante pertencente a Igreja Universal quanto as participantes da Igreja Batista relataram que há pouca preocupação com uma doutrinação da pessoa. O foco é muito maior na adesão e vivência da religiosidade. O laxismo quanto a regras e costumes observa-se, na verdade, desde a chegada do protestantismo no Brasil. De acordo com Mafra (2001) e Mendonça (2008) o movimento em terras tupiniquins é marcado pelas resistências típicas da cultura brasileira e pelas características próprias da tradição religiosa.

Mafra (2001, p. 19) registra que “vários missionários brasileiros vão defender uma maior condescendência diante de uso e costumes considerados impróprios. Cria-se então um foco de tensão recorrente entre missionários locais e estrangeiros”. As tensões culminaram em expulsões das denominações originais e formação de igrejas dissidentes. A autora aponta que o processo inaugurou “uma dinâmica de multiplicação

por segmentariedade que só tenderia a crescer no campo evangélico brasileiro” (MAFRA, 2001, p. 20).

Nesse sentido, a ascensão do pentecostalismo, especialmente de sua terceira onda, somado ao cenário moderno de preeminência subjetiva da crença propiciou um surgimento de grande oferta e possibilidades religiosas no Brasil. Por esse motivo, o fiel é o protagonista de sua fé, como afirma Silva et al (2009), uma vez que ele pode mudar e escolher quais preceitos e experiências lhe agradam mais.

Os sujeitos tem tanto a possibilidade de escolher outra religião para se filiar quanto selecionar, dentro daquele corpo, quais são os preceitos e concepções que pretende seguir ou não. Viu-se no relato dos/das participantes diversas experiências de trânsito, especialmente entre os/as jovens assembleianos/as.

Como exemplo de trânsito tem-se o relato de Cravo acerca da mudança de seu pai que estava descontente com o ministério ao qual pertencia, a família de Tulipa que estava descontente com a liderança local e mudou de igreja, permanecendo na mesma denominação ou ainda Gerânio que passou a frequentar uma congregação diferente da mãe para exercer mais funções dentro da denominação.

As concordâncias e divergências com as postulações religiosas evidenciam o caráter subjetivista e a importância dada ciência pela ideologia moderna (DUARTE et. al., 2006). A ciência, os aprendizados escolares e as explicações lógicas de mundo foram citadas pelos sujeitos como as principais fontes de rupturas e divergências em relação ao conhecimento religioso. A igreja, na visão dos/as jovens entrevistados/as, não fornece explicações plausíveis o suficiente para explicar a origem e o funcionamento do mundo.

Tal achado além de reforçar as postulações dos sociólogos da religião quanto a forma da vivência da religiosidade, com ênfase na experiência do sujeito. Também ilustram uma sociedade secularizada, na qual a crença é religiosa não é responsável por ditar a lógica do mundo, no Ocidente. Não acreditar que Deus criou a Terra em sete dias é romper com organização social e explicação do funcionamento do mundo proposta pela igreja (MARIANO, 1999; 2004; 2011; 2012). Ainda que se questione o status adquirido pela ciência como detentora da verdade, não se pode negar que os jovens se reportaram a ela como tal em muitos momentos.

Neste sentido, concorda-se com os autores que postulam sobre o quanto o ethos privado agrega valores confessionais e do senso comum, caracterizado pela primazia pela lógica cientificista (DUARTE, 2006; DUARTE et. al., 2006; MARIANO, 1999; 2012). Questiona-se neste ponto qual ciência se tornou hegemônica, afinal, apenas as ciências duras e biológicas foram utilizadas como explicação lógica de mundo.

Louro (2000) e Silva e Ribeiro (2011) afirmam que em função do status da medicina e das ciências na sociedade moderna é comum que a sexualidade seja compreendida e interpretada por essa perspectiva. Mais do que isso, como afirma Duarte (2006), em função de ser a ciência a instância dotada de poder na organização social, todas as instâncias se remetem a ela como forma de legitimar os seus discursos, bem como o senso comum se reveste de intenso cientificismo.

Ao retomarmos a fala de Gerânio

“(...) então mais sobre essa assim, tomar cuidado, usar camisinha, tal, é, mais essas orientações, assim. Sobre a consequência, tal”.

Temos um exemplo de como até a família tem como foco também as preocupações sanitárias em relação as consequências do sexo. O terrorismo higiênico é tão grande que até as famílias que pregam e incentivam a castidade falaram sobre camisinha e métodos contraceptivos, como apontou Begônia.

Cravo, Azálea, Orquídea, Dente-de-Leão e Tulipa relataram que é costume da igreja convocar *especialistas* - médico, psicólogo ou enfermeiro cristão – para discutir o assunto com os/as fiéis. De modo que as informações passadas por uma autoridade científica legitimam o discurso religioso como verdade absoluta.

A igreja convoca os especialistas: médicos, psicólogos e enfermeiros para oferecer informações científicas acerca da vivência da sexualidade com intuito de permear suas concepções e crenças em verdades que promovam saúde e bem estar. A escola também se destacou pela veiculação restrita ao aspecto biológico da sexualidade, tratando-a com tom alarmista, resquício de uma visão médico higienicista da sexualidade (ALTMANN, 2001; 2006; 2010; FURLANI, 2007; LOURO, 2000; 2008; XAVIER FILHA, 2008).

No relato de Tulipa e Girassol percebeu-se que a escola falou sobre masturbação de forma direta. A prática foi incentivada para autoconhecimento e como medida anticonceptiva, para evitar que as jovens engravidassem cedo.

“Nas escolas é muito comum eles falarem que isso é saudável, porque você conhece seu próprio corpo, lá isso era incentivado” (Tulipa).

“Aí, passaram muito a visão dos professores, tal, que muitas vezes incentivavam a masturbação, é, pra que não haja, é, contato sexual com outras, tal” (Girassol).

Altmann (2003) chama a atenção para a veiculação da masturbação como medida profilática por parte da escola. Para a autora, vê-se que a educação sexual se insere na escola com objetivos sanitários e higiênicos. E tenta se eximir deste papel ideológico por meio da pseudoneutralidade dos conteúdos científicos. Entretanto, sabe-se que depende de uma escolha ideológica tanto escolha do conteúdo abordado quanto a adoção de um projeto político de ensino (ALTMANN, 2001; FURLANI, 2007; 2008; JUNQUEIRA, 2010; XAVIER FILHA, 2009).

Em relação à masturbação, especialmente, a noção de saúde é ainda mais intensa por conta de todos os conteúdos científicos promulgados nos séculos 17 e 18. Em função de todo o projeto de propagação de medo e pânico, os mitos e inverdades relacionadas a masturbação que ainda permeiam o imaginário popular percebe-se que apesar dos avanços científicos e de um consenso na literatura dos benefícios para o corpo da prática da masturbação, a prática ainda se recobre dos postulados de Tissot e seus contemporâneos (FURLANI, 2003; GUILLEBAUD, 1999; MARTINS, 2005; PEREIRA; MAIA, 2010; ROMUALDO, 2003).

Tais mitos foram percebidos no relato de Cravo que argumenta que o acúmulo de espermatozoides pode levar o homem à *loucura*, razão pela qual a masturbação deveria ser praticada pelas pessoas do sexo masculino. E na afirmação de Gerânio de que a prática poderia tornar-se um vício, no qual a pessoa ficaria “possessa” com aquilo, que o excesso de espermatozoide poderia levar o homem à loucura ou a pornografia. Bem como, na afirmação de Dente-de-Leão masturbar-se não é saudável porque gera indivíduos solitários.

“(…) Não é saudável, né, é, alguns psicólogos acham que deveria né, tal, mas você cria indivíduos muito solitários, né”. (Dente-de-Leão).

A fala do participante, em especial, chamou a atenção em função da referência que faz à Nova Iorque, imaginando quantas pessoas solitárias estariam se masturbando

na cidade. A concepção do participante poderia estar baseada no enredo do filme *Shame* (EUA, 2011) ²⁵.

Girassol levanta uma questão interessante quando se reporta a pornografia, no trecho retomado abaixo

“Pornografia, o problema dela, é que ela, ela aumenta, há uma elevada taxa, se você for estatisticamente, há uma elevada taxa de pedofilia. Com o aumento da pornografia, a pedofilia aumenta. É, a zoofilia também aumenta. A pornografia, ela, ela desumaniza a pessoa, ela corrompe valores, ela, ela separa o marido, a mulher. Porque o homem ele não vai ter na casa dele aquela mulher, aquela, podemos dizer assim, aquela tigresa que ele vai ter na pornografia. Então, ele vai, ele vai degradar a imagem da mulher na mente dele, a imagem da mulher, da esposa dele na mente vai ser degradada e a tendência disso é o casamento se tornar cada vez um, uma república de amigos, não um sagrado matrimônio, uma união, sabe, os dois se tornarem um só (Girassol)”.

Em primeiro lugar poderíamos discutir qual a fonte de suas afirmações quanto a masturbação estimular a pornografia e aumentar a taxa de zoofilia e pedofilia. Não foram encontrados estudos científicos que estabelecessem essa conexão, embora abundem textos sobre o tema em portais sobre família e páginas gospels. Por outro lado, o participante toca em questões importantes no que diz respeito a submissão feminina e a decepção masculina atrelada ao conteúdo pornográfico.

Retomando as postulações de Russel (1999 apud MATINEZ, 2009) e McKinnon (1993 apud SILVA, 2013) quanto ao caráter misógino da pornografia compreende-se a se apoia a posição defendida por Girassol quanto à pornografia. O filme *Don Jon* (EUA, 2013), por exemplo, aborda a questão de forma contundente. De forma sucinta e de acordo com o recorte temático, o protagonista afirma que as relações sexuais são inferiores à masturbação. Porque quando ele se masturba a mulher realiza todas as suas fantasias e na vida real, a submissão total não existe.

De fato, a falsa disposição feminina infinita, submissão absoluta e o foco na ótica masculina sobre o como deveria ser o prazer criam uma disparidade entre o que homens e mulheres esperam do sexo. Lembrando que as mulheres são educadas com

²⁵ O filme retrata a história de um homem que seria viciado em sexo, mostrando diversas cenas de masturbação e sexo com várias mulheres e prostitutas. Com a chegada de sua irmã em seu apartamento supõe-se que eles tiveram problemas na infância que desencadearam problemas psicológicos na vida adulta.

romances água com açúcar, como afirma Alberoni (1993) e muitas vezes apenas a penetração não é capaz de estimular o clitóris de maneira eficiente para que se atinja o orgasmo.

Por outro lado, a principal crítica feita as feministas antipornografia é justamente sua aliança com a moral cristã da direita americana. Para os críticos, combater o machismo na pornografia não significa abolir a pornografia, a misoginia está presente em toda a estrutura patriarcal. A solução seria, portanto criar materiais pornográficos alternativos que transgridam a lógica posta, como por exemplo, a pornografia feminista²⁶ (SILVA, 2013; PRECIADO, 2002 apud COELHO, 2009).

Talvez almejando os mesmos objetivos ou apenas adentrando em outro nicho de mercado, uma empresa gospel decidiu lançar um filme pornô, buscando combater justamente os problemas apontados por Girassol em seu relato. Como alternativa a misoginia atual, o material gospel teria o objetivo de combater a submissão feminina e a degradação do casamento por meio do enaltecimento do matrimônio e do casal durante o sexo, de modo que o prazer de ambos fosse equitativo. Ainda não houve produção de obras para análises.

As formulações pessoais dos participantes congregam aspectos de diferentes instâncias que se somam, se adequam e se transformam. Do mesmo modo como alguns relacionam a mídia com o estímulo ao erotismo e à prática sexual, pode-se também supor a influência de enredos midiáticos nas concepções sobre masturbação ou sua justificativa.

Como foi observado, a constituição do ethos privado congrega informações e valores recebidos pela família, igreja, mídia, amigos etc. que por sua vez perpassam a interpretação pessoal de cada um. Como afirma Duarte (2005; 2006) a formação de um código de conduta pessoal perpassa a primazia do eu, que o autor pontua como subjetivismo.

Por exemplo, retomando a fala de Girassol sobre as influências que recebe na constituição de sua subjetividade ela articula conhecimentos e informações recebidos de diversas instâncias.

²⁶ Sobre o tema, há uma matéria bastante interessante realizada pela BBC Brasil. http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/05/140513_pornografia_feminista_fl.shtml?ocid=socialflow_facebook. Acessado em 13/05/2014.

“a pessoa de repente vai, vai, sei lá, não tem uma afinidade muito grande com os pais, isso talvez seja um fator determinante aí, é aí ela não vai fazer questão do que o pai e a mãe tão falando. É, de repente ela não tem um bom relacionamento na igreja, isso também vai prejudicar ela, sei lá, as vezes ela não tem um bom relacionamento com o colega dela, com professor, com a professora. Então, aquela influencia, e, aquela informação vai ter níveis de influência em cada pessoa, de acordo com a bagagem cultural, né, que essa pessoa carrega”

Os níveis de influência na escolha manutenção das crenças e concepções dependem, por exemplo, do relacionamento familiar e sua importância na vida do sujeito. Em consonância com Machado (2006), Natividade (2005), Setton (2006), Silva et al (2009) e Tavares e Camurça (2006) a família tendem a ter papel fundamental neste processo. Como podemos ver nos relatos de Lírio, Tulipa e Girassol, a manutenção se deve especialmente nos casos de relacionamentos considerados positivos.

Cravo, Azálea, Dente-de-Leão e Begônia relataram não ter bons relacionamentos com os pais, por exemplo, também apresentaram maiores relatos de trânsito religioso no qual os participantes deixaram de frequentar a mesma igreja que os pais. Gerânio, apesar de apresentar bom relacionamento com os pais, não concorda com sua postura “liberal”, de modo que passou a frequentar uma igreja onde poderia assumir papéis mais importantes e exerceu sua postura mais “idealista”, de acordo com o sujeito.

Outro fator importante da constituição da subjetividade é o acesso aos conteúdos acadêmicos, afinal, todos/as participantes relataram que o conhecimento científico os fizeram repensar suas crenças citando o exemplo da criação do mundo e do evolucionismo. Mesmo com toda a discussão acerca do caráter da ciência e o prestígio das áreas duras, precisa-se ponderar que todos/as entrevistados/as pertencem à área de Biológicas e Exatas. Provavelmente, se fossem alunos/as da área de Humanas, teriam tido em suas formações matérias como Sociologia, Antropologia etc. que poderiam ter lhes proporcionado outras formas de conhecimento e questionamentos, especialmente no campo da sexualidade. Este dado, porém, necessitaria ser analisado por outros estudos.

As instituições religiosas já se deram conta da realidade diversa do processo de socialização moderno. Em face disso, a igreja adota estratégias que possibilitem maior adesão e filiação. Duarte (2006) chama a atenção para o quanto os discursos religiosos

se revestem do que ele chama de “familismo” de modo a se tornar mais apelativo a família, em função de sua influência na determinação da crença pessoal da/o jovem.

A referência aos postulados do autor pode ser vistos no relato de Gerânio sobre a mãe que o ensinou a ir à Igreja “ela fez com que eu aprendesse, é, desde cedo que é bom você aprender sobre a palavra de Deus, que é bom você tá ali numa comunidade, vivendo, é, compartilhando, é, coisas boas, compartilhando momentos difíceis”.

A chegada à juventude e a ida para a faculdade, para o mercado de trabalho, a possibilidade de receber outras influências aumentam. Os/as jovens fizeram bastante referência aos amigos e vivências pessoais deste período que os levaram repensar certos valores e opiniões. Como afirma Orquídea

“Agora indo pra faculdade não. Eu comecei a, pensar sozinha, né. A ter as minhas próprias opiniões sobre as coisas, sobre Deus, sobre a faculdade, sobre as pessoas, sobre tudo assim. Então isso, nossa, alterou bastante. Eu comecei a ser uma pessoa sei lá, mais aberta pra, pra conversar, pra fazer amizades, né”.

Para lidar com um cenário de tantas influências, percebe-se um movimento de ampliação das possibilidades de socialização no ambiente da igreja, bem como, função e tarefas como forma de aumentar seu poder influência. Os relatos dos/as entrevistados/as mostram o quanto seus finais de semana, são permeados por atividades da igreja, bem como, durante a semana existem diversas reuniões e atividades ligadas a ABUB.

A agenda lotada acaba levando os sujeitos a restringirem seu contato social e atividades de lazer a pessoas com as mesmas inclinações religiosas. Gomes (2010b) também ilustra em seu trabalho sobre a socialização da juventude na igreja Sara Nossa Terra o movimento das igrejas em propiciar que os/as jovens momentos de lazer cristão, por meio da realização de festas, baladas e shows gospels.

Como fica evidente pelo trabalho, a juventude é foco de discursos ideológicos da família, religião, escola, mídia etc. especialmente devido ao período estar ligado a descoberta e início da vida sexual. Neste sentido, apoiando-se em Foucault (1988) supõe-se que o intuito dos discursos seja, tal como a estratégia da criança masturbadora, inibir e condicionar a sexualidade ao sexo normativo, bem como forjar sujeitos de acordo com a norma operante, a heteronormatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa e pelo número pequeno de participantes, os limites para generalização dos dados são evidentes de modo que o alcance da pesquisa detém-se a descrever a realidade e fazer suposições do grupo exposto. Em função da escassez de trabalhos sobre masturbação, especialmente entre o público evangélico ou religioso de modo geral, torna-se muito difícil fazer comparações e estabelecer pontos comuns e divergentes em outros cenários sociais, acadêmicos etc. Chama-se a atenção, portanto, para que mais trabalhos sejam realizados sobre o tema.

Conclui-se desta pesquisa que os discursos sobre sexualidade tem a juventude como foco, momento no qual o senso comum acredita que se inicia a vivência da sexualidade. Analisando a estratégia da criança masturbadora, Foucault (1988) pontua que a concentração de discursos nesse período sugere uma tentativa de disciplinarização da sexualidade dos futuros cidadãos e das futuras gerações.

Voltando-se para os discursos percebe-se nem sempre a masturbação é abordada de forma direta. Nos ensinamentos diretos sobre o tema pela igreja, a prática é tida como pecado por se caracterizar como um desrespeito a vontade de Deus ou uma impureza que levaria ao pecado. Na escola, quando abordado de forma direta, mostrou-se que a masturbação seria saudável para o desenvolvimento.

A educação sobre o tema também se deu por meio da divulgação do que seria a sexualidade correta. Vê-se tanto nos discursos religioso, familiar e escola, a partir de estratégias e conteúdos diferentes, a restrição da expressão sexual à genitalidade e vida adulta, bem como a relação heterossexual. Nesse sentido, pode-se afirmar que a sexualidade foi circunscrita ao conceito normativo de sexo, tal como postulado por Foucault (1988).

Os discursos sobre masturbação somaram-se aos ensinamentos sobre sexualidade e gênero de modo a delinear de maneira efetiva como deveria ser a conduta sexual correta. Às mulheres foram destinadas precauções e instruções quanto a natureza incontrolável da sexualidade masculina, culpabilizando a vítima por qualquer violência sofrida e legitimando o desrespeito e a agressão por parte dos homens às mulheres tidas como “provocadoras”. Os discursos acerca da conduta feminina, muitas vezes também tiveram o objetivo de restringir a sexualidade feminina ao desejo masculino.

Em função disso, percebe-se que conteúdo da educação sexual de qualquer instância baseia-se em conteúdos presentes no senso comum, permeado por concepções normativas sobre sexo e gênero. Tal fato relaciona-se com as pontuações de Duarte (2005) e Duarte et. al. (2006) acerca da complexidade do fenômeno religioso moderno no qual a interpretação pessoal e a vivência subjetiva tem impacto fundamental na relação do sujeito com sua religião e na determinação de sua conduta.

Pelo relato das/os jovens ficou evidente o papel fundamental exercido pelo conhecimento adquirido na escola e na universidade no processo de formulação e acomodação das concepções pessoais. Por serem estudantes de carreiras da área de biológicas e exatas o principal foco de mudanças e divergências advieram deste campo. Neste ponto questiona-se se surgiriam rompimentos e divergências no campo da sexualidade casos os/as participantes fossem alunos/as da área de Humanas.

Em todo caso, a importância do conhecimento acadêmico para a formulação e reformulação das concepções pessoais evidencia o potencial da escola enquanto instância dotada de propiciar reflexão e crítica quanto à educação recebida por outras esferas. Por outro lado, analisando o conteúdo da educação sexual feita pela escola percebe-se que o assunto é tão permeado pelo conhecimento do senso comum quanto a família e a religião. Mesmo quando o tema se associa a projetos e disciplinas que se propõe a ensiná-la objetivamente, o foco higiênico e profilático revela que, tal como os outros espaços, o objetivo da escola é controlar e inibir a sexualidade por meio da propagação de preocupação e medo.

As razões para tanto remontam o próprio surgimento da escola, afinal, a mesma foi criada com o objetivo de vigiar e garantir ao Estado a formação ideológica dos futuros/as cidadãos/ãs, caso a família falhasse nessa missão ou mesmo para reforçar a posição dos pais (FOUCAULT, 1988). Neste sentido, é lugar comum nos trabalhos sobre educação sexual apontar-se a importância de se trabalhar o tema na escola, bem como as deficiências presentes no processo: conteúdo profilático; falta de conhecimento técnico dos professores devido a formação deficiente; reprodução acrítica dos preconceitos presentes na sociedade por parte dos profissionais da educação etc.

Não apenas a educação sexual, mas a educação como um todo se encontra em crise no Brasil. Por conta da organização social estruturada com base no Capitalismo o conhecimento técnico se sobrepõe a uma formação crítica de modo que a educação tem sido recorrentemente sucateada. A má formação escolar garante que a estrutura de

dominação social se perpetue: do rico sobre o pobre, do homem sobre a mulher; do branco em relação às outras etnias e etc.

Por conta disso, ainda que se postule a necessidade de uma reforma na educação, entende-se quão difícil é a possibilidade de que essas mudanças se efetivem, por não serem interessantes ao controle do Estado. Posto isso, defende-se, além da luta por políticas públicas e estrutura adequada para uma educação de qualidade, a possibilidade de trabalho “nas brechas”. A educação sexual pode ser feita por meio de projetos de extensão que almejem a formação continuada de professores/as e outros/as profissionais da educação, criação de projetos de educação nas universidades por parte dos grupos de pesquisa e pesquisadores da área, investimento em programas e cursos de formação sobre o tema em plataformas de educação a distância entre outras iniciativas.

A luta por uma educação de qualidade, bem como, o combate ao machismo e outras estruturas de dominação presentes na sociedade deve fazer parte do dia-a-dia dos/as profissionais da área, sempre com intuito de formar multiplicadores/as para que a ampliação de consciência seja efetiva e tenha alcance.

REFERÊNCIAS

ABDO, C. H. N.; OLIVEIRA JR, W. M.; MOREIRA, E. D.; FITTIPALDI, J. A. S. Perfil sexual da população brasileira: resultados do estudo do comportamento sexual (ECOS) do brasileiro. Em: **Revista Assoc. Med. Brasileira**, v. 52(6): 424-429, 2006.

ALBERONI, F. **O voo nupcial**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1993.

ALLEN, P. L. **The wages of sin: sex and disease, Past and Present**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

ALTMANN, H. Educação sexual na escola: o conhecimento científico como critério de verdade. Em: **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora**, v. 12, n. 2, jul./dez., 2010.

_____. Educação Sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 333-356, mai./jun., 2007a.

_____. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-educacional. Em: **Educação em Revista (UFMG)**, v. 46, p. 287-310, dez., 2007b.

_____. Sobre a educação sexual como um problema escolar. Em: **Revista Linhas (UDESC)**, v. 7, p. 3, 2006.

_____. H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. Em: **Cadernos Pagu** v. 21, p.281-315, 2003.

_____. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Em: **Revista Estudos Feministas**, Campinas Ano 9/2º semestre, pp. 575-585, 2001.

ALMEIDA, R. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. Em: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (org.). **As religiões do Brasil: continuidades e rupturas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ALVES, R. **O que é religião**. 14ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ALVES, D. C.; PEREIRA, T. R. A.; RODRIGUES JUNIOR, O. M. Masturbação em estudantes universitários: atitudes e referências. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.2 (1), 1991, pp.41-51.

ARDAILLON, D.; DEBERT, G. G. Quando a vítima é mulher. Brasília: **Conselho Nacional dos Direitos da Mulher**, 1987.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicomaco**. 4ª edição. (KURY, M. da G., trad.). Brasília: Editora UNB, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BEE, H. L. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BITUN, R. Nomadismo religioso: trânsito religioso em questão. Em: **Revista Horizonte**. Belo Horizonte, v.9, n.22, p. 493-503, jul/set., 2011.

BOZON, M. **Sociologia da Sexualidade**. (MENEZES, M. L., trad.). Rio de Janeiro: Editora FGV, Coleção Família, geração e cultura, 2004a.

BOZON, M. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. Em: HEILBORN, M. L. **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004b.

BRANDÃO, E. R. Iniciação sexual e afetiva: exercício de autonomia juvenil. Em: HEILBORN, M. L. **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do Ministério da Educação (SECAD/MEC). **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escola_protege/caderno5.pdf. Acesso em: 12 jul. 2012.

BRENOT, P. **Elogio da Masturbação**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

BRETAS, J. R. S., OHARA, C. V. S., JARDIM, D. P. O comportamento sexual dos adolescentes em algumas escolas no município de Embu, São Paulo, Brasil. Em: **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre (RS), 29 (4), p. 587-587, 2008.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. Em: LOURO, G. L. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

- BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. Em: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.
- CABRAL, J. T. **A Sexualidade no mundo Ocidental**. Campinas: Papirus, 1995.
- CAMURÇA, M. A realidade das religiões no Brasil no Censo IBGE-2000. Em: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (org.). **As religiões do Brasil: continuidades e rupturas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 35-48, 2011.
- CARNEIRO, H. **A Igreja, a medicina e o amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil**. São Paulo: Editora Xamã, 2000.
- CARRARA, S. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. **Revista Bagoas**, n. 05, p. 131-147, 2010.
- CARVALHO, M. J. O que as mulheres pensam a respeito da masturbação: inquéritos pessoais. Em: **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.7 (1), 1996.
- CATONNÉ, J. P. **A sexualidade ontem e hoje** (Coleção Questões da Nossa Época, Vol. 40) (2ª ed.). São Paulo: Cortez, 2001.
- CHAUÍ, M. **Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____; KEHL, M. R.; WEREBE, M. J. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? Em: **Cadernos de pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 36, 1991, p.99-110.
- COELHO, S. Por um feminismo queer: Beatriz Preciado e a pornografia como pretextos. **Rev. ex æquo**, n. 20, Lisboa, 2009, p. 29-40.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e Norma familiar**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- DANILIAUSKUS, M. **Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas da educação: uma análise do programa Brasil sem Homofobia**. 116f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

DANTAS, B. S. do A. A dupla linguagem do desejo na Igreja Evangélica Bola de Neve. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 30 (1), 2010, p. 53-80.

DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Rev. Horizonte antropológico**, v. 16, n. 34, Porto Alegre, jul/dez., 2010, p. 49-70.

DOLE, A. **Osez...la masturbation masculine**. Paris: Éditions La Musardine, 2010.

DSM-IV-TR. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 4 ed. (rev.). Porto Alegre: Artmed, 2002.

DUARTE, L. F. D.; JABOR, J. M. J.; GOMES, E. L.; LUNA, N. Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. Em: DUARTE, L.F.D.; HEILBORN, M.L.; BARROS, M.L.; PEIXOTO, C. (org.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

_____. Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação. Em: DUARTE, L. F. D.; HEILBORN, M. L.; BARROS, M. L.; PEIXOTO, C. (org.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

_____. Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F. D.; BARROS, M. L.; PEIXOTO, C.; BOZON, M. (orgs.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. Em: HEILBORN, M. L. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 21-30, 1999.

EGYPTO, A. C. O projeto de orientação sexual na escola. Em: EGYPTO, A. C. (Org.) **Orientação sexual na escola – um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

ESPERANDIO, M. R. F. A identidade Batista e o espírito da Modernidade. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisas do Protestantismo da Escola Superior de Teologia**, v.6, jan./abr., 2005.

FELIPE, J. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. **Pro-posições**, v. 18, n. 2(53), mai./ago., 2007.

_____. **Entre tias e tiazinhas:** Pedagogias Culturais em circulação. Em: SILVA, L.H. Século XXI: Qual o conhecimento? Qual o currículo? Petrópolis: Vozes, 1999.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual:** retomando uma proposta, um desafio. 3. ed. Londrina: EDUEL, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais:** adiar não é mais possível. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: EDUEL, 2006.

FISCHER, R. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, 28 (1), 151-162, jan./jun, 2002.

_____. Mídia e produção de sentidos. SILVA, L. H. (org.). **A escola cidadã no contexto da globalização.** Petrópolis: Vozes, 1998.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** A vontade de saber. 13ª edição. (ALBUQUERQUE, M. T. C.; ALBUQUERQUE, G., trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FURLANI, J. Mulheres só fazem amor com homens? A educação sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Em: **Pro-posições**, 2(56), v. 19, n. 2, mai./ago., 2008.

_____. Sexo, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. Em: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 46, pp. 269-285, dez., 2007.

_____. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em Educação Sexual.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GARTON, S. **História da sexualidade:** da Antiguidade à Revolução Sexual, (FELIX, M., trad.). Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

GIUMBELLI, E. Ensino Religioso em Escolas Públicas no Brasil: notas de pesquisa. **Revista Debates do NERP, Religião e Políticas Públicas**, n.14, UFRGS: p. 69-88, 2008.

GOMES, E. E. **Ensaio etnográfico sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé; “vem, você vai gostar”.** 199f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010a.

_____. A socialização no aprisco do Senhor. **Cadernos CERU**, série 2, v. 21, n.2, dez., 2010b.

GREGERSEN, E. **Práticas Sexuais** – a história da Sexualidade Humana. São Paulo: Editora Roca, 1983.

GROSSI, M. P. Identidade de gênero e sexualidade. Em: **Antropologia em 1ª mão**, Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.

GUERRA, J. “**Dos segredos sagrados**”: sexualidade e gênero no cotidiano de uma escola infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

GUILLEBAUD, J. C. **A tirania do prazer**. (KÜHMER, M. H., trad.). Rio de Janeiro: Bert

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola**: Mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

HALL, S. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAYERLOCK, E. **Psicologia do sexo**. (RAMIRES, P. P. C., trad.) Rio de Janeiro: Editora Bruguera, 1971.

HEILBORN, M.L. Família e sexualidade: novas configurações. Em: HEILBORN, M.L. **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. Construção de si, gênero e sexualidade. Em: HEILBORN, M. L. (org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 40-58, 1999.

HUNT, J. **Osez...la masturbation féminine**. Paris: Éditions La Musardine, 2008.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, p. 1-215, 2012. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em 23/05/2013.

JUNQUEIRA, R. D. Heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar: a Pedagogia do Armário. Em: **Revista Educação On-line PUC-Rio**, n.10, pp. 64-83, 2012. Disponível em:

http://www.maxwell.lambda.elepecurio.br/ver_edu_online.php?strSecao=imput.

_____. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbicos. Em: **Espaço do currículo**, v. 2, n. 2, pp. 208-230, set.2009/mar.2010, 2010.

_____. Homofobia nas escolas: um problema de todos. JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, UNESCO, p. 213- 233. (Coleção Educação para todos), 2009.

JUNQUEIRA; S. R. A; FRACARO, E. M. História da formação do professor de Ensino Religioso no Contexto Brasileiro. Em: **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. III n.9, jan., 2011.

KAWATA, H. de O.; NAKAYA, K. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. Reeducação sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a. **Revista Linhas**, v.11, n.01, p.85-111, 2010.

LEITE JR., J. **Das maravilhas e prodígios sexuais**. A pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

LEWINSOHN, R. **História da Vida Sexual**. (Maria Lúcia Pessoa de Barros, trad.). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, s/d.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições** (Unicamp), v. 19 (2), 17-23, 2008.

_____. Teoria queer – uma nova política pós identitárias para a educação. Em: **Revista dos Estudos Feministas**, Florianópolis, 9(2), 541-553, 2001.

_____. Pedagogias da sexualidade. Em: LOURO, G. L.(org.). **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

_____. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. Em: Projeto História, São Paulo (11), nov., 1994.

LOYOLA, M. A. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. Em: HEILBORN, M. L. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 31-39, 1999.

MACHADO, M. D. C. A magia e a ética no pentecostalismo brasileiro. Em: **Revista Estudos de religião**. Ano XXI, n.33, p. 12-26, jul./dez., 2007.

_____. Religião, família e individualismo. Em: DUARTE, L. F. D.; HEILBORN, M. L.; BARROS, M. L.; PEIXOTO, C. (org.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

_____. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. Em: **Revista dos Estudos Feministas**, 13 (2): 256, mai./ago., 2005.

_____. “Pentecostalismo e a redefinição do feminino”. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro: ISER, v. 17, n. 1, p. 140-159, 1996.

_____. Corpo e moralidade sexual em grupos religiosos. **Revista dos Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 3, n. 1, v. 1, p. 7-27, 1995.

MAFRA, C. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. Números e narrativas. Em: **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p.13-25, jul./dez., 2013.

MAIA, A. C. B. Sexualidade: reflexões sobre um conceito amplo. **Sbpn: Scientific Journal**, São Paulo, v.5, n.1, p. 45-48, 2001.

_____. O Processo de Repressão e Educação Sexual. Tema 3. Em: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Orgs.). **Sexualidade e Infância**. Cadernos Cecemca n. 1. Bauru, Faculdade de Ciências: CECMCA; Brasília: MEC/SEF, p. 47-64, 2005.

MAIA, A. C. B.; MAIA; A. F. O Processo de Repressão e Educação Sexual. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Orgs.). **Sexualidade e Infância**. **Cadernos Cecemca** n. 1. Bauru, Faculdade de Ciências: CECMCA; Brasília: MEC/SEF, p. 47-64, 2005.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. Laicidade à brasileira: Católicos, Pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Revista Civitas**. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, mai./ago., 2011.

_____. Expansão pentecostal e o caso da Igreja Universal. **Revista Estudos Avançados**, 18 (52), 2004.

_____. O futuro não será protestante. **Revista Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre, ano 1, v. 1, n. 1, p. 89-114, set., 1999.

MARIZ, C. A Renovação Carismática: uma igreja dentro da Igreja? Em: **Revista Civitas**, v.3 n.1, jun., 2003.

MARTINEZ, M. L. A transformação da pornografia. **Revista Habitus**: revista eletrônica dos alunos de graduação em ciências sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 56-68, dez/2009. Semestral. Disponível em: www.habitus.ifes.ufrj.br, acesso em 08/08/2013.

MARTINS, M. G. T. **Concepções de adolescentes de ambos os sexos sobre a Masturbação** (Um Estudo de Crenças entre Alunos de uma Escola da Rede Pública de João Pessoa). Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Sexualidade Humana da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2005. Disponível em: http://www.gracamartins.com.br/monografias/Monografia_final%20CREN%C3%87AS%20DE%20ADOLESCENTES%20SOBRE%20MASTURBA%C3%87%C3%83O.pdf.

MASTERS, W.; JOHNSON, V. **A conduta sexual humana**. 3ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979.

MELO, L.; FREITAS, F.; PEDROSA; BRITO, W. Para além de um kit anti-homofobia: políticas públicas para a educação e para a população LGBT no Brasil. **Revista Bagoas**, n. 7, p. 99-122, 2012.

MENDONÇA, A. G. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. Em: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (org.). **As religiões do Brasil: continuidades e rupturas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 89-110, 2011.

_____. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**. CAMPOS, L.S. (org.). 2ª ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

_____. De novo o sagrado selvagem: variações. Em: **Revista Estudos da Religião**, ano XXI, n. 32, p. 22-33, jan./jun., 2007.

MISKOLCI, R. A teoria queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. Em: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, pp. 150-182, jan./jun., 2009.

MOTTIER, V. **Sexuality, a very short introduction**. New York: Oxford University press, 2008.

NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. Em: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.21, n. 61, jun., 2006.

_____. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. Em: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F. D.; PEIXOTO, C.; BARROS, M. L. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

NEUMANN, A. L.; NETO, F. R.; RIO, C.L.; SAKAE, T. M. Perfil da sexualidade feminina em universitárias de um curso de medicina de Santa Catarina. Em: **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 40, n.1, p, 51-65, 2011.

NUNAN, A. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

ORO, A. P. A laicidade no Brasil e no Ocidente. Algumas considerações. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p.221-237, mai./ago., 2011.

PAIVA, V.; ARANHA, F.; BASTOS, F. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil, 2005. Em: **Revista Pública**, 42, suplemento 1, p. 54-64, 2005.

PANTOJA, V.; COSTA, M. C. C. Faces do pentecostalismo brasileiro: Assembleia de Deus no Norte e Nordeste. Em: **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 245-271, jul./dez., 2013.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões** – A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PASTANA, M.; MAIA, A. C. B. Medo, Tensão e Vergonha: Representações negativas de sexualidade na seção Sexo da Revista Capricho. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 11, p. 93-99, 2012.

PEREIRA, P. C.; MAIA, A. C. B. Concepções sobre sexualidade e masturbação entre universitários. Em: Filomena Teixeira; Isabel P. Martins; Paulo Rennes Marçal Ribeiro; Isabel Chagas; Ana Cláudia Bortolozzi Maia; Teresa Vilaça; Ari Fernando Maia; Célia Regina Rossi; Sônia Maria Martins de Melo. (Org.). **Sexualidade e Educação Sexual: políticas educativas, investigação e práticas**. Braga, PT: Edições CIED - Centro de Investigação em Educação Universidade do Minho, v. 1, p. 174-179, 2010.

PEREIRA, P. C.; MAIA, A. C. B. Padrões normativos em sexualidade e gênero: análise de um guia para adolescentes, pais e professores. Em: II Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual, 2012, Araraquara. **Anais...**, 2012.

PIERUCCI, A. F. Cadê nossa diversidade religiosa – Comentário ao texto de Marcelo Camurça. Em: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (org.). **As religiões do Brasil: continuidades e rupturas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 49-51, 2011.

_____. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. Em: SOUZA, I. (org.). **A atualidade de Max Weber**, Brasília: UNB, 2000.

RANKE-HEINEMANN, U. **Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. 4ª edição. (FRÓES, P., trad.). Rio de Janeiro. Record: Rosa dos tempos, 1996.

REICH, W. **A função do orgasmo**. 19ª edição. São Paulo: editora Brasiliense, 1995.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação Sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

_____. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. Tema 1. (p. 17-32). Em: MAIA, A.C.B.; MAIA, A.F. (Orgs.). **Sexualidade e Infância**. Cadernos Cecemca n. 1. Bauru, Faculdade de Ciências: CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005.

ROMUALDO, C. **Masturbação**. São Paulo: Arte Impressa, 2003.

ROSSI, J. S. **Avanços e limites da política de combate à homofobia: uma análise do processo de implementação das ações para a educação do programa Brasil sem Homofobia**. 186f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação – UFRGS. Porto Alegre: 2010.

SALEM, T. “Homem...já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. Em: HEILBORN, M.L. **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. Em: Aquino, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SEFFNER, F.; SANTOS, R. B. Ensino religioso no interior do estado laico: análise e reflexões a partir do estudo de caso em três municípios gaúchos. Em: **Revista Notadum**, n. 28, jan./abr., p. 67-80, 2012.

SETTON, M. G. J. A socialização como um fato social total: notas introdutórias sobre a teoria de habitus. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n.41 mai./ago., 2009.

_____. As religiões como agentes de socialização. **Cadernos CERU**, série 2, v. 19, n. 2, p. 15-25, dez., 2008.

_____. Práticas e representações sociais entre jovens: um estudo sobre a importância das matrizes de cultura, família e religião em Santarém, Pará. **Cadernos CERU**, n. 17, p. 193-223, 2006.

_____. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n.2, p. 335-350, nov., 2005.

_____. Família, escola, mídia: um campo com novas configurações. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 107-116, jan./jun., 2002.

SILVA, B.; RIBEIRO, P. R. C. **Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico**. , v. 19, p. 521-533, 2011.

SILVA, C. G.; SANTOS, A. O.; LICCIARDI, D. C.; PAIVA, V. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. Em: **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13 (4), pp. 683-693, out/dez, 2009.

SILVA, C. G. da; PAIVA, V.; PARKER, R. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. **Interface** (Botucatu. Impresso), v. 17, p. 103-117, 2013.

SILVA, J. C. C. B. Entre a liberdade e a igualdade política: a discussão entre liberais e feministas sobre pornografia. II Simpósio de Gênero e Políticas Públicas, Londrina, agosto, **Anais...** de 2011, s/p.

SILVA, M. C. P. **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SILVA, V. X. L.; MARQUES, A. P. O.; LYRA, J.; MEDRADO, B.; LEAL, M. C. C.; RAPOSO, M.C.F. Satisfação sexual entre homens idosos usuários da atenção primária. Em: **Revista Saúde e Sociedade**: São Paulo, v.21 (1), p. 171-180, 2012.

SOUZA, C. Z. V. G. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. **Rev. Última Década**, n. 20, CIPDA, Viña del Mar, jun/2004, p. 47-69.

STEARNS, P. N. **História da Sexualidade**. (Renato Marques, trad.). São Paulo: Contexto, 2010.

TAVARES, F. R.; CAMURÇA, M. A. Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais. **Revista Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 99-119, out., 2006.

TORRES, V. C. **O ensino religioso nas escolas públicas brasileiras: um desafio democrático para o Estado laico**. 54f. Monografia apresentada para a conclusão do curso em Serviço Social. Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília. Brasília (DF), 2009.

UZIEL, A. P. Homossexualidade e parentalidade: ecos de uma conjugação. Em: HEILBORN, M.L. **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VAN USSEL, J. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, M. T. A. C.; MORAES, N. B. F.; SANTOS, F. G.; SILVA, L. C. Estudo sobre a sexualidade entre os universitários moradores de casas do estudante do Sul do Brasil. Em: **Revista da AMIRGS**, Porto Alegre, 54 (4), p. 399-405, out/dez, 2010.

XAVIER FILHA, C. Educação para a sexualidade: entre carregar água na peneira, catar espinhos na água e a prática de despropósitos. Em:_____. **Educação para a**

sexualidade, equidade de gênero e diversidade sexual. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. Em: LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política e Educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do Capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

WHITAKER, D. C. A. **Mulher-Homem: O mito da desigualdade.** São Paulo: Moderna, 1989.

ZILLES, U. Visão cristã da sexualidade humana. Em: **Revista Teocomunicações.** Porto Alegre, v. 39, n. 3, set./dez..., p. 336-350, 2009.

APENDICE 1. Termo consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO - 1ª via do pesquisador

Declaro que fui convidado(a) a participar da pesquisa **A EDUCAÇÃO SEXUAL FAMILIAR E RELIGIOSIDADE NAS CONCEPÇÕES SOBRE MASTURBAÇÃO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS** sob a responsabilidade da Profa Ana Cláudia Bortolozzi Maia e da pesquisadora em nível de Mestrado, regularmente matriculada no programa de pós graduação Educação Escolar da Unesp-Araraquara, PATRICIA CRISTINE PEREIRA, que fui esclarecido(a) sobre os objetivos gerais da pesquisa, os procedimentos metodológicos envolvidos e as finalidades de divulgação dos dados de modo acadêmico e científico e que a pesquisa atende as exigências éticas da Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96. (*Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos/CONEP/Conselho de Ética em Pesquisa*).

Declaro que fui informado(a) de que a minha participação na pesquisa é gratuita e não envolve nenhuma situação de risco à minha integridade física ou moral. Entendi que minha participação será a de responder a um questionário, que a minha identificação será mantida no anonimato e que posso desistir da participação em qualquer momento, além de manter contato para esclarecimentos com o pesquisador responsável.

Eu, _____
_____, RG: _____, concordo em participar, de forma voluntária, deste estudo e autorizo a utilização das respostas que emiti neste questionário para fins de divulgação acadêmica e científica, desde que seja mantido o anonimato da minha identificação.
Data: ____/____/_____.

Assinatura: _____

Uma 2ª via deste termo foi entregue aos participantes.

Responsáveis: Patrícia Cristine Pereira e Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia.

Departamento de Psicologia/ FC/Unesp-Bauru. Telefone: (14) 3103 6087

E-mail: pcristinepereira@yahoo.com.br; aclaudia@fc.unesp.br